



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO E CULTURA: LEITURA DO CEMITÉRIO DE
SÃO JOÃO BATISTA – MANAUS/AM

Maria Terezinha da Rosa Cupper

MANAUS-AM
2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARIA TEREZINHA DA ROSA CUPPER

**EDUCAÇÃO E CULTURA: LEITURA DO CEMITÉRIO DE
SÃO JOÃO BATISTA – MANAUS/AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Amélia Regina Batista Nogueira.

**MANAUS-AM
2009**

Ficha Catalográfica
(Catalogação na fonte realizada pela Biblioteca Central – UFAM)

L557f	Cupper, Maria Terezinha da Rosa. Educação e Cultura: Leitura do Cemitério de São João Batista – Manaus/Am. - Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009. 152 f.; il. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Amazonas, 2009. Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Amélia Regina Batista Nogueira. 1. Educação 2. Cultura 3. Cemitério de São João Batista. I. Título	CDU 371.13056.262	CDD 371.12
-------	---	-------------------	------------

MARIA TEREZINHA DA ROSA CUPPER

**EDUCAÇÃO E CULTURA: LEITURA DO CEMITÉRIO DE
SÃO JOÃO BATISTA – MANAUS/AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Amélia Regina Batista Nogueira.

Aprovado em 20/01/2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Amélia Regina Batista Nogueira – Presidente
Universidade Federal do Amazonas/ICHL – UFAM

Prof.^a Dr.^a Antonia Silva de Lima – Membro
Universidade Federal do Amazonas/FACED – UFAM

Prof. Dr. Benhur Pinôs Costa – Membro
Universidade Federal do Amazonas/ICHL – UFAM

DEDICATÓRIA

Ao Príncipio Criador.

*A meus antepassados in memória aos quais
homenageio na memória de meus pais:
Maria de Lourdes Severo da Rosa e
Manoel José Cupper.*

*Ao mestre Irineu Raimundo Serra e Pad.
Sebastião Mota e a todos os que
“repousam” no Cemitério de São João
Baptista e Cemitério Comunal Judaico em
especial ao Rabbi Salom Moyal.*

AGRADECIMENTOS

Aos professores da banca que entenderam meus esforços no sentido de enfrentar minhas próprias limitações.

Ao grupo de jovens que me acompanharam nesta jornada. Ao olhar sob as lentes de Victória, Randiza e Lorena.

A Jean, Jucélia, Silvia .Lorena Duarte, Randiza Santis, Victória Cupper Orlandini.

Aos funcionários do Cemitério de São João Batista.

Aos alunos da Famerj Curso de Serviço Social turma 3º período/2º semestre ano 2007.

Aos alunos do curso de Geografia/UFAM, 2º semestre 2004/2007. Aos quais agradeço a todos destacando Francisco Bessa por colaboração.

Fernando Ramos grande incentivador deste trabalho e William Kashimura que prestimosamente participou de visitas e dos questionários.

Aos professores do Departamento de Geografia da UFAM, aos quais prestei agradecimentos nas pessoas dos professores Evandro Aguiar e Maria Angélica Bizari Cavicchioli.

Ao professor Dr. Oloni Mesquita pela gentil interlocução no projeto inicial.

Ao professor Dr. Benhur Pinão pela co-orientação.

A orientadora professora Dr.ª Amélia Regina por sua participação e apoio.

E a FAPEAM por ter concedido a Bolsa RH AMAZÔNIA através da qual pude realizar os estudos e, novamente a FAPEAM pelo Programa PAPÉ que me

concedeu passagens para participar de eventos, sem dúvida me proporcionaram alargar meus horizontes e o universo da pesquisa em si.

A todos sincero agradecimento.

Se algum nome foi esquecido não foi por ingratidão. Por isso, reitero meus agradecimentos a todos os seres... com a certeza de que
"Todos as flores são Divinas
Todos os sonhos contêm amor
Todas as formas de viver a vida neste mundo
Abençoa Senhor [...]" (VICTÓRIA CUPPER ORLANDINI, 2007).

POR TUDO ISSO... Muito Obrigada!

RESUMO

Este trabalho buscou identificar o Cemitério de São João Batista, Manaus, como paisagem e lugar que educa. Primeiramente identificando-o como paisagem cultural de /na cidade de Manaus pela porção histórica contida em seus artefatos, pela história do próprio cemitério e sua gente. Depois buscou-se identificá-lo como lugar vivido para os funcionários que ali trabalham e outros que por ali deambulam fazendo parte do cotidiano do lugar. Através da observação empírica, de conversas informais e formais, foram criados os roteiros para as paisagens que foram identificadas mediante a percepção do pesquisador e de acadêmicos de formação variada, professora de Língua Portuguesa, grupo de alunos do Ensino Fundamental aos quais aplicamos questionário e funcionários do cemitério. O trabalho está fundamentado na Geografia e se destina ao ensino de Geografia para ser aplicado mediante Estudo do Meio de caráter interdisciplinar. Aspectos históricos, éticos, estéticos, ambientais e sociais são contemplados, assim como alguns Temas Transversais.

Palavras-Chave: Educação. Cultura. Cemitério de São João Batista.

ABSTRACT

Ce travail a cherché identifier au Cimetière de Sain João Batista, Manaus, mange paysage et place laquelle il instruit. Premièrement idenficando le je mange du paysage culturel de /na ville de Manaus par la portion historique contenue dans leurs dispositifs, par l'histoire du cimetière lui-même et ses gens. Il s'est ensuite cherché l'identifier mange place vive pour les fonctionnaires qui là travaillent et autres qui par là déambulent en faisant partie du quotidien de la place. À travers le commentaire empirique, de conversations informelles et formelles, ont été créés les manuscrits pour les paysages qui ont été identifiés moyennant la perception du chercheuse et des académiciens de formation variée, enseignante de Langue Portugaise, groupe d'élèves de Ensino Fondamental auquel nous appliquons questionnaire et fonctionnaires du cimetière. Le travail est basé dans la Géographie et il se destine à l'enseignement de Géographie pour que appliquent moyennant Étude du Moyen de caractère interdisciplinaire. Des aspects historiques, moraux, esthétiques, environnementaux et sociaux sont envisagés, ainsi que quelques Sujets Transversaux.
writers, enabling them to appropriate of reading and writing in their social practices.

Key-Words: Language. Textual genres. Didactical sequence. Text reading. And writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os símbolos cristãos como a cruz.....	27
Figura 2 – Cemitério Comunal Judeu, uma visão dos túmulos (<i>Keburot</i>).....	27
Figura 3 – Algumas representações encontradas no Cemitério de São João Batista.....	33
Figura 4 – Algumas representações encontradas no Cemitério de São João Batista.....	33
Figura 5 – Algumas representações encontradas no Cemitério de São João Batista.....	33
Figura 6 – Uma pessoa é sua biologia, seu meio ambiente, seu passado, suas influências acidentais, a maneira como vê o mundo e a maneira pela qual deliberadamente prepara a imagem pública.....	35
Figura 7 – Capela da Irmandade Santíssimo Sacramento.....	36
Figura 8 – Túmulo da Maçonaria. Loja 28 de Julho.....	37
Figura 9 – Algumas das formas Simbólicas encontradas no C.S.J.B.....	38
Figura 10 – Algumas das formas Simbólicas encontradas no C.S.J.B.....	38
Figura 11 – Cemitério de São João Batista.....	39
Figura 12 – A terra e o céu.....	42
Figura 13 – Artefato construído pela marmoraria Italo-amazonense. Ano de 1927.....	44
Figura 14 – Flores em pedra & Flores Naturais.....	45
Figura 15 – Retratos em porcelana.....	46
Figura 16 – Retratos em porcelana.....	46
Figura 17 – Retratos em porcelana.....	46
Figura 18 – Contraste de tempos e práticas.....	46
Figura 19 – Representação Imagem devocional profana: A pranteadora.....	47
Figura 20 – Funcionárias da secretaria do C.S.J.B.....	48
Figura 21 – Cemitério no Perímetro urbano de Manaus.....	58
Figura 22 – Antigos túmulos & peças escultóricas.....	64
Figura 23 – Cemitério.....	68
Figura 24 – Entrada pela avenida Boulevard Álvaro Maia.....	69
Figura 25 – Mapa de Orientação.....	70
Figura 26 – Capela de estilo. Inaugurada em 1906, gestão de Adolpho Lisboa.....	71
Figura 27 – Fundos da capela contrastando com o azul do céu.....	72
Figura 28 – Trabalhadores autônomos.....	76
Figura 29 – Cuidado, zelo e saudade.....	77
Figura 30 – Serviço de Zeladoria do jazigo.....	78
Figura 31 – Operário circulando de bicicleta.....	79
Figura 32 – Enterro sob chuva forte.....	79
Figura 33 – Uma pessoa, um cão, um enterro na tarde chuvosa.....	79
Figura 34 – Túmulo deteriorado.....	80
Figura 35 – Caixão carregado para capela por causa da chuva forte.....	80
Figura 36 – Morador de rua & capelinha da Irmandade & com gato no colo.....	80
Figura 37 – Restos mortais expostos a céu aberto.....	80

Figura 38 – Sr. João Batista ao lado do mausoléu mais representativo para ele.....	85
Figura 39 – “Como se fora brincadeira de roda, memória Jogo do trabalho na dança das mãos...”.....	87
Figura 40 – Anjo portando características do século XX.....	88
Figura 41 – Senhora sentada no jazigo da família com o cão de estimação.....	89
Figura 42 – Animais emprestam à paisagem cores, sons, movimentos.....	90
Figura 43 – Animais emprestam à paisagem cores, sons, movimentos.....	90
Figura 44 – Animais emprestam à paisagem cores, sons, movimentos.....	90
Figura 45 – Vestígio de “prática religiosa”.....	92
Figura 46 – Visão de dentro & Lazer.....	94
Figura 47 – Registro de trabalho de escavação na Praça Dom Pedro II.....	99
Figura 48 – Sentimento patriótico. Muitos militares estão enterrados no C.S.J.B.....	106
Figura 49 – Sentimento patriótico. Muitos militares estão enterrados no C.S.J.B.....	106
Figura 50 – Movimento na tarde chuvosa. Um esquife está sendo carregado para a capela.	115
Figura 51 – Velhos túmulos. Novos túmulos. Tempo acumulado.....	115
Figura 52 – Velhos túmulos. Novos túmulos. Tempo acumulado.....	115
Figura 53 – Obras da administração do Intendente Adolpho Miranda Lisboa, 1895.....	117
Figura 54 – Obras da administração do Intendente Adolpho Miranda Lisboa, 1895.....	117
Figura 55 – Conjunto de Jazigos tombados pelo Patrimônio Histórico Estadual.....	119
Figura 56 – Conjunto de Jazigos tombados pelo Patrimônio Histórico Estadual.....	119
Figura 57 – Dois anjos. Dois fragmentos de tempo e ações.....	120
Figura 58 – Detalhes da capela da “santa Etelvina”.....	121
Figura 59 – Etelvina D Alencar * 1884 + 17/03/1901.....	122
Figura 60 – <i>Keburah</i> (sepultura) localizada no Cemitério secular e cristão de São João Batista.....	122
Figura 61 – Epigrafia do <i>Keburah</i> de Ribbi Salon Moyal.....	123
Figura 62 – Jazigo de Tereza Cristina menina denominada de “santa”.....	124
Figura 63 – Túmulo 01. Recebeu o primeiro sepultamento no C.S.J.B. em 19 de abril de 1891.....	125
Figura 64 – Busto de Eduardo Ribeiro.....	126
Figura 65 – J.Jefferson C. Peres *19/03/1932 + 23/05/2008.....	129
Figura 66 – “Paisagem Singularidade”: Jazigo com escultura do cachorro.....	130
Figura 67 – Capela em formato de Mesquita. Presença do Multiculturalismo.....	132
Figura 68 – Portão de entrada.....	133
Figura 69 – Na placa situada à entrada do Cemitério Comunal Judaico.....	133
Figura 70 – Visão geral do cemitério.....	134
Figura 71 – Adolescentes pedalando.....	136
Figura 72 – Visão Aérea do Cemitério S.J.B.....	141
Figura 73 – Arborização.....	141

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1	
1 – O CEMITÉRIO ENQUANTO PAISAGEM LUGAR SUA DIMENSÃO EDUCATIVA.....	23
1.1 – O Cemitério enquanto Paisagem.....	25
1.1.1 – Paisagem Cultural.....	28
1.1.2 – Paisagem Simbólica.....	31
1.1.3 – Arte Cemiterial.....	40
1.1.4 – Alguns Artefatos do C.S.J.B.....	42
1.2 – O Cemitério enquanto Lugar.....	47
CAPÍTULO 2	
2 – O CEMITÉRIO E A PRODUÇÃO DA CIDADE.....	52
2.1 – Secularização dos Cemitérios no Brasil.....	53
2.1.1 – Antecedentes.....	54
2.2 – Secularização e Espacialização dos Cemitérios em Manaus.....	55
2.3 – O Cemitério de Manaus.....	59
2.4 – Caracterização Histórico-Geográfica do Cemitério de S.J.B.....	66
2.4.1 – Síntese Histórica.....	66
2.4.2 – Localização.....	68
2.4.3 – A Capela.....	70
2.5 – A Cidade e o Cemitério Hoje.....	71
2.6 – O Cotidiano do/no Cemitério de S.J.B.....	74
2.6.1 – Descrevendo o cotidiano propriamente dito.....	82
2.6.2 – Cemitério de São João através dos atores sociais que o vivem.....	83
2.6.2.1 – <i>O Cemitério de São João Batista por seu João Batista</i>	84
2.6.2.2 – <i>Vitória, pequena menina em meio ao grande cemitério</i>	87
2.6.2.3 – <i>A família de Vitória por uma das contratantes para zelar mausoléu</i>	89
2.6.3 – Animais habitam a “cidade dos mortos”.....	90
2.6.4 – Práticas Religiosas no Cemitério de S.J.B e outros Usos.....	91
2.6.5 – Fragmentos do/no cotidiano.....	94
CAPÍTULO 3	
3 – LEITURA DO CEMITÉRIO DE SÃO JOÃO BATISTA.....	97
3.1 – O Cemitério de S. J. Batista enquanto Espaço Educativo.....	97
3.2 – Educação e Cultura no Cemitério.....	98
3.3 – Cemitério: Um Espaço Educativo.....	105
3.4 – Cemitério de São João Batista e as Paisagens de Aprendizagem.....	107

3.4.1 – Paisagens de Aprendizagem.....	109
3.4.1.1 – 1 ^a <i>Paisagem: Cemitério em Si</i>	114
3.4.1.2 – 2 ^a <i>Paisagem: Museu ao Ar Livre</i>	116
3.4.1.3 – 3 ^a <i>Paisagem de Aprendizagem: Santos Milagreiros</i>	120
3.4.1.4 – 4 ^a <i>Paisagem: Personalidades Históricas (Intelectuais, Políticos, Representantes da esfera pública)</i>	125
3.4.1.5 – <i>Paisagem Singularidade</i>	130
3.4.1.6 – 6 ^a <i>paisagem: Pluralidade Cultural</i>	132
3.4 – Idéias Norteadoras para Estudo no Cemitério	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS	146

INTRODUÇÃO

Não confundamos os nômades que incineram seus mortos porque os confiam ao vento, às estrelas ou ao oceano, e os sedentários que os enterram em posição fetal para devolvê-los à mãe terra que os fará renascer. Cada civilização trata a morte à sua maneira, motivo pelo qual são todas diferentes; e cada um tem suas formas tumulares; mas já não seria uma civilização se deixasse de tratar da morte (e o desaparecimento da arquitetura funerária torna nossa modernidade bastante próxima da barbárie) (DEBRAY, 1993 p. 27).

A epígrafe sintetiza a importância dos cuidados dispensados aos mortos para os grupos, as tribos, os povos, as nações, denotando que a ausência desta preocupação levaria o homem a agir como os animais, dos quais tem se distanciado na linha evolutiva. Estando cientificamente comprovado que a espécie humana é a única do reino animal a ter este comportamento diante da morte. Advém deste comportamento humano diante da morte a importância de se estudar o cemitério para além do *locus* da morte.

A preocupação com a morte e com o destino dos corpos tem permeado a humanidade desde seus primórdios. Primeiramente, as cavernas teriam servido de abrigo para os mortos, dando origem à cidade dos vivos. Montes de pedras, os rios, os mares, as grutas, o uso do fogo (LEWIS MUMFORD, 1963).

Historicamente, o homem tem deixado suas marcas pelo planeta, possibilitando que através de vestígios encontrados em diversas partes do globo terrestre, se tornasse possível o registro de sua passagem e de alguns de seus hábitos culturais. Os estudos acompanham e reconstituem a cultura de grupos, e, a preocupação humana com os restos mortais tem sido uma constante presença nestes estudos.

Através da arqueologia e da antropologia o uso dos materiais encontrados no local, a presença ou ausência da utilização de ferramentas rudimentares e, posteriormente, o uso da técnica, corrobora com a idéia de que a morte era uma das preocupações humanas e o homem teria se utilizado, desde o uso de montes de pedras, as grutas e cavernas, uso do fogo, bem

como dos rios e os mares, que também serviam de “última morada” até as construções piramidais, numa sequência temporal e espacial que comprovam a preocupação com a morte e com os cuidados dos mortos ao longo da evolução humana.

A morte tem sido uma incógnita na vida do homem, um enigma a ser decifrado. Todas as sociedades de um modo ou de outro têm demonstrado esta preocupação com a abstração da morte como algo que paira sobre todos, tornando-se um destino coletivo, porém, totalmente desconhecida mesmo em tempos de inovações tecnológicas.

O destino aos mortos foi uma das primeiras preocupações abstrata dos homens, demonstrando sentimento ou crença em algo transcendente. O que fazer com os restos mortais? Guardá-los numa tentativa de mostrar respeito ao que eles foram em vida? Preservá-los para uma possível nova vida como acreditava a civilização egípcia? Ou talvez cremá-los, como os indianos e chineses? Lançá-los ao mar? Enterrá-los como outros povos?

Não importa a maneira como este ato era praticado, o que se quer ressaltar é que o modo como os homens dão destino aos mortos têm estreita ligação com a cultura de um grupo, de um povo, porque o cemitério /campo santo/necrópole/ pirâmide/ /mastaba/ gruta/túmulos/ descanso na beira da estrada/ expressam espacialmente crenças, medos e mitos primevos (CASCUDO, 2002; ELIADE, 2006).

Cemitério é, portanto, a nomeação cristã ao local destinado ao sepultamento dos mortos. Em latim *coementerium*, do grego *koimterion*. Nos primeiros séculos da era cristã os cemitérios localizavam-se geralmente longe das igrejas e fora dos muros da cidade (BARSA, 1986, p. 222)

Numa época mais remota sob primórdio do cristianismo, o cemitério era o local de práticas religiosas da guarda dos restos mortais, proporcionando o encontro da comunidade que surgia como tal. O respeito aos mortos acompanha a sociedade humana. Os abrigos erguidos para proteção dos mortos foram se transformando em lugares santos, muitas igrejas surgiram de pequenos abrigos aos mortos.

Eram comuns os enterramentos dentro da própria igreja, nos adros e no entorno. Todos queriam se beneficiar da proximidade com um lugar santo. Tanto a cerimônia como o sepultamento era realizado nas igrejas até que uma “nova mentalidade” fosse assimilada, segundo Costa (1999, p.237) no final do século XVIII, que resultou no afastamento dos cemitérios e consequentemente - afastamento dos mortos -, para fora do perímetro urbano, em nome de normas disciplinadoras que propagavam o discurso médico-higienista, idéias oriundas da Europa, que aqui aportaram sob o poder público e aval da Maçonaria.

O argumento que se construiu para esse afastamento foi à necessidade de normatizar os enterramentos que eram feitos nos adros das igrejas tornando-as insalubres, bem como todo seu entorno. Neste período, o morto era visto como sagrado, portanto, a idéia da retirada dos mortos da igreja foi considerada uma idéia inadmissível. Apesar da manifestação popular contrária, foi inevitável a “saída” dos mortos da igreja. Em 1855, uma lei inglesa regulamenta a criação dos cemitérios que passando os sepultamentos a serem realizados fora do centro urbano, dando inicio ao processo de secularização dos cemitérios na Europa; Inglaterra, e França (COSTA, 1996; BORGES, 2001).

No Brasil, a partir da Proclamação da República, ficou nítida a separação entre os poderes civil e religioso, - leia Igreja Católica Apostólica Romana - o tratamento aos cadáveres até então responsabilidade da Igreja passou a ser gerenciado pelo poder público municipal, com algumas exceções de alguns grupos isolados de religiosos (católicos, evangélicos, judeus) e alguns grupos particulares (SOBRINHO, 2002).

Áreas maiores e em locais mais distantes da aglomeração urbana foram destinadas a construção dos cemitérios. Ressalta-se que quando as cidades crescem este local destinado ao cemitério deixa de ser um periférico e estes tornam a integrar-se ao centro urbano, como é o caso em Manaus do Cemitério de São João Batista.

A priori, constatou-se *grosso modo* que o cemitério guarda em si através da arquitetura de túmulos, materiais empregados, uso de cores, a diferenciação de tratamento que a sociedade da época concedeu aos mortos, percebeu-se que este tratamento sofre modificações ao longo do tempo.

Na questão espacial dentro do planejamento urbano, é preciso definir o local onde vai ser instalado o cemitério- “cidade dos mortos”- que é um espaço importante dentro da cidade além de ser necessário, estão/são impregnados de significados simbólicos.

A educação amazonense com raras exceções, não aponta este local como um objeto significativo que possa ser lido e interpretado dentro de uma sociedade em ininterrupta dinâmica e que não percebe a morte como consequência natural do ciclo biológico da vida.

Atribuiu-se ao seu caráter material (técnica e razão) e ao seu significado simbólico e representativo (emoção) à vontade de identificá-lo como possível paisagem de aprendizagem. Segundo esta visão apresentada o cemitério adquire importância e visibilidade agregando em si mesmo caráter educativo e cultural, deixando de ser apenas classificado meramente como aparelho urbano, tema este que será desenvolvido no decorrer do trabalho.

Aos educadores dentro de uma visão holística, oportuniza-se a sugestão de um estudo do meio, onde através da interdisciplinaridade poderão contemplar os aspectos cognitivos,

indo além, preparando os alunos para um mundo em mudanças, muitas das quais envolve abstrações, mitos e interditos, como a morte (ELIADE, 1961; ARIÈS, 1977).

O equipamento cemitério desde século XIX, em várias outras capitais internacionais e nacionais, vem despertando interesse das Ciências Sociais e Biológicas. Este interesse concede aos cemitérios importância histórica e cultural, possibilitando assim, que alguns sejam identificados como museu a céu aberto e/ou realçados em outros aspectos como em Corrêa, Borges, Rezende, Costa, Almeida, Cymbalista, entre outros.

A visão holística aqui empregada não significa juntar partes. Refere-se a trabalhar um mesmo objeto de acordo com os enfoques metodológicos de cada ciência que se une para troca e re-elaboração de conhecimentos, ressaltando aspectos até então encoberto, saindo da visão unilateral ampliando a percepção a cerca do mundo que nos rodeia, principalmente do objeto de estudo numa visão ampla e contextualizada que contemple o cemitério como um todo e não apenas como o local onde se enterram mortos.

Segundo Edgar Morin (2004) em *A Cabeça Bem Feita* a educação deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os problemas e, correlativamente, estimular o pleno emprego da inteligência geral (MORIN, 2004, p. 22). Neste sentido, um Estudo do Meio realizado no cemitério de São João Batista evidencia uma oportunidade ímpar de estudos extramuros envolvendo diversas disciplinas e alguns dos seus respectivos conteúdos.

A interdisciplinaridade, neste Estudo do Meio oportuniza que as disciplinas mantenham abordagem específica dentro da óptica de cada ciência. O objeto é comum a todas as disciplinas em consonância com o pensamento de que “A transdisciplinaridade pode ser entendida como uma metodologia que, com base em novos níveis de realidade, trabalha no espaço vazio entre as disciplinas e além delas” (RODRIGUES 2001, p. 29 apud PIMENTA, 2004, p. 91).

Depreende-se que o Estudo do Meio tendo como recorte temático a “Leitura” do Cemitério de São João Batista tende a convergência de experiências interdisciplinares, adequado a ser iniciado no ensino fundamental, (é adequado a todos os níveis) e pode envolver várias disciplinas da grade curricular. A proposta desta pesquisa é pensar a interdisciplinaridade a partir da Geografia.

O cemitério que será o abordado na pesquisa é o Cemitério de São João Batista, neste encontra-se um acervo considerável de artefatos, peças escultóricas, construções de estilo como a capela, conjunto dos portões e grades, bens materiais (contendo imaterialidade) que por si só justificam ações educativas assim como práticas de conservação e restauro.

Os objetivos propostos

- Perceber o cemitério, tomando como referência seus aspectos e dimensões: espacial, histórico, ético e estético a fim de identificá-lo como um espaço educativo.

Objetivos Específicos:

- a) Caracterizar histórico-geograficamente o cemitério de São João Batista como um local de significações dentro da cidade de Manaus enquanto construção social e simbólica.
- b) Descrever o que seja considerado como uma paisagem cultural dentro da cidade de Manaus e o cotidiano deste lugar, com alguns dos diversos atores sociais envolvidos, entendendo-o como um espaço educativo e de aprendizagem.
- c) Demonstrar que o cemitério de São João Batista contém entre seus muros o que nomeamos de paisagens de aprendizagem.

Na busca por estratégias de ensino compatíveis com a realidade e ao mesmo tempo desafiante, optou-se pelo Estudo do Meio realizado no Cemitério de São João Batista. Buscou-se antes de tudo contemplar o cemitério como um objeto de estudo a ser inserido no ensino Fundamental e poderá ser trabalhado em todos os níveis de ensino, numa proposta interdisciplinar através do ensino de geografia evidenciando aspectos históricos, espaciais, éticos e estéticos entre outros.

Procurou-se argumentos que identificasse o Cemitério de São João Batista como um lugar educativo, onde se aprende sobre a geografia, a história, arte e modo de vida, especificidades de linguagens, representações de mundo, de valores, de relações interpessoais e de criações cotidianas (PCNs, 1997).

Um Estudo do Meio com abordagem qualitativa, na coleta de dados e compreensão da pesquisa, com enfoque fenomenológico. Estudou-se o local através das categorias: paisagem, lugar e cotidiano, com encaminhamento metodológico plural e exploratório no tange à sua finalidade (VERGARA, 2000).

Silva (1986) aponta que a tendência dos estudos fenomenológicos é o estudo do lugar do ponto de vista do sujeito. Procurou-se apreender o significado do cemitério de São João Batista não apenas um lugar que existe objetivamente na cidade, mas como um meio ambiente que é sentido, percebido pelo pesquisador e pelos atores envolvidos.

A Pesquisa Qualitativa proporciona a possibilidade de responder a questões particulares, segundo Minayo (1992) este tipo de pesquisa permite trabalhar com um nível de realidade que não pode ser quantificado, realçando valores, representações, opiniões e atitudes. Permite uma compreensão de fenômenos com alto grau de complexidade interna.

Embora com nomenclaturas diferentes há semelhanças e congruências entre: Estudo do Meio e a Leitura da Paisagem. Escolheu-se usar no título do trabalho a Leitura e como

recurso o Estudo do Meio. Na verdade é um Estudo do Meio através da Leitura da Paisagem do Cemitério. Ambos exigem que *a priori* sejam feitas pesquisas sobre o local.

O Estudo do Meio caracteriza-se pela utilização de metodologia específica de trabalho, envolvendo o grupo executor com as fontes de informação oriundas de contextos cotidianos – social e natural. É por excelência uma atividade didática que possibilita ao educando entrar em contato com contextos vivos e dinâmicos da realidade. Neste estudo, o educando entra em contato com a realidade, com a paisagem cultural - neste caso - que permite observar o presente e o passado, a parte e o todo, o particular e o geral, a diversidade e as generalizações, as contradições e o que se pode estabelecer de comum no diferente (PCNs, 1997 p. 90).

Na leitura do cemitério de São João Batista como um lugar que também educa o recorte temporal escolhido não foi estabelecido numa temporalidade linear porque quando se trata do espaço destinado aos mortos e morte, fala-se de “temporalidades muito extensas e de transformações imperceptíveis a princípio” (CYMBALISTA, 2001, p. 17). Este autor recomenda que se atenha ao fato de que a historicidade do cemitério secular brasileiro é diferente da secularização européia, contendo muita particularidade. Em determinados momentos o tempo referido é o atual, quando necessário para manter um fio condutor e elucidar fatos, utilizaremos tempo sincrônico e anacrônico.

Maria Elizia Borges¹ em seus estudos da arte cemiterial adotou um modelo de ficha de catalogação e estabeleceu as categorias a serem pesquisadas nos cemitérios; sítios arqueológicos (cemitério); artefatos (jazigos) e os atributos dos artefatos que podem conter signos verbais (epigrafias tumulares) e não-verbais (esculturas, pinturas e fotografias, etc.). Mediante a ficha de catalogação de Borges, neste Estudo do Meio no Cemitério de São João foram encontrados artefatos de vários estilos e tamanhos, do túmulo simples, ao jazigo-capela, o mesmo se deu em relação aos atributos dos artefatos que são encontrados tanto com signos verbais e não-verbais. Muitos possuem os atributos verbais, não-verbais como escultura e fotografia. Escolheu-se para mostra os que possuíam evidências como paisagem de aprendizagem. E, também serão mostrados os artefatos apontados pelos atores sociais que convivem no Cemitério de São João Batista.

Yu Fu Tuan (2002) em Topofilia ressalta o simbolismo das formas dos lugares sagrados, a apreciação estética e os símbolos de transcendência, e, Tania Lima (1974) classificou artefatos cemiteriais encontrados em cemitérios do Rio de Janeiro em três períodos temporais cada qual com características próprias. Com base nestes estudos os artefatos

¹ Universidade Federal de Goiás. Referência em estudos da Arte Cemiterial. Comitê Brasileiro.

apontados pelos atores, estudantes e pesquisador, serão interpretação no que se refere à visível representação simbólica contida.

Ao levar para sala de aula o Estudo do Meio a partir do cemitério, abre-se espaço para sair da rotina e dos livros didáticos, muitos dos quais por serem feitos em outra região e, portanto, não priorizam a realidade local contribuindo deste modo para que o aluno tenha dificuldade em abstrair conceitos fundamentados em exemplos nos quais ele não conhece e nem se reconhece.

Em Morin (2004) a educação que fazemos/recebemos tem privilegiado a “separação em detrimento da ligação, e a análise em detrimento da síntese.” Portanto, a ligação e a síntese não são priorizadas porque não se faz a associação entre os conhecimentos. Neste sentido, o Estudo do Meio no cemitério de S.J.B. pode servir como “um conhecimento particular em seu contexto e situá-lo em seu conjunto” (MORIN, 2004, p. 24).

Estabeleceu-se desta maneira através da Leitura da Paisagem as bases de um projeto “ecologizante”, como preconiza Morin, onde o objeto de estudo cemitério de São João Batista é percebido numa relação inseparável entre seu meio ambiente que é: cultural, social, econômico, político em que o professor de cada disciplina poderá ressaltar e evidenciar as qualidades percebidas e apreendidas no local no tocante a materialidade e a imaterialidade. Este Estudo do Meio proporciona deste modo a integração de conteúdos afins.

Assim, percebido, o cemitério deixa de ser meramente um local na cidade com a função de guardar os restos mortais, para se transformar em uma fonte (quase) inesgotável de pesquisa. Sendo deste modo percebido nesta proposta de um Estudo do Meio de caráter interdisciplinar com a inserção do cemitério de São João Batista como tema. A fundamentação teórica da proposta que se apresenta esta ancorada na Geografia da qual se discute algumas das categorias essenciais a Paisagem o Lugar e o Quotidiano.

Considerou-se o Cemitério de São João Batista como paisagem cultural, sob dois enfoques geográficos, paisagem objetiva e paisagem subjetiva. A paisagem objetivamente percebida trouxe à tona os elementos construídos que identificam-na como paisagem cultural.

Por sua vez, a paisagem subjetiva se mescla à categoria Lugar que remete ao vivido pelos atores sociais que ali trabalham através do e no Cotidiano. A percepção - resposta dos sentidos aos estímulos – reforça o sentido de que através do “olhar” a paisagem percebida torna-se uma abstração que é por sua vez, influenciada pelo inventário pessoal (ambiental, cultural) remetendo-nos novamente a suposta subjetividade desta leitura.

No entanto, na leitura que se faz a representação desta “possível percepção (sentido, sensação, sentimento)” pode ser “mapeada” e traduzida através de imagens, palavras

atribuindo ao pesquisador a mediação entre a subjetividade propriamente dita e a objetividade necessária.

Ressalta-se que a verdade não é dada através de nenhuma consideração objetiva da evidência, a verdade é subjetivamente admitida como parte da experiência e da perspectiva global da pessoa, segundo Tuan (1980, p. 70).

Não procedemos à análise das outras disciplinas as quais se propõe interdisciplinaridade nesta proposta de Estudo do Meio, no entanto, ao longo do trabalho pontuam-se reflexões que permitem enfatizar aspectos relevantes a este estudo.

Nesta proposta refletimos sobre a possibilidade deste Estudo do Meio a ser planejado e executado numa abordagem interdisciplinar, estimulando na sala de aula a pesquisa anteriormente feita em fontes bibliográficas local, o uso de entrevista com os moradores locais e, que possibilitem ao concluir o Estudo do Meio, a reflexão de que houve a valorização da cidade percebida por outro ângulo, pois a cidade possui dentre seus limites o cemitério – ao qual na maioria das vezes tem-se “virado as costas”.

O presente trabalho está assim constituído:

- No primeiro capítulo a fundamentação teórica da dissertação que está ancorada em três categorias principais: paisagem, lugar no cotidiano embora esta última categoria seja abordada no segundo capítulo.

- No segundo capítulo o objeto cemitério é apresentado de modo geral, evidenciando um pouco das mudanças ocorridas ao longo do tempo - a secularização²- numa visão geral deste processo, dando mostras de que no Brasil historicamente temos períodos diferentes de um mesmo processo; ou seja, o processo da secularização dos cemitérios não ocorreu ao mesmo tempo. Apresenta-se um breve histórico da espacialização dos cemitérios em Manaus e a caracterização histórico-geográfica do Cemitério de São João Batista, objeto da pesquisa em si.

O quotidiano, uma das categorias de análise foi vivenciado do/no cemitério de São João Batista e, através da observação empírica é descrito onde sujeitos artefatos e o próprio ambiente mostram suas “cores”, as “falas” traduzidas de alguns roteiros. Nos estudos do cotidiano no cemitério utilizou-se de pensamentos de Milton Santos, Michel de Certeau, José Machado Pais, entre outros.

² Ato ou efeito de secularizar (se). Fenômeno histórico dos últimos séculos. 3. Transferência de um bem clerical a uma pessoa jurídica de direito público. Secularizar.Tornar secular ou leigo o que era eclesiástico (FERREIRA, A.B. H. 1983, p. 1560).

Chama-se a atenção para a falta de materiais sobre os cemitérios em Manaus, embora tenham eles grande importância para estudos e entendimento da história, da espacialidade e principalmente das mudanças de mentalidade.

No terceiro capítulo apresenta-se o cemitério como espaço educativo e os resultados obtidos em forma de “paisagens de aprendizagem”. Procurou-se enfatizar os aspectos principais a serem ressaltados no Estudo do Meio apresentando “Idéias Norteadores” para balizar possíveis estudos nesta área. Fundamentou-se com os pensamentos de Paulo Freire, Edgar Morin, PCNs, e outros.

Encontrou-se suporte teórico ao tema cemitério em várias disciplinas das ciências sociais: Filosofia, Antropologia, História, Sociologia, História da Arte através dos pensamentos de Phillippe Ariès (1977), Fustel de Coulanges (1864-2002), Luis da Câmara Cascudo (1951-2002), Milton Santos (1994), Maria Elizia Borges (1992-1996), Renato Cymbalista (2001), e, com respaldo da própria Geografia encontrando caminhos abertos para o desenvolvimento do tema em Maria Clélia Lustosa Costa (1996-2003), Zeny Rosenthal (1998), Marcelina Almeida (1998), Roberto Lobato Corrêa (2003), Ruy Moreira (2002), Eduardo Rezende (2001).

CAPÍTULO 1

1 – O CEMITÉRIO ENQUANTO PAISAGEM E LUGAR E SUA DIMENSÃO EDUCATIVA

A realidade nunca é exaustivamente conhecida, não importa quantas sejam as perspectivas humanas, embora aquele aspecto da realidade denominado recurso possa se esgotar se um grande número de pessoas o percebem como recurso e o exploram (TUAN, 1980 p. 285).

Vendo-se amplo campo para pesquisa sobre a dimensão espacial do sagrado no Amazonas, escolheu-se o cemitério como objeto empírico que será percebido no cotidiano enquanto paisagem e lugar que educa. Objetiva-se contribuir com a discussão da inserção do cemitério de São João como uma paisagem cultural da/na cidade de Manaus e mostrar a importância deste lugar para estudos da cultura, da religião, entre outros aspectos. Este estudo serve para balizar alguns questionamentos dentro dos estudos da cidade tendo além de sua importância histórica, local e regional, outros aspectos importantes a serem trabalhados, num projeto interdisciplinar, Estudo do Meio no cemitério de São João Batista.

A dimensão espacial e sagrada percebida por Yu-Fu Tuan (1980), Mircea Eliade (1963), Zeny Rosendahl (2003) entre outros, refere-se a espaços na cidade onde o homem sai do tempo cronológico e entra num tempo mítico. As igrejas, os espaços dentro das áreas verdes, **os cemitérios**, são locais onde a presença de elementos sagrados, elevariam a consciência do homem, que num passe mágico, conseguiria sair do cotidiano da cidade, dos compromissos, da “ditadura do relógio”³, para penetrar em um outro tempo (dentro do próprio tempo histórico e pessoal).

³ A sociedade sob a ditadura do relógio. Só quando se dispõe a viver em harmonia com sua fé ou com sua inteligência é que o homem sem dinheiro consegue deixar de ser um escravo do relógio. George Woodcock: A rejeição da política. In: Os grandes escritos anarquistas. Porto Alegre, I & PM, 1981.

Na dimensão educativa contemplando aspectos histórico-geográficos os trabalhos de Cabanas (s/d) e Ricci (s/d) que desenvolvem estudo das necrópoles, no Vale do Paraíba Paulista que entendemos sua importância para a educação. O projeto desenvolvido por eles é destinado ao ensino fundamental, sem restrição pode ser aplicado em outros níveis. Os autores valorizam aspectos importantes da história do lugar, ressaltando a memória e, com isso valorizando o patrimônio material das necrópoles.

Na LDB, Lei 9.394 (1996, 34-35) encontra-se respaldo e incentivo para que o professor seja criativo e inovador em seu trabalho educativo. Nestes moldes, a utilização do cemitério, necrópoles, vem ao encontro do que está referendado na Lei;

[...] estimulem a iniciativa dos estudantes. Desenvolver competências e criar caminhos para atingir os objetivos de levar aos estudantes os conhecimentos capazes de torná-los pessoas críticas e hábeis para continuarem aprendendo e adaptando-se às constantes transformações e exigências do mundo globalizado (LDB, 1996, p. 34-35).

Edgar Morin (2004) considera que “um dos principais objetivos da educação é ensinar valores. E esses são incorporados pela criança desde muito cedo. É preciso mostrar a ela como compreender a si mesma para que possa compreender os outros e a humanidade em geral.” (Idem, 2004, p. 104). Neste sentido, é necessário que a escola trabalhe tendo em foco uma realidade planetária e, transmitindo aos jovens as particularidades do ser humano e as universalidades. A realidade não poderá ser ensinada como fragmentada e dissociada do todo, como tem sido ao longo do tempo. Compreendeu-se do pensamento de Morin que é no interior da escola que a sociodiversidade deve ser admitida, trabalhada e respeitada.

Diante do que foi posto entende-se que as transformações na sociedade encontram ressonância no recinto da escola que neste sentido deverá ser permeável às transformações—práticas tradicionais—incentivando e angariando a participação dos professores na elaboração e definição do Projeto Pedagógico compreendendo as mudanças do mundo contemporâneo, admitindo novas maneiras de pensar e ser da escola numa visão em que, as portas se abrem para a comunidade afim de atendê-la em suas necessidades (LEITE e MININNI-MEDINA,2001, p. 87).

Numa escola com esta visão abrangente de mundo estudos como os do cemitério como lugar que também educa podem ser praticados, pelo teor de história e de memória que contem. Dever-se-ia dizer que o cemitério extrapola a idéia comum de “lugar dos mortos”, ele é também um lugar que traduz a vida, que representa sua história e que hoje faz parte de novas histórias. Histórias de vivos que nele circulam e fazem uso deste espaço. Neste sentido,

entende-se que o cemitério enquanto lugar que educa pode fazer parte de estratégias educativas multidisciplinares, interdisciplinar e temas transversais, daí ser importante seu estudo.

1.1 – O Cemitério enquanto Paisagem

Paisagem é o nome atribuído a um conjunto de formas de uma determinada configuração territorial composto por elementos naturais e artificiais - construídos e/ou modificados, configurando uma determinada área. A categoria paisagem é entendida na Geografia como a porção da configuração territorial abarcada pela visão (SANTOS, 1997, p. 83), que neste sentido reduz a importância da paisagem valorando o espaço.

A paisagem vai agregar a totalidade de um “conjunto de objetos reais-concretos” e possui o caráter transtemporal, ou seja, a paisagem guarda o passado e o presente, constituindo-se em uma construção transversal com um conteúdo técnico específico que no caso do cemitério deve ser considerado como equipamento urbano com determinada função⁴ (SANTOS, 1997, p. 87).

Considerar o cemitério como paisagem nos remete a duas possibilidades de análise. Em primeiro lugar o cemitério enquanto paisagem objetivamente se refere a uma determinada porção do território delimitada, cercada de muros, com medidas formas e volumes dentro da cidade. E, em segundo, a paisagem cultural se refere à subjetividade do que esta/ é contida entre seus muros significando a percepção que ultrapassa os limites da forma, volume e traz à tona outros elementos muitas vezes imperceptíveis por serem subjetivos e que neste sentido depende do “olhar” do sujeito, mediante sua apreensão. Já foi posto anteriormente que o cemitério possui espacialidade concreta na cidade. O local onde esta localizado um cemitério se constitui uma paisagem, entendendo que

A paisagem desempenha um papel na aquisição, por cada um, de conhecimentos, atitudes e de reflexos dos quais temos necessidade para viver: ela constitui o quadro em relação ao qual aprendemos a nos orientar; ela fala da sociedade na qual se vive, e das relações que as pessoas aí estabelecem com a natureza; este cenário está carregado de lembranças históricas cuja significação é apreendida pouco a pouco. A paisagem é, assim, uma das matrizes da cultura. Mas ela é também, o lugar onde as atividades humanas gravam sua marca: deste ponto de vista, ela é marca (BERQUE, 1984 apud CLAVAL, 1999, p. 92).

⁴ Considerou-se que no equipamento cemitério a função técnica é a de servir de repositório (para “guardar”) os restos mortais, mediante práticas adotadas.

Para Milton Santos (1988, p. 61) a paisagem significa tudo aquilo que a nossa visão alcança. Definida como o domínio do visível, aquilo que nossa vista abarca. Não é formada só de volumes, mas de cores, movimentos, odores, sons, etc. A paisagem aparece na sua forma substantiva, ou com ênfase no seu conteúdo material. Na paisagem do cemitério visto como um texto ela seria olhada como um manuscrito onde a sociedade escreveria suas maneiras de viver, suas crenças, etc.

Neste sentido a paisagem deve ser entendida como produto de um contexto histórico com seus aspectos econômicos, políticos e também culturais (SANTOS, 1988, p. 69). É mister, apontar que a análise da paisagem cultural serve a diversos fins, neste caso aqui, tem-se como objetivo apontar na paisagem do cemitério de São João Batista paisagem cultural e simbólica “paisagens de aprendizagem” que possibilitem demonstrar exemplos correlacionando temas, tópicos, com a concretude do cemitério, servindo como lugar de ensino e de aprendizagens em aula extramuros.

Nesta ótica, a leitura do cemitério corresponde a “uma nova maneira de pensar a paisagem da cidade” (CLAVAL, 1999, p. 94), através desta possibilidade de ver o cemitério como lugar que também educa coloca-se à disposição dos professores um novo objeto de estudo a ser olhado, analisado, interpretado, sentido, compreendido em alguns aspectos como a valorização da identidade cultural, arquitetura como testemunho de um dado período, simbolismo e a representação contida no espaço, os adornos, as obras escultóricas, como aponta Borges (1991, p. 224-226), “atributos dos artefatos que podem conter signos verbais”, a temporalidade, mudanças culturais e espaciais, entre outras possibilidades.

O cemitério é um espaço público e refere-se ao local onde o Estado (sentido Poder Público) instala equipamentos (objetos sociais). Para Milton Santos (1998), “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento” (SANTOS, 1998, p. 26).

Santos (1986, p.71) salienta ainda que o espaço deve ser visto como o conjunto formado pelos objetos e pelas relações que se realizam sobre estes objetos, que pode não ser entre eles especificamente, os quais muitas vezes servem apenas de intermediários. Estes objetos ajudam a concretizar as relações. Sendo, portanto, o espaço criado através da ação dos homens sobre o próprio espaço, com a intermediação dos objetos que podem ser naturais e artificiais. No caso do cemitério o mesmo é artificial, pois foi criado para cumprir tarefa dentro da cidade.

Neste espaço – cemitério - destinado aos mortos, encontra-se resquício de tempo, vestígios de outros tempos, tempo no sentido simbólico e dinâmico. O cemitério pode funcionar como filtro do tempo, no dizer de Igor Moreira (2002, p. 50) e pode-se através dele reler o passado de lugares, neste caso o de Manaus.

Na leitura empírica a grosso modo o cemitério demonstra a pujança de uma época economicamente farta e que com certas condições foi possível “criar” a necessidade de difundir um gosto estético de acordo com os padrões culturais europeus.

Como poderá ser feita esta leitura do passado? Através dos materiais empregados na construção dos túmulos, artefatos simbólicos usados na ornamentação, as lápides como placas indicativas - trazem informações de data e local de nascimento e morte –.

Muitos dos que jazem enterrados no cemitério de São João Batista, vieram para o Amazonas tendo como origem a Europa e outros estados brasileiros – a leitura das placas e lápides fornece informação pessoal; sendo também possível pelo material empregado na construção e adorno da sepultura, constatar indícios que apontem a classe social a que aquele indivíduo em vida pertenceu.

Entre outras informações possíveis de serem “levantadas” em campo aponta-se a religiosidade atribuída a determinadas crenças religiosas, por exemplo, é uma das marcas que as famílias costumam deixar nestes locais, e, que conduzem a uma dedução da possibilidade da família pertencer a determinado seguimento religioso, indicada pelo símbolo cristão da cruz, anjos ou ausência dos mesmos, como nos túmulos judaicos, conforme figuras 1 e 2.



Figura: 01. Os símbolos cristãos como a cruz. Muito presente no cemitério convencional secularizado.

A imagem também serve para ilustrar que a sepultura está se transformando em um vestígio.

Figura 02: Cemitério Comunal Judeu, uma visão dos túmulos (*Keburot*) em mármore, ao fundo a rua movimentada em seu burburinho de cidade grande.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2005.

Na Leitura da Paisagem há dois tipos de procedimentos: forma direta - quando a observação da paisagem de algum lugar acontece em forma de visita. Forma indireta: uso de fotografias, vídeos e relatos. O Estudo do Meio no Cemitério de São João Batista poderá ser feito de ambas as formas. Na impossibilidade de levar os alunos até o local, o professor e/ou professores poderão ir e fazer o levantamento através de fotografia, filmetos, levando o objeto de estudo para a sala de aula, conforme experiência realizada com alunos do curso de Serviço Social.

É fundamental para o estudante que está começando a ler o mundo humano conhecer a diversidade de ambientes, habitações, modos de vida, estilos de **arte** ou formas de organização de trabalho e o espaço em seu entorno. É por meio da leitura das materialidades e dos discursos, do seu tempo e de outros tempos, que o aluno **aprende a ampliar sua visão de mundo, tomando consciência de que se insere em uma época específica que é a única possível**. Em um estudo do meio, o ensino de História alcança a vida, e o aluno transporta o conhecimento adquirido para fora da situação escolar, construindo proposta e soluções para problemas de diferentes naturezas com os quais defronta na realidade (PCNS, 1997, p. 91) [grifo nosso].

A paisagem do cemitério não é meramente a soma de artefatos (jazigos e outros) produzidos pelas marmorarias locais, ou vindos de fora, esta paisagem mostra concretamente dentro de seus muros marcas da sociedade que a produziu. O próprio espaço no cemitério mostra as contradições da sociedade amazonense que como outras sociedades urbanas, mescla privilégios e segregações. O Cemitério de São João Batista representa a paisagem elitizada, com a presença de grandes nomes da história, das artes, da política, do comércio e da religião. Depreende-se deste modo que o cemitério pode ser inquirido em seu caráter revelador ou de ocultamento das diferenças sociais, de crenças, de usos e práticas. Ao ser inserido na educação como paisagem de aprendizagem diz mais do passado e do presente do que se imagina.

1.1.1 – Paisagem Cultural

O Cemitério de São João Batista é entendido como uma paisagem cultural. Conforme já supra citado diversos conceitos definem paisagem, termo polissêmico que inicialmente foi utilizado para nomear a paisagem real, um panorama visto de um determinado ponto. Mais tarde este conceito foi ampliado e utilizado para a representação da paisagem real através da arte, nas modalidades pintura e fotografia (TUAN, 1980).

A paisagem pode ser expressa pela delimitação de uma determinada porção espacial. “É definida como sendo uma unidade visível que possui uma identidade visual caracterizada por fatores de ordem social, **cultural** e natural, contendo espaços e tempos distintos; o passado e o presente. A paisagem é o velho no novo e o novo no velho” (PCNs, 1997, p. 75) [grifo nosso].

Levou-se neste estudo em consideração a categoria paisagem que expressa a cultura (outra categoria de análise) já que a mesma “não é apenas socialmente construída e geograficamente expressa, mas também espacialmente constituída” (JACKSON, 1992 p. 3). Conclui-se daí que paisagem cultural significa o conteúdo geográfico de uma área, independente do tamanho da mesma, onde estão manifestadas material e imaterial as escolhas feitas pelos homens e, que provocaram de algum modo mudanças dentro de uma comunidade cultural.

Neste sentido, a paisagem agrega em si as mudanças, transformações, alterações ocorridas pela passagem do tempo (sincrônico), enquanto que a paisagem cultural agrega além do componente tempo, as mudanças, que podem ser de caráter estrutural ou funcional. Toda cultura humana (civilizada) é composta de elementos materiais e imateriais, indispensáveis à criação, própria continuidade e re-criação.

A paisagem cultural também pode ser entendida como a expressão de um lugar da comunidade e, ainda pode ser vista como paisagem estética que é feita mediante a percepção ou construção mental do observador, usuário.

“A paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais” (SANTOS, 1988, p. 69). É mister apontar que a análise da paisagem cultural serve a diversos fins, neste caso aqui, teve-se como objetivo buscar registros na paisagem cultural do cemitério de São João que demonstrasse diferenças na maneira de pensar e agir sob influência de diferentes culturas, e a partir desses indícios de comparação, apontar evidências, no tempo e no espaço, de culturas e elementos das culturas, (WAGNER e MIKESELL, 2003, p. 31) comprovando ser o cemitério um lugar que também educa por conter dentro de seus muros:

- a) Diferentes tipos de construções, nas quais foram utilizados material diversificado e técnicas;
- b) alguns vestígios mostrando a passagem do tempo naquele espaço;
- c) adornos que expressam tipo de representação simbólica; resultantes do modo de viver da sociedade, constituindo-se em bens materiais e imateriais; que por estarem

ligados ao passado e ao presente da cidade, justificam a reflexão a cerca do mesmo e a sua inserção na educação como objeto de estudo.

d) ações de agentes que constroem (passado e futuro) e vivem aquela paisagem.

Portanto, a materialidade está traduzida nas formas construídas pelos “objetos culturais e técnicos ao mesmo tempo” (SANTOS, 1997, p. 188) e, o cemitério pode ser entendido como local sagrado, onde se pratica o culto à memória dos mortos. Neste sentido, “A paisagem é, assim, uma das matrizes da cultura” (CLAVAL, 1999 p. 92) e, a leitura do cemitério corresponde ao que, o autor nomeia de “uma nova maneira de pensar a geografia”, oportunizando uma nova maneira de fazer educação (Idem, 1999, p. 94).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997 p.153), “conhecer uma paisagem é reconhecer seus elementos **sociais, culturais** e naturais e a interação entre eles; é também compreender como ela está em permanente processo de transformação e como contém **múltiplos espaços e tempos**” (grifo nosso).

O cemitério de São João Batista se constitui uma paisagem cultural na/da cidade de Manaus porque a construção dele guarda entremuros um pouco da história pretérita da cidade e do povo amazonense. Neste sítio cheio de significados, o cemitério é *locus* que não é apenas localização e pode ser visto como “palco de transformações”, estas de caráter ora breves, ora duradouras (ex: as sepulturas perpétuas⁵).

O cemitério insere-se na paisagem cultural da cidade de Manaus tendo uma função prática e simbólica agregando a função técnica de guardar os restos mortais, ao mesmo tempo este ato está impregnado de valor mitificado e simbólico.

Estas funções também passam por mudanças que podem ser estruturais ou funcionais. No cemitério são perceptíveis algumas mudanças funcionais em determinados períodos com uma certa distinção em relação ao fluxo de pessoas que adentram o local. Este fluxo modifica a paisagem do lugar. Trazendo mostras de dinamismo. Em outros momentos não.

A função prática pode ser entendida como “a produção do espaço é resultado da ação dos homens, agindo sobre o próprio espaço, através de objetos naturais e artificiais” (SANTOS, 1986, p. 64). Como elucida Ana F. A. Carlos (2002) em relação aos ambientes construídos na cidade, entendidos como resultado do trabalho humano e, é humano este espaço não por causa do homem que o habita, mas porque representa o momento histórico de um certo período onde foi empregado o conhecimento técnico no atendimento a uma necessidade social.

⁵ As sepulturas com esta denominação continuarão a pertencer à família que adquiriu. As sepulturas novas não terão esta condição de “perpétuas” antigo critério adotado em cemitério secularizado como o S.J.B.

A construção do cemitério reflete na paisagem da cidade a obra na qual foi utilizada técnica da época, o estilo, até mesmo o estágio técnico-científico empregado por esta sociedade, e, ao mesmo tempo, o cemitério reflete a cultura, os valores éticos traduzidos no culto à memória dos que já “partiram”.

A arquitetura encontrada nos cemitérios reflete a arquitetura da cidade porém nos cemitérios o caráter temporal é mais longo, um jazigo ou mausoléu, uma simples tumba rente ao chão possuem uma intemporalidade e um caráter significativo principalmente mediante a cidade (dos vivos) que em seu dinamismo derruba prédios históricos para construir edifícios estandartizados e comerciais.

Para Borges (1994, p. 322), início do século XX o cemitério era o local mais visitado de uma cidade. Ele oferecia a toda comunidade a oportunidade de contato com um tipo de obra vinculada a um ideário estético determinado e este servia de orientação para a formação do gosto estético da população.

O cemitério desempenha importante papel dentro da cidade que pode existir sem *shopping center*, mas sem o cemitério... Onde os mortos ficariam? Seria uma situação caótica e de riscos à saúde coletiva se a administração pública não tivesse o local correto para enterrar os mortos. Este é apenas um dos aspectos da importância que o cemitério possui dentro da cidade.

1.1.2 – Paisagem Simbólica

Entre outras, acenou-se com a possibilidade de o cemitério ser entendido enquanto paisagem simbólica. Enquanto paisagem registrou acontecimentos do próprio local, bem como também do entorno, as marcas da passagem do tempo são perceptíveis, ao contrário, a paisagem simbólica exige um maior cuidado em identificá-la porque lida com a subjetividade.

O homem desde sempre procura significados e atribui significados ao mundo. (ARANHA; MARTINS, 1990, p. 405). Desta maneira o mundo pode ser “lido” e, esta leitura pode ser estendida aos textos não verbais como a paisagem as quais atribuímos significados.

Neste sentido, percebemos que a paisagem simbólica e a arte contida nela se constituiu num texto atribuído ao significado contido em sua forma de expressão, que é intrínseca e dependendo do olhar que pousa sobre si, suscita sentimentos, sensações. Régis Debray (1993) em Vida e Morte da Imagem, afirma que “um tenaz halo de magia banha nossas tradições de imagens. O inconsciente psíquico, com seu desencadeamento de imagens liberadas do tempo

– cujas épocas se apresentam misturadas – não está sujeito ao envelhecimento. Neste sentido, a “magia da imagem” poética sempre existiu (SERRES apud DEBRAY, 1993, p. 35).

No Estudo do Meio as paisagens apontadas possuem conteúdo estético e devem ser lidos dentro do contexto de um lugar de memória que contém em si mesmo um pouco da história local, traduzida em artefatos que por sua vez, são expressões estéticas de vários períodos.

Segundo Marcelina de Almeida (1998, p.1) o cemitério é um local pleno de significações que se inserem no campo dos dogmas, superstições, lendas e verdades. Ratifica-se com Corrêa (2003, p.16) para quem as formas espaciais criadas pela ação do homem geram paisagens culturais impregnadas de significados.

Análogo à cidade, o cemitério pode ser interpretado como aspecto ideal ou simbólico de uma cidade através de fontes literárias e do que conhecemos sobre a religião e a cosmologia das pessoas refletidas freqüentemente na organização espacial e na arquitetura da cidade (TUAN, 1980, p. 223).

Considerou-se representação como uma maneira de representar objetos, representar pessoas, situações. Neste sentido, toda representação é sempre uma representação de alguma coisa ou de alguém, assim, a elaboração de uma representação se dá numa relação entre sujeito e objeto representado, mediada pelos fenômenos comunicacionais (MENDES, 2000, p. 24).

Representar é tornar presente o ausente, evocar a memória de alguém, é substituir e não apenas evocar (SERRES apud DEBRAY, 1993, p. 35). O autor entende que uma imagem em razão de seu arcaísmo pode permanecer moderna. Contrariando este pensamento, o autor considerou que as imagens mais atualizadas que representam abstratamente os corpos e medo terão mais dificuldade em permanecer.

O homem é um ser simbólico e sua relação com o mundo é sempre revestida de uma significação, de uma valorização. O homem jamais encontra com o mundo face a face, imediatamente. Seu encontro é sempre mediado pela significação, pela perspectiva simbólica (RIOS, 1993, p. 19-20).

Através do trabalho de Borges (1991) constatou-se a seguinte divisão da representação simbólica comumente encontrada nos cemitérios:

- 1) representações cristãs, que são os anjos, Coração de Jesus, Jesus Cristo, Pietá. Ver figura 03.
- 2) representações alegóricas; forma representativa de “sentimentos de dor, saudade, a desolação e a esperança dos vivos perante a perda de seus mortos.” Estão

classificadas em cristã e profanas. As cristãs são as imagens devocionais e as profanas as que valorizam aspectos da vida não religiosa. Ver figura 04.

3) representações celebrativas: são as que “enaltecem e celebram certos aspectos biográficos do morto que devem ser lembrados pelos seus descendentes e compatriotas. Podem ser: bustos; símbolos de trabalho, ideológicos e nobiliárquicos” (BORGES, 1991, p. 167-174) Ver figura 05.



Figuras: 03, 04, 05 – Algumas representações encontradas no Cemitério de São João Batista. A primeira ilustra a representação cristã. A segunda figura ilustra um exemplo alegórico profano e a figura 3 o busto exemplifica a representação celebrativa. Imagens: Victória Cupper Orlandini, 2005, 2007, 2009.

Borges (1991) aponta em seus estudos que o material encontrado nos cemitérios brasileiros secularizados, se constituem na maior parte, em representações cristãs, reforçando o que autora nomeia de uma aparente cristianização, no fim do século XIX e início do XX [...] (BORGES, 1991, p. 167-174). Deste modo, afirma, que os artefatos já mencionados, evidenciam representações de valores religiosos e sócio-culturais de fácil assimilação.

[...] os túmulos no Brasil, seguem uma estrutura comum e simples, prevalecendo o sistema de construção parietal; todavia as esculturas e os ornamentos contêm uma variedade técnica muito grande, onde encontrados modelos simples aos mais elaborados, e inclusive alguns com interferência de seus proprietários (Idem, 1991, p. 167-174)

No início do século XX o cemitério era o local mais visitado de uma cidade. Ele oferecia a toda comunidade a oportunidade de contato com um tipo de obra vinculada a um

ideário estético determinado e este servia de orientação para a formação do gosto estético da população (BORGES, 1994, p. 322).

Tuan (1980) conceitua símbolo como uma parte que representa o todo, como exemplo ele cita a cruz para os cristãos.

Um objeto também pode ser interpretado como um símbolo quando projeta significados não muito claros, quando traz à mente uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analógica ou metaforicamente. O costume de estruturar o mundo em substância, cores, direções, animais e traços humanos, estimula uma visão simbólica do mundo. [...] Os significados de muitos símbolos são orientados pela cultura (TUAN, 1980, p. 26).

Análogo a idéia de “fetichismo das mercadorias” apontado por Marx e citado por Ferrara (1998) percebe-se no cemitério o uso de ícones “com atributos sociais e afetivos” e atributos de representação cívica, sentimento pátrio. Embora o caráter de homogeneização não seja pelo menos aparentemente perceptível constatou-se uma heterogeneização de “representações” e atributos de representação cívica, sentimento pátrio.

Neste sentido encontrou-se motivos que justifiquem a observação:

- a) de certo modo é senso comum que o ser humano queira homenagear o “ente querido” que morreu e a forma encontrada é a construção de túmulos e mausoléus, etc, onde vai ficar expresso materialmente “nesta construção” através da forma, materiais empregados e os adornos a posse da família; indo mais além, pensando no lado imaterial;
- b) no cemitério encontram-se signos representativos da religiosidade da família onde certas famílias preferiram enterrar seus “entes” no recinto que pertence a Igreja a qual fizeram parte, conforme mostra a figura 06,
- c) em alguns jazigos, o seguimento filosófico do homem está expresso na simbologia utilizada no grupo a qual pertenceu, conforme pode ser visto na figura 07, que apresenta um jazigo oficial de uma Loja Maçônica,
- d) em outros, as formas apresentam remetem a signos variados que simbolizam o casamento da terra e o céu, a matéria e o espírito, entre outras interpretações facultativas. Ver figuras 08 e 09 que apresentam a forma de obeliscos,

- e) uma forte ligação identitária no caso dos estrangeiros, descendentes, que aqui aportaram construíram fortunas constituíram famílias formando laços afetivos, porém, depois do desenlace a família presta esta homenagem, numa tentativa de maneira simbólica unir a terra estrangeira à terra natal.

Detectaram-se alguns túmulos com esta representação que é exemplificada conforme a imagem que apresenta um túmulo com características orientais, conforme figura 04, que destaca o jazigo feito em linhas retas, o uso da cor preta que ao contrário do Ocidente, não representa a morte e sim a vida e a epigrafia em caracteres orientais.



Figura 06: “Uma pessoa é sua biologia, seu meio ambiente, seu passado, suas influências acidentais, a maneira como vê o mundo e a maneira pela qual deliberadamente prepara a imagem pública” (TUAN, 1987 p. 156).

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2005.

No próprio cemitério encontrou-se pequeno espaço cercado pertencente a uma irmandade católica da igreja Matriz - primeira igreja a ser construída em Manaus. Naquele recinto estão enterrados os membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento. O fato de ter essa separação, a localização da irmandade entremuros com acesso permitido através de um portão, pode indicar certa segregação, possivelmente de cunho religioso, conforme a imagem 07 aonde aparece o muro.



Figura: 07: Capela da Irmandade Santíssimo Sacramento. A área da capela é cercada, constitui-se um recinto “particular”. A entrada é permitida através de um portão, que permanece fechado a maior parte do tempo.

Imagen: Randiza Santis, 2009.

Conforme já foi dito anteriormente, o Cemitério de São João Batista é o mais elitizado da cidade de Manaus um dos motivos é porque reúne em suas quadras grandes figuras que fizeram parte da história política, intelectual e artística do Amazonas. No entanto, em suas quadras apesar do nome São João Batista ser dedicado a um santo reconhecidamente do panteão católico, muitos foram enterrados sendo de outros seguimentos religiosos como protestantes e judeus. Considerou-se que embora o cemitério tivesse predominância cristã, o fato da irmandade da igreja mais antiga da cidade possuir um local reservado pode significar a tentativa de manter “entremuros” os fiéis do seguimento católico apostólico romano, num cemitério secularizado.

A capela em cor terracota possui frisos laterais, uma porta e duas janelas em arco. Dentro a presença de um pequeno altar enfeitado com imagens sacras de diversos tamanhos e, outro externo feito em mármore branco, para cerimônias campais. Como símbolo da representatividade cristã, externamente apresenta uma cruz encimada por dois ornatos⁶ de pedras encimado por piras, com uso da cor vermelha fazendo alusão ao fogo, neste caso a pira com fogo aceso significa que a chama da vida não se extinguiu.

Na parede contígua do lado direito existe uma placa com os nomes de que foram enterrados ali, como antigamente eram feitos os enterramentos nos adros das igrejas.

⁶ Ornato de pedra, que termina em labaredas (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 1975, p. 639).

Dentro de um pluralismo cultural na paisagem cultural do C.S.J.B. encontra-se alguns jazigos com características e adornos evocando seguimento filosófico como o jazigo da Loja Maçônica conforme mostra a imagem 08.



Figura 08: Túmulo da Maçonaria. Loja 28 de Julho.
Imagem: Maria Elizia Borges, s/d.

O jazigo possui duas colunas que representam as colunas do Tempo e do Espaço e, ladeado pelas colunas um dossel composto por um triângulo. No meio um círculo com o compasso e esquadro e o símbolo da Loja (BARATA, 1999, p. 38-39). Para a Maçonaria o templo representa o “espaço sagrado”, o *imago mundi* de maneira simbólica representado aqui no Campo Santo (ELIADE, 1961).

O esquadro com as hastes voltadas para cima indicam o céu, aspiração de todo ser humano, e as hastes viradas para baixo significam os raios do sol. O sol por sua vez é representado simbolicamente pelo esquadro e o compasso. O uso da cor preta no acabamento em ladrilhos pode significar alusão ao mosaico em preto e branco, localizado no interior do templo maçônico e que se refere a todos os seres da criação, a união da matéria com o espírito e a união de todos deste seguimento filosófico (Loja Simbólica Acácia.)

Na parte frontal do mausoléu estão representados um cubo, esquadro, compasso e a letra G. Este conjunto de formas geométricas e letra do Alfabeto poderá estar significando o estado de onisciência superior, para os leigos, no entanto possui outros significados de caráter reservado divulgado em meio restrito.

Prosseguindo com a paisagem simbólica os exemplos apresentados remetem-nos a este significado: “um símbolo é uma parte, que tem o poder de sugerir um todo: por exemplo, a

cruz para a Cristandade, a coroa para a monarquia, e o círculo para a harmonia e perfeição” (TUAN,1983, p. 194-195)

Um objeto também pode ser interpretado como um símbolo quando projeta significados não muito claros, quando traz à mente uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analogicamente. O túmulo maçom exemplifica esta definição de Tuan (Idem, 1983).

Outros artefatos identificados em lugar de representação religiosa ou filosófica apresentam símbolos de formas verticais, como os obeliscos, acentuam o sentido de uma direção, e que servem de lembrança de antiga transcendência (TUAN, 1983, p. 195). Na figura 09 um obelisco. Ladeando o obelisco dois vasos flamejantes (piras). Ao redor do obelisco, alguns túmulo-capela que tem esta denominação por conter semelhança com as capelas religiosas.

Na figura 10 do lado direito um obelisco encimado por uma âncora. Está cercado por grades. Nota-se que é antigo.

O outro obelisco em primeiro plano (figura 10) é adornado com um laço com flores. O primeiro e o terceiro possuem epigrafia de difícil leitura devido à ação do tempo.



Figuras: 09 e 10. Algumas das formas Simbólicas encontradas no S.J.B.
Imagem: Randiza Santis, 2009, Victória Cupper Orlandini, 2005.

A cruz que aparece num jazigo próximo a figura nova representa um dos símbolos adotados pelo cristianismo. Na Europa segundo estudos empreendidos por Michel Vovelle (1997) a cruz não era muito usada nos cemitérios. Europeus. Porém, paradoxalmente a partir

da aparente descristianização⁷ da sociedade européia na segunda metade do século XIX a cruz surge na paisagem dos cemitérios europeus nos idos de 1850, havendo uma presença discreta⁸ até 1870, antes de um recuo significativo, mas limitado nos primórdios do século XX. Para o autor poderia estar havendo um movimento no sentido de uma cristianização (VOVELLE, 1997, p. 326).

Em Manaus, os estudantes envolvidos nesta leitura e os funcionários, mediante a percepção atestam que a cruz é o símbolo mais encontrado no Cemitério de São João Batista. Num primeiro momento leva-nos ao pensamento de que apesar da sociedade ser laica desde a República, no Brasil não houve este desvinculação entre o Estado e a Igreja. Haja vista que o Catolicismo é tido como a religião oficial do País.

No entanto, mediante estudos cemiteriais no Brasil, a cruz encontrada nos cemitérios sem a imagem de Cristo, pode ser considerada como “marcas de referência, sinalizando apenas a presença de um morto” (LIMA, 1994, p. 106)

Tuan (1980) em Topofilia no que se refere aos símbolos de transcendência afirma que em diferentes culturas e épocas o retângulo representou o cosmo.“ Quando a ordem circular do céu é trazida para a terra, assume a forma de um retângulo com os lados orientados para as direções cardeais” (TUAN, 1989, p. 185).

O Cemitério de São João Batista possui a forma geográfica de um retângulo, no entanto acredita-se que este fato pode não significar a intencionalidade simbólica. Normalmente os cemitérios possuem este formato e são implantados em um quarteirão.

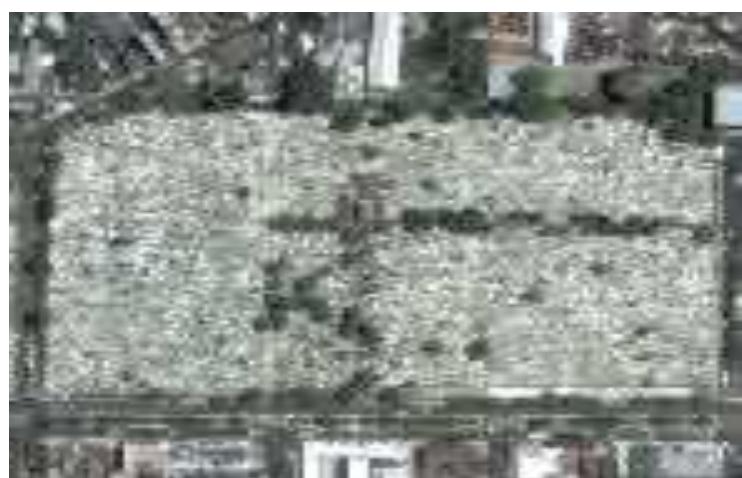


Figura: 11 – Cemitério de São João Batista. Imagem: Prefeitura Municipal de Manaus, 2007.

⁷ Termo atribuído por Dupanloup, segundo Vovelle, 1997, p. 326.

⁸ (um caso em dez), maciça em seguida; oito casos em dez nos últimos decênios, antes de um recuo significativo, mas limitado (seis casos em dez) nos primórdios do século XX. Vovelle, 1997, p. 326.

Dentro da paisagem cultural do Cemitério de São João Batista encontram-se muitos outros artefatos, adornos ricos em beleza e valor simbólico e artístico. Por este motivo, consideramos importante apontar a arte cemiterial contida nesta paisagem, embora não seja nossa intenção discutir estética e estilo. A arte apontada representa a óptica de estudos realizados em outros locais que serviram de guia a nossa “leitura”, através de autores como Michel Vovelle e Maria Elizia Borges e Tania Andrade de Lima.

1.1.3 – A Arte Cemiterial

Borges (2002) em seus estudos de arte cemiterial tem evidenciado aspectos encontrados em cemitérios secularizados brasileiros da região Sudeste (SP) e Centro-Oeste (Goiás) no período histórico da Primeira República, (1890-1930). Seus estudos apontam para Clarival do Prado Valladares que encetou uma mostra fotográfica sobre arte cemiterial no Rio de Janeiro, em 1968. Esta mostra foi considerada de maior importância para posteriores estudos do tema.

Enfatiza a crescente produção acadêmica de “com recortes temporais e geográficos significativos” (BORGES, 2002, p.10).

Com enfoque temporal Tania Lima (1994) em seus estudos sobre a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX aponta no sentido de que no Brasil os artefatos encontrados demonstram defasagem temporal de uns vinte anos em relação ao modelo europeu, o período a que ela se refere data de 1850-1888, quando no Brasil imperou a estética do classicismo romântico, redundando em construções monumentais feitos pela elite dominante, que assim ressaltava sua própria imagem (LIMA, 1994, p.105).

Ela classificou em três períodos distintos: Período Inaugural (1850-1888), Período de Transição (1888-1902) e o Período de Consolidação (1902-1930)

O cemitério de São João Batista (1891) abriga artefatos do extinto Cemitério de São José (1855-1891), considerou-se que as obras encontradas no C.S.J.B. foram influenciado em copiar ou importar da Europa⁹ um padrão que lá já estava sendo descartado, reforçado pelo fato inconteste de que os administradores locais consideravam a Europa e o Rio de Janeiro como referência.

No período seguinte (1889-1902) denominado por Lima (1994) como de transição, é caracterizado pela ascensão da burguesia, culminando num empobrecimento da arquitetura

⁹ Com ascensão da burguesia, artefatos funerários eram encomendados diretamente da Europa.

tumular, quando então há diminuição das construções de mausoléus e de túmulos monumentais. As representações da morte foram sendo substituídas pelo signo da cruz em múltiplas variações. As influências positivistas invadem o cemitério, e culmina em nova maneira de representação da morte difundido valores adotados da corrente filosófica positivista (Comte). O uso da cruz se dissemina e representa a “igualdade” entre todos.

Mais do que difusão da doutrina positivista, esta filosofia alcançou dimensão na sociedade nacional através de símbolos, difundidos por meio de propagandas subliminar, imagens e símbolos, alegorias, ritos e mitos, alcançaram todos os segmentos sociais, incluindo entre eles os iletrados. E, deste modo, contribuíram para a transformação da representação da morte ao final do século XIX. Nos cemitérios o culto romântico da morte se esvazia, cedendo espaço a inserção de outros valores que culminaram em uma paisagem pobre, banal e nivelada (LIMA, 1994, p. 108).

Lima interpretou esta mudança brusca na representação da morte muito mais em função do contexto histórico onde o temor da restauração da monarquia, ainda onipresente no regime republicano fez surgir movimentos populares como *jacobinismo*¹⁰, do que propriamente uma mudança de mentalidade em relação a morte. Ao findar este período, a burguesia mostra sua força e deixa marcas no espaço urbano e cemiterial.

O período seguinte (1903-1930) é denominado de Consolidação. O mesmo se caracteriza pela influência da *Belle Époque* que penetra nos cemitérios através do *Ar Nouveau*, traduzido por decorativismo, representação realista, retratismo, formas curvilíneas, onde pode ser percebidos erotismo, emoção e movimentação (LIMA, 1994. p. 113).

Surgiu uma mudança em relação à arte cemiterial. Os anjos agora são alegres, invocam ressurreição. As vestes das esculturas deixam entrever partes do corpo. As expressões compenetradas e de melancolia foram substituídas por outras emoções (Idem, 1994, p. 113).

¹⁰ Violento movimento de defesa dos ideais republicanos, fortemente nacionalista e radical, que emergiu de forma relativamente espontânea entre as camadas médias urbanas, com a conivência do governo, sob a proteção da espada do Marechal de Ferro (LIMA, 1994, p.108).

1.1.4 – Alguns Artefatos do C.S.J.B.

A vida continua seu ciclo. A morte também, por entremeios de pedras, do cimento, do mármore, da cal, da terra batida. A terra e o céu. Alguns destes elementos representam a materialidade - algumas esquecidas na memória dos que ainda estão por aqui.

A cruz, o livro aberto sobre a espada por cima a balança equilibrada ornando um coração. No livro está escrito *Lexus*. Ao lado emoldurando ramos folhas e sementes e acima a cruz latina. Não existe epigrafia. Apenas uma palavra possível de ser identificada: Sartória, Itália. Que tanto pode indicar a marmoraria que construiu o artefato, bem como o local de origem de quem está enterrado aqui. O anjo mostra uma mistura de características das formas femininas do corpo, os braços e os pés desnudos apontam para um período. A postura é meditativa, evoca características do século XIX.



Figura: 12. A terra e o céu - Este anjo apresenta características de dois períodos.

Imagen: M.T. Cupper, 2005.

Conforme já citado, “no início do século XX, o cemitério era o local mais visitado de uma cidade” (BORGES, 2002, p. 07). O mesmo proporcionava a todas as camadas da população o contato com obras de cunho devocionais.

Eles preservam em seu território uma arquitetura detentora de uma iconografia folclorizante e ao mesmo tempo erudita, quando esta se populariza, revelando representações estereotipadas dotadas de funcionalidade, de valor artístico, simbólico e religioso (BORGES, 1991, p. 376).

Borges (2002), em seus estudos da arte cemiterial adota um modelo de ficha de catalogação e estabelece as categorias a serem pesquisadas nos cemitérios apontando como descritores (denominado por ela) que são os artefatos (jazigos). Desses jazigos é feito um levantamento evidenciando os atributos dos artefatos que podem conter signos verbais (epigrafia tumulares) e não-verbais (esculturas, pinturas, fotografias, etc.)

Mediante a ficha de catalogação de Borges, através do estudo do meio no Cemitério de São João Batista foram encontrados artefatos de vários estilos e tamanhos, do túmulo simples, ao jazigo-capela, o mesmo se deu em relação aos atributos dos artefatos que são encontrados tanto com signos verbais e não-verbais. Muitos possuem os atributos verbais, não-verbais como escultura e fotografia, como podem ser vistos conforme a figura 04, onde é possível ver na lápide, as fotos em porcelana.

Borges (2002, p. 25) considera que os cemitérios regionais possuem acervo de arte funerária originária de situações distintas: uma seria aquela que as famílias de grande poder aquisitivo importam túmulos e peças escultóricas europeias, e no outro caso, as peças foram encomendadas a escultores brasileiros, estrangeiros, cada qual com um estilo diferente, uns mais clássicos e outros mais modernos.

Há um terceiro caso em que os cemitérios contêm uma produção de arte funerária procedentes de marmoraria locais e estariam ligadas ao processo econômico da região, onde a elite encomendaria os artefatos aos marmoristas de formação européia.

Dentro do exposto podemos concluir que os cemitérios regionais possuem acervo de arte funerária originária de situações distintas:

- a) a primeira seria aquela em que as famílias de grande poder aquisitivo importavam túmulos e artefatos com atributos verbais e não-verbais como as esculturas, lápides;;
- b) no outro caso, as peças eram encomendadas a escultores brasileiros, estrangeiros¹¹, cada qual com um estilo diferente, uns mais clássicos e outros mais modernos.
- c) há um terceiro caso em que os cemitérios contêm uma produção de arte funerária procedentes de marmorarias locais e estariam ligadas ao processo econômico da região, novamente aqui a elite encomendaria os artefatos aos marmoristas de formação européia,

¹¹ Portugueses, italianos,

Em todos os casos citados os artefatos produzidos eram dentro de padrões estéticos europeus, eram inspirados em modelos clássicos e os artesãos e artistas dominavam as técnicas e os estilos (BORGES, 2002, 16).

O assunto é amplo e os exemplos abundantes. Devido a esta dimensão, alertamos que não se pretende nenhum tipo de abordagem mais abrangente. Nos limitaremos em pontuar neste capítulo e no outros, algumas imagens que possam estabelecer “link” entre o conteúdo e os artefatos com maior significado para o trabalho de evidenciar as possíveis paisagens de aprendizagem.

Em Manaus, no Cemitério de São João Batista são encontrados artefatos produzidos pela marmoraria Italo-Amazonense.



Figura 13 - Artefato construído pela marmoraria Italo-amazonense conforme assinatura abaixo. Neste mausoléu na base de sustentação da escultura fotografias em porcelana, outra forma expressiva cemiterial. Ano de 1927.

Fonte: Randiza Sandiz, 2009.

Os artefatos em sua maioria consistem em jazigos com lápides em mármore branco com inscrições, alguns com artefatos como esculturas, sendo possível verificar no canto dos jazigos a assinatura desta marmoraria conforme a figura número 13, de um mausoléu do ano de 1927, localizado na Q. 20.

Notou-se a predominância masculina neste mausoléu que está localizado dentro do recinto da Irmandade do Santíssimo Sacramento, Irmandade da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Porém em menor número há presença feminina. Só podem ser inumados neste

recinto membros diretos da irmandade. Raramente é permitido enterrar filho de algum membro segundo zelador do recinto.

Em relação à representação simbólica o anjo faz parte do modelo adotado no século XIX. Mãos seguram objetos livros, flores. As asas pendem ao longo do corpo, em atitude de meditação. Evidencia-se uma defasagem temporal no uso desta representação mediante as características apontadas por Lima (1994, p. 113) que no período temporal em vigor foi caracterizado de consolidação, (1902-1930), começava a dar mostras de um novo modo de reverenciar a memória dos mortos, mais de acordo com o auge econômico da burguesia que ascendia socialmente (Ver figura 34 p.74). Possivelmente o modelo representativo tenha sido escolhido mediante atitude de fé, recato, por se tratar de uma irmandade religiosa.

Entre os artefatos classificados de signos não-verbais as flores são recorrentes e desde há muito tempo estão inseridas no universo mortuário. Além de serem consideradas mensageiras de afeto, as flores em pedra mármore agregam a eternidade e demonstram o poder aquisitivo da família, pois eram esculpidas na pedra, serviço executado por marmoristas¹² estrangeiros que possivelmente aqui vieram para a construção do Teatro Amazonas¹³.



Figura: 14 - As Flores em pedra se revestem de uma temporalidade maior.
No lado direito da figura, flores naturais contrastando com a grama verde.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2009.

¹² Ver trabalho de Maria Elizia Borges Os Marmoristas Italianos.

¹³ As obras da construção do Teatro tiveram início em 1884, com projeto arquitetônico do Gabinete Português de Engenharia e Architetura de Lisboa. Ver mais em Otoni Mesquita.

Dentro deste pensamento de evidenciar artefatos produzidos para cultuar a memória dos mortos, destacamos as fotografias em porcelana, classificadas como signos não-verbais. Pertencem a períodos distintos. Servem para ilustrar o decorativismo. O terceiro modelo (figura 17) apresenta inscrições na própria porcelana (signo verbal), por ser mais recente serve para demonstrar que o uso da fotografia de porcelana continua sendo adotado e sofreu modificações em suas características iniciais.



Figuras: 15, 16, 17 - Retratos em porcelana. Observe o detalhe da lápide (15), ela apresenta uma palheta com os pincéis circulado por ramos de flores, em mármore branco. Data de 1930. A terceira imagem (17) mais recente data de 1984 e homenageia a memória de três mulheres que faleceram em períodos distintos: 1977, 1978 e 1984. O uso da foto em porcelana continua sendo adotado.

Fonte: Victória Cupper Orlandini, 2005.



Figura: 18 - Contraste de tempos e práticas: ladeando a escultura em mármore da moça com o violino, dois vasos de cerâmica artesanal. Aos pés em reverencia a figura representativa da musicista, uma flor de plástico. A escultura apresenta uma riqueza de detalhes. O calçado. As flores. A roupa.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2009. Um modo estético de relembrar a memória de quem “partiu” de modo trágico.



Figura: 19 - Representação Imagem devocional profana. A pranteadora. Apontada por vários alunos como a mais bonita escultura. Ela está assentada em uma rocha apenas entrevê os pés desnudos. Roupa é ampla e a cabeça está coberta por véu. A mão esquerda aponta em direção ao céu enquanto a mão direita repousa pendida ao lado do corpo segurando uma cruz. Toda em mármore.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2007.

Daremos continuidade aos exemplos a serem apreciados nos próximos capítulos.
Conclui-se este subtópico com esta reflexão

Cada período se caracteriza por um dado conjunto de técnicas. [...] A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança.[...] a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempo históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço (SANTOS, 1988, p. 68).

1.2 – O Cemitério enquanto Lugar

A categoria paisagem se relaciona estreitamente com a categoria de lugar. Conforme Cosgrove (2003, p. 128) “[...] lugar e paisagem são imediatamente dotados de significado humano”. O cemitério possui esta dimensão à medida que é uma paisagem e que esta paisagem se constitui lugar para os que nele trabalham e para quem está ligado ao lugar pela memória e respeito aos familiares.

A categoria paisagem, por sua vez, está relacionada à categoria de lugar. Pertencer a um território e sua paisagem significa fazer deles o seu lugar de vida e estabelecer uma identidade com eles. Nesse contexto, a categoria lugar traduz os espaços com os quais **as pessoas têm vínculos mais afetivos e subjetivos** que racionais e objetivos: uma praça, onde se brinca desde menino, a janela de onde se vê a rua, o alto de uma colina, de onde se avista a cidade. O lugar é onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de **perceber e constituir a paisagem** e o espaço geográfico (PCNS, 1997, p.76) [grifo nosso].

O lugar evoca o pertencimento. Fazer parte da paisagem daquele lugar como lugar de vida estabelecendo uma identidade com eles. (paisagem-lugar). Neste sentido, a relação com o lugar é estabelecida baseada em vínculos mais afetivos (subjetividade) do que racionais (objetivo). O modo como esses vínculos são estabelecidos perpassa sistemas de valores e a maneira de percepção individual. O lugar é uma construção pessoal.

Para Dardel, (1952, p. 56) o lugar aparece como o ponto de partida da experiência geográfica. O cemitério como um lugar extrapola a condição de lugar geográfico. É mais do que isso para os funcionários que ali trabalham a semana inteira, para os operários da construção de túmulos ou para os que apenas se utilizam deste lugar para estacionar o carro ou fazer um pequeno descanso durante o dia, - trabalham nas proximidades.



Figura: 20 - Funcionárias da secretaria do C.S.J.B.
Imagem: Victória Cupper Orlandini, 2007.

Muitas pessoas trabalham no Cemitério de São João e desenvolveram ao longo do tempo laços de pertencimento ao lugar, alguns destes laços foram forjados na labuta de todo dia, outros porque naquele *locus* Campo Santo estão enterrados familiares, amigos, heróis.

Segundo Santos (1986), cada indivíduo possui uma maneira particular de apreender o espaço, de compreendê-lo, de interagir com o mesmo. O espaço social é então definido pelo

que lhe é familiar e os locais por onde o indivíduo transita e permanece adquirem significados distintos.

Pressupor que o espaço tenha um único significado para os indivíduos é reduzir a importância da subjetividade do ser humano, no que se refere a maneira como ele sente em relação aos lugares (a emoção) com os quais convive determinado tempo diário.

O indivíduo é assim percebido como um ser objetivo e ao mesmo tempo como microcosmo. Resultando no encontro da objetividade (razão) e a subjetividade (emoção) permitindo nesta forma de perceber as relações do outro com o lugar.

O lugar como categoria é subjetivo por não se tratar de uma construção meramente construída e objetiva, por esta razão o lugar se refere a um *locus* concreto mas singular que se reveste de valor afetivo e que é entendido e sentido pelo sujeito que o diferencia de outros *locus* universais, que não possuem razão afetiva por não possuírem a dimensão do “vivido”.

Este lugar vivido é construído na subjetividade e intersubjetividade. O espaço pode se transformar em lugar mediante adquirir personalidade e tornar-se vivido. Para tanto o sujeito observador utiliza-se da percepção corporal e da consciência que em contato com o ambiente interagem extrapolando o sentido físico.

Em conversa com um professor de História ele disse:

O cemitério estabelece uma maior ligação ao lugar no sentido de que ter algum familiar enterrado faz com que a pessoa se sinta mais ligada a este lugar. Pelo nascimento, o pertencimento ao lugar pode ser afrouxado, mas a morte liga (FERNANDO RAMOS, 2009).

Neste sentido, os lugares se transformam segundo Michel de Certeau (1998) em histórias fragmentárias e isoladas em si, oriundas de passados, junção de tempos, e que se apresentam nos lugares como quebra-cabeças, como enigmas, concretizando-se em simbolizações. Quando conversamos com um membro da família Salem sobre o mausoléu com a escultura de um cão, quando conversamos com funcionários, com visitantes. São fragmentos que nós foram dados, permitidos ler e escrever, mas tem muito mais que não nos foi dito.

Se fosse possível unir todos os pontos embasados nas falas, nos gestos dos atores sociais envolvidos nesta trajetória teríamos um mosaico. O cemitério enquanto lugar traduz o que Santos denominada de palimpsesto, porém com um “funcionamento unitário” (SANTOS, 1988, p. 70).

Para de Certeau (1998, p. 201) o lugar é assim conceituado

[...] lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Ai se acha, portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (DE CERTEAU, 1998, p. 201).

Apesar da cidade ter sido “normatizada” as pessoas burlam a ordem, ou a premência da mesma e inventam no seu cotidiano novas maneiras de “fazer” (DE CERTEAU, 1998). Assim sendo, percebe-se dentro e fora do cemitério de S.J.B. práticas que podem ser classificadas como “táticas de resistência”. Internamente, cita-se a guarda de materiais (carrinho de camelô, venda de merenda, e outras) dentro do cemitério. Externamente, as barracas que vendem pastel e caldo-de-cana que se instalaram no muro sudoeste do cemitério.

Em relação ao sagrado e o profano percebe-se a maioria das pessoas considera a feira que acontece toda sexta-feira ao lado do muro do cemitério como normal, e, as pessoas lancham tranquilamente.

Ainda em relação ao lugar ele exige de nós enquanto lugar o conhecimento da sua geografia. A sua geografização. Muitos dos funcionários sabem muito bem os percursos e localização dos túmulos mais procurados. E, não é por obrigação e sim por este sentimento de pertencimento que eles sabem mesmo os que não estão na função de fiscais.

De Certeau (1998) indica que os percursos e mapas se constituem em um “corpus”. No caso aqui estudado apontamos as indicações do que vem a se constituir um dos roteiros elaborado com ajuda de um funcionário. Segundo o mesmo que já trabalhou três anos no Cemitério Parque Tarumã, trabalhar no cemitério é muito bom. E, ele tem acompanhado alguns estrangeiros em visita ao cemitério. O itinerário dele consiste:

Em frente pela quadra que vai dar em frente a capela e a administração, contorna a capela, atrás esta situado o cruzeiro, e na quadra seguinte tem o tumulo da menina considerada milagreira e uma das mais visitadas: Teresa Cristina. Dali, segue-se para a quadra 06 onde estão enterrados os restos mortais do rabino “milagreiro” e da “Santa Etelvina”. Depois na quadra 02 Busto de Eduardo Ribeiro e Jéferson Peres (FISCAL, 2009).

Ao encontrar um quadro de orientação no cemitério de S.J.B. o comentário unânime foi de que: - “ali estava tudo enquadrinhado, linearmente desenhado, mas na prática não era assim. A prática mostra que exceto as quadras principais que são quarteirões, a localização dos túmulos é confusa, pois não existe um padrão. Tem túmulos quase “dentro do outro”. Para

passar em alguns trechos é quase inevitável pisar em alguns túmulos localizados rente ao chão.

De acordo com de Certeau (1998, p. 204) “A cadeia das operações espacializantes parece toda pontilhada de referências ao que produz (uma ordem local). Tem-se assim a estrutura do relato de viagem: história de caminhadas e gestas são marcados pela “citação” dos lugares que daí resultam ou que as autorizam”.

O cemitério enquanto lugar vivido para os funcionários e outros é uma parte da cidade, que se compõe de todos os lugares e atores envolvidos. Os lugares não nos trazem apenas emoções agradáveis, denominado de topofilia por Tuan (1980, p. 107) significa os “laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural.” Esta relação é variada em intensidade e também no modo de expressão. Ao mesmo tempo os lugares podem nos trazer emoções desagradáveis o que é denominado de Topofobia.

O cemitério para muitas pessoas é um espaço topofóbico porque a morte é uma das representações do lugar. Neste sentido a representação tem o caráter de demonstrar conceitos assimilados e internalizados principalmente fora do circuito acadêmico.

No próximo capítulo dando continuidade o Cemitério de São João Batista vai ser trabalhado em seus aspectos histórico-geográficos, o cotidiano com alguns atores sociais escolhidos entre eles mesmos.

CAPÍTULO 2

2 – O CEMITÉRIO E A PRODUÇÃO DA CIDADE

Percebe-se que o homem desde a mais remota civilização teve a preocupação com a morte em si e o que fazer com os que morreram. No Egito, desde 4.400 a.C. é perceptível o respeito com os mortos como se observa neste fragmento;

[...] Com o tempo, há uma evolução e o homem começa a temer as ações desse ser superior sobre sua vida e, depois, em suas manifestações sobre sua morte, nesse ponto o homem supera o animal e desponta como ser humano, e começa a enterrar os seus mortos e a lhes oferecer meios de sobreviver na vida eterna em suas tumbas, numa prática de oferendas mortuárias que perdura até hoje, através das ofertas de flores e outras dádivas nas sepulturas [...] (O LIVRO DOS MORTOS).

Vários historiadores e antropólogos têm trabalhado a questão das transformações ocorridas nos ritos funerários em culturas diferenciadas, que resultaram em mudanças efetivadas no âmago da sociedade. Em todos os períodos da história da humanidade percebe-se a morte e o lugar para os mortos como importante problema a ser solucionado seja no ocidente ou oriente.

As diversas transformações estruturais ocorridas no mundo grego ao longo deste amplo período correspondem alterações constantes dos costumes funerários, reverberadas pelos artefatos da cultura material. A despeito das especificidades de cada período, a preocupação com a morte (*thánatos*) e com os mortos sempre esteve presente como um dado importante da cultura helênica (ARGOLÓ,S/D).

Portanto, o cemitério é a morada para os que morreram se constituindo em algumas culturas como o local apropriado e definitivo, porém, não é a forma exclusiva como a solução encontrada ao longo da história da humanidade, para esta função ao qual o historiador Philippe Ariès (1939), diz :

A cidade dos mortos é o inverso da sociedade dos vivos, ou, mais propriamente que o inverso, a sua imagem intemporal. É que os mortos passaram o momento da mudança e os seus monumentos são os sinais visíveis da perenidade da cidade. Assim, o cemitério reconquistou na cidade um lugar, ao mesmo tempo físico e moral, que tinha perdido no início da Idade Média mas que tinha ocupado durante a Antiguidade (ARIÈS, 1939, 43-54).

No passado remoto havia muito respeito aos mortos. Mas ao longo do tempo com a dessacralização os mortos perdem seu espaço junto aos vivos. Isso proporciona uma reflexão a cerca de como a sociedade contemporânea trata a morte e os locais de sepultamento - cemitério, sendo esta discussão do interesse da educação. Educar é preparar para a vida e para a morte. Educar para a vida é falar da morte, porque a mesma está presente.

2.1 – Secularização¹⁴ dos Cemitérios no Brasil

A historicidade do cemitério secular brasileiro, distinta da européia, incrustada em transformações sociais e políticas muito particulares (CYMBALISTA, 2001, p. 17).

Na Europa do século XVIII, começava o processo de deschristianização que se concretizou no século XIX, “conforme pode ser observado pelas mudanças profundas nas convicções religiosas e na relação com a morte, refletindo-se na modelagem do espaço urbano” (COSTA, 1996 p. 240).

No Brasil tanto a cerimônia como o sepultamento eram realizado nas igrejas até a secularização que consiste na transferência da responsabilidade no caso Igreja para o estado laico, e teve sua implantação no Brasil, em épocas distintas.

Observa-se aqui que as mudanças de âmbito político-econômico-social que resultaram no processo de urbanização tiveram caráter distinto dependendo das especificidades regionais, conclui-se baseado em Borges (1991), Costa (1996), Cymbalista (2001).

Até o processo de laicização dos cemitérios, a partir do final do século XVIII e início do XIX, em nome da higiene, da salubridade e da modernização, o hábito católico tradicional foi o de proceder aos enterramentos dentro das igrejas ou nos cemitérios anexos aos templos religiosos (COSTA, 2003, p. 240).

¹⁴ Ato ou efeito de secularizar (se). Fenômeno histórico dos últimos séculos, pelo qual as crenças e instituições religiosas se converteram em doutrinas filosóficas. 3. Transferência de um bem clerical a uma pessoa jurídica de direito público. Secularizar. Tornar secular ou leigo o que era eclesiástico (FERREIRA, A.B. H. 1983, p. 1560).

Em se tratando do processo de secularização Borges (1991), em seus estudos afirma que a luta pelo mesmo nos cemitérios brasileiros iniciou-se em 1870, sob a responsabilidade de políticos republicanos e das ordens maçônicas. Salvador na Bahia é apontada como a primeira capital brasileira a iniciar o processo de laicização. Os políticos liberais envolvidos no processo defendiam que cada município deveria administrar o seu cemitério. Criticamente a autora diz que os políticos envolvidos estavam mais preocupados com o poder do que com os mortos. Com a Proclamação da República, ocorreu oficialmente a separação entre o Estado e a Igreja através do Decreto Federal no. 789 de 27/08/1889 (BORGES, 1991, p. 146)

Em 1789, D. Maria de Portugal, recomenda a construção de cemitérios convencionais no Brasil. A obrigatoriedade da construção só ocorreu com a lei de 1º de outubro de 1828, promulgada por D. Pedro I. Os primeiros cemitérios foram administrados pelas autoridades eclesiásticas que incentivaram desde então o emprego de imagens devocionais (BORGES, 1991, p. 137).

No Brasil com a instalação da República houve preocupação com o cemitério e, nos primeiros documentos oficiais percebe-se este cuidado quando o próprio governo preocupa-se em tomar medidas para a laicização do Estado, “como a instituição do casamento civil e a **secularização dos cemitérios.**” (Promulgação da República) [grifo nosso]

2.1.1 – Antecedentes

O direito ao túmulo, era o primeiro e o mais sagrado dos direitos, o mais essencial (CASCUDO, 2002, p. 24).

Segundo Borges (2002) no Brasil colonial, os colonizadores realizavam “los entierros de católicos em fosas colectivas o em sepulturas em el interior de las iglesias y conventos, a ras de suelo, concerniendo a lás órdenes y hermandades religiosas administrar el ritual de la muerte” (BORGES, 2002, p. 24).

Cymbalista (2002, p.32) aponta “a morte e os mortos permaneceu até o século XIX como um dos elementos sobre os quais vai se organizando a vivência urbana na província paulista”. Anterior ao processo de secularização, os enterramentos foram importantes e puderam contribuir para o surgimento e consolidação de núcleos urbanos que surgiram no Brasil colonial.

Antes da secularização, inúmeros cemitérios foram erguidos, em São Paulo desde 1775 existiu o cemitério dos Aflitos, já era um “território segregado”, onde eram enterrados os escravos, indigentes e sentenciados. No Rio de Janeiro, “o Cemitério da Misericórdia, era também destinado a negros, indigentes e hereges” os dois eram administrados por ordens religiosas (CYMBALISTA, 2006, p. 41). Enfatiza-se aqui a importância do estudo do cemitério correlacionado com a origem e crescimento da cidade, seus costumes, implantação de normas, mudança na mentalidade.

A secularização dos cemitérios no Brasil ocorreu em tempos diferentes, conforme já mencionado. Em São Paulo, anteriormente a secularização definitiva dos cemitérios, havia o Cemitério da Consolação, localizado no bairro de mesmo nome, no ano de 1858, considerado sendo considerado o 1º cemitério público secular. Em Salvador, a secularização ocorreu em 1870. (Borges, 2002, p.143). No Ceará entre 1844, com a Lei nº 319/18, porém a construção do cemitério ocorreu em 1848 (COSTA, 1996).

Temos uma controvérsia em relação a provável data de quando realmente este processo foi iniciado. O importante é que mais pesquisas sejam realizadas sobre os cemitérios no Brasil para que os estudos possam balizar trabalhos de reconstituição histórica da Cidade dos Mortos comparando os estudos com a “Cidade dos Vivos.” De toda forma o final do século XIX é o marco inicial da construção de cemitérios secularizados tanto na Europa, Brasil e demais países da América latina.

Depois da Proclamação da República em 1890, houve a obrigatoriedade da instalação de cemitérios, que agora passam a ser administrados pelo poder público municipal (BORGES, 2002 p. 143).

Diante do que já foi posto, vimos que as transformações que ocorrem na sociedade acabam afetando a Cidade dos Mortos. E, o que parecia ter sido um movimento natural, - a secularização - não pareceu ser tão natural, haja vista, ter havido em alguns estados brasileiros como no Ceará, certa agitação popular em aceitar o cemitério extramuros, concretizando a transferência do cuidado dos mortos pela Igreja para o Estado.

2.2 – Secularização e Espacialização dos Cemitérios em Manaus

Foi posto anteriormente o processo de secularização e laicização em outros estados brasileiros. E em Manaus, como ocorreu o processo? Nas pesquisas bibliográficas nada

aponta no sentido exato da transferência do cuidado dos cemitérios da responsabilidade da Igreja para o Estado Laico.

Mas o que se tem anterior ao cemitério de São João Batista? Existia no que hoje conhecemos como a cidade de Manaus, os cemitérios da Cruz e o de São José e, muitos cemitérios eram clandestinos, que depois foram aos poucos se tornando espaço oficial (BRAGA, 2003).

A Capital do Amazonas tinha os seguintes limites: ao Oriente igarapé da Cachoeira Grande e ao Ocidente pelo da Cachoeira Grande e ao Norte pelas mattas, que tinham então a denominação de Campinas, correndo na linha E,O, da cabeceira do igarapé de S. Vicente até encontrar-se com o dos Remédios (Aterro), e ao Sul pelo Rio Negro. Em 1866 esta área achava-se aumentada só ao Norte entre os bairros de S. Vicente e do Espírito Santo. O bairro da Campina estendia-se nesta época até a Castelhana e o Mocó, havendo um cemitério além do largo da Polvora e nas terras ao Norte do mesmo cemitério um novo bairro com a denominação de Costa d' África, por ser elle habitado sómente por africanos livres. A rua da Palma, hoje, Saldanha Marinho, terminava no igarapé do Espírito Santo, e a travessa da Matriz na rua José Clemente. Além dos quatro mencionados bairros haviam mais o da Republica, que ficava entre os igarapés do Espírito Santo e do Aterro e dos Remédios que ficava entre os igarapés do Aterro e de Manaós (TENREIRO ARANHA, 1897, p. 15 apud PREFEITURA MUNICIPAL, 1990, p. 15.)

No ano de 1832 havia onze quadras e uma praça, com um pelourinho no centro. Em 1852, a Vila da Barra, não havia mudado, a população diminuiu e muitas construções estavam em ruínas (TENREIRO ARANHA, 1990 p. 14). A fortaleza ficava no logar das casas novas defronte da recebedoria e a egreja e o cemitério da Conceição onde está a praça Tenreiro Aranha (TENREIRO ARANHA, 1897, p. 21 apud PREFEITURA MUNICIPAL, 1990, p. 21).

Existia no que hoje conhecemos como a cidade de Manaus, os cemitérios da Cruz e o de São José e, muitos cemitérios eram clandestinos, que depois foram aos poucos se tornando espaço oficial. (Braga, 2003). Em Manaus no período provincial, então chamada Vila da Barra do Rio Negro, quase fins do século XVIII não havia cemitérios regulares. Os espaços eram abertos sem cuidados onde todo o tipo de sepultamento era permitido, sendo então que no ano de 1792, havia dois cemitérios.

O primeiro perto da ermida de Nossa Senhora da Conceição e o outro no bairro dos Remédios, chamado de Cemitério da Cruz, 1854. Nos Remédios atribuiu-se a uma irmandade a construção da capela N. S. dos Remédios e do cemitério.

O Cemitério de São José foi mandado construir em 1855, no caminho da Cachoeira Grande, assim denominado até idos de 1866, passando a ser denominada de Estrada Epaminondas (ARANHA, 1990, p. 19). Dez ou doze anos mais tarde foram abertas a praça da

Saudade e as estradas Ramos Ferreira, com a denominação de Gonçalves Dias e 7 de Dezembro, que teve o nome de Remédios (ARANHA, 1990, p. 19).

Segundo relatos da época, havia uma certa insatisfação¹⁵ do povo amazonense em relação à ausência de espaços para sepultamentos (BRAGA, s/d).

os cadáveres eram enterrados no largo da extinta igreja da Matriz, um dos lugares até então mais freqüentados e onde regularmente nunca existiu cemitério, ou então nas imediações da igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Os sepultamentos, portanto, eram processados de forma inteiramente irregular e, vez em quando, era possível ver restos de humanos que brotavam das covas rasas sendo destroçados por animais (BRAGA, s/d).

O Presidente da Província do Amazonas, já havia alertado a Assembléia Provincial sobre a urgência da construção de cemitério, em tempo hábil. O local poderia ser na estrada da Cachoeira ou outro local com indicação técnica. Na Ilha de São Vicente havia funcionado um cemitério clandestino. Pensaram em fazer um novo cemitério lá, porém no local havia um prédio considerado de valor e também havia uma certa expansão para este local, a criação de um cemitério inviabilizaria o crescimento.

Nesta correspondência do chefe de polícia Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda dirigida ao Presidente da Província sr. Herculano Ferreira Pena datada de 19 de abril de 1854 segundo Braga.

Me parece (sic) que a bem da salubridade pública devem cessar os enterros de cadáveres no lugar e largo da Matriz, é que ali faziam o sepultamento sem cuidados, sem profundidade, e acabaram profanados pelos cães. Por esta e outras razões e como está este lugar no centro da cidade, e o continuado vento, que necessariamente há de conduzir os miasmas para os vivos, acho que se deve proibir a continuidade dos enterros nestes lugares (BRAGA, S/D).

Era necessário que a localização do cemitério a ser construído fosse afastado do núcleo urbano. Em relação a escolha de um local apropriado para a construção de um outro cemitério, não havia consenso entre o poder público na pessoa do Presidente da Província e a Assembléia Provincial, porém, todos concordavam que, além da construção do campo santo teria de ser construída uma capela para celebrar missas e ofícios.

Chama-se atenção a este detalhe: a transferência dos enterramentos sob os cuidados da Igreja para o Estado não diminuiu a importância da Igreja em assuntos desta natureza, já que a

¹⁵ Embora não se possa estabelecer uma comparação ao movimento chamado de “cemiterada” acontecido no Ceará, demonstra que havia de todo modo uma insatisfação em relação à construção de cemitérios, sem que fosse preciso ser na igreja como em outras capitais brasileiras. Ver sobre o movimento Cemiterada em Costa.

mesma continuou executando o ofício de encomendar a alma, para o posterior sepultamento, e, a irmandades constituídas em Manaus, ganharam terrenos para construção no cemitério como a irmandade da Santa Casa, e posteriormente a Irmandade do Santíssimo Sacramento

Em 1891, o primeiro presidente republicano do Amazonas, Gregório Thaumaturgo de Azevedo (1891, p. 11), dirigiu-se ao Congresso Amazonense, afirmando estar ciente de que a Igreja estava separada do Estado, entretanto, “pensava” que deveriam “mandar construir o adro da Igreja Matriz e a segunda torre da Igreja de São Sebastião.

Embora tivesse sido detectada a necessidade da construção de um novo cemitério e tivesse sido oficializado o pedido – delegado com aval do Cônego - porém o Presidente da Província decidiu-se por obras de melhoramento do cemitério atrás dos Remédios e o da Ilha de São Vicente.

Em setembro de 1866, [...] , assim como a obra do cemitério de São José e a construção do cais [...], mas a Câmara Municipal solicitava que essa obra fosse financiada pelo cofre provincial, o vice-presidente aconselhava “estudar o assunto, antes de dar qualquer decisão”, pois apesar de ser uma obra “magnífica e mesmo útil”, não era indispensável (MESQUITA, 1992, p. 41).

Em 1853, o vice-presidente Manuel Gomes de Miranda (1858, p. 3) apontava a falta de materiais e de pessoas que arrematassem os trabalhos como a principal causa do pouco andamento de muitas obras de urgência, tais como a Matriz, o cemitério e pontes (MESQUITA, 1999, p. 31) [grifo nosso].

O cemitério de São João Batista começou a ser construído em 1890, constituindo-se no maior e mais antigo cemitério central da cidade de Manaus.

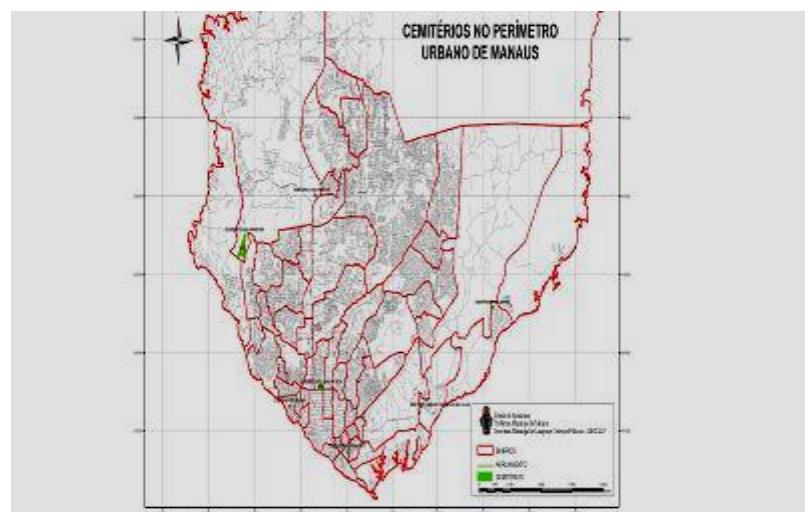


Figura: 21 – Cemitério no Perímetro urbano de Manaus.
Fonte: Prefeitura Municipal de Manaus. 2007.

Atualmente em Manaus, conta-se com seis (6) cemitérios na área urbana que são os seguintes: Cemitério São João Batista fundado em 1891, localizado na Zona Centro-Sul.

O Cemitério N. S. da Piedade, fundado em 1901 e está localizado no Km 05 AM 10.

O Cemitério São Francisco, fundado em 1937, localizado na Zona Sul de Manaus, na rua Cel. Pedro de Souza.

Cemitério de Santa Helena, Zona Oeste, fundado em 1930, localizado no bairro de São Raimundo.

Cemitério N.S. Aparecida fundado em 1976, que fica dentro do Cemitério Parque que é privatizado, localizado na Avenida do Turismo, Tarumã.

E o cemitério Santo Alberto, que tem por data provável da fundação o ano 1918, localizado na Zona Leste, na rua Monteiro Maia, bairro Colônia Antônio Aleixo.

Foi aprovada uma nova Lei¹⁶ para construção de um crematório previsto para os próximos anos. Uma pesquisa de opinião pública foi realizada, por parte dos interessados na implantação do crematório. Sendo a maioria da população manauara de descendência indígena, temiam que não aprovassem a cremação mediante mitos preconizados por algumas etnias.

Conforme exposto evidencia-se a importância do estudo do cemitério em seus aspectos históricos para a compreensão da cidade, e, o cemitério, em seus múltiplos aspectos é um exemplo de “paisagens de aprendizagens” corroborando para apreensão do conhecimento que é construído não apenas na sala de aula, mas em contato com o meio que se apresenta multifacetado e com diferenciadas representações.

2.3 – O Cemitério e a Cidade

Anterior apresentou-se o cemitério de modo geral fazendo algumas considerações sobre como foi no Brasil e em Manaus o processo de secularização e laicização dos cemitérios, sendo este processo efetivado na Proclamação da República. Demonstrou-se a secularização e a espacialização dos cemitérios em Manaus. Neste subcapítulo, a proposta que se apresenta é a de inserir a “cidade dos mortos” – o cemitério através de um olhar que também contemple a “cidade dos vivos” com a intencionalidade de trazer à tona algumas semelhanças entre os dois.

¹⁶ “c.f” p. 44.

Não é singular que a configuração das cidades se pareça tanto com a dos cemitérios? A ordenação de uma e de outra obedece ao mesmo enquadramento geométrico e a repartição dos elementos responde a questões similares. Habitat individual e coletivo, ruas, avenidas, praças onde a circulação é regulamentada, bairros aristocráticos ou populares, lugares de descarga, cartazes e tabuletas, tudo isso se encontra nas aglomerações dos vivos e dos mortos, em escalas variáveis segundo suas populações. Mesmo os grandes cemitérios, como as grandes metrópoles têm seus arranha-céus, suas “torres de silêncio”, ou as terão, para conciliar o crescimento do número e a penúria do espaço; e têm frequentemente seus fornos crematórios, equipados como as usinas modernas (THOMAS apud RODRIGUES, 1983).

Lançar olhares sobre o cemitério de São João Batista é rever o passado histórico de Manaus; é descobrir fatos que não são divulgados não porque careçam de importância, mas porquê foram deixados de lado em detrimento de outros acontecimentos com maior visibilidade.

Com esta reflexão, nomeia-se com o sentido positivo as “construções para vida”: pontes, ruas largas, prédios, praças; a construção de cemitério nomeia-se de “construção de silêncio” porque suscita tristeza, tabu, silêncio, medo, possibilitando assim o entendimento de que no interdito da morte encontra-se a resposta para que no conjunto de obras para Manaus antiga encontrem-se poucas referências a construção de cemitérios (CUPPER, 2009, mimeografado).

As obras apontadas consistem basicamente em saneamento, desaterro e aterramento de igarapés, construções de ponte e obras de embelezamento (JOSÉ ALDEMIR DE OLIVEIRA e ARTHEMISIA VALLE, 2003, p. 165-166). No entanto, as obras de embelezamento da cidade, eram muito criticadas. As principais obras consistiam em aterrinar os igarapés mudando totalmente o semblante natural do lugar conforme apontam Oliveira e Vale (2003); “Começou deste modo, o improviso de uma cidade no meio da selva, para dar abrigo aos anseios dos que chegavam em busca do eldorado, ficando a população local privada das práticas de suas atividades cotidianas” (Ibidem, 2003, p.168).

Otoni Mesquita (1992), Antônio Loureiro (2004), Robério Braga (s/d) acrescentam o cemitério¹⁷ quando se referem às obras que estavam sendo planejadas e realizadas;

em 1853, o Vice-presidente Manuel Gomes de Miranda (27/06/1852-22/04/1853) apontava a falta de materiais e de pessoas que arrematassem os trabalhos como a principal causa da falta de andamento de muitas obras de urgências, tais como a matriz, o **cemitério** e pontes (MESQUITA, 1992, p. 32) [grifo nosso].

¹⁷ “cf”, p. 34.

Olveira e Vale (2003, p. 168), atribuem o “crescimento impar” da cidade de Manaus a administração de Eduardo Ribeiro (1892-1896), porém, apontam o aterramento dos igarapés como responsáveis pela proliferação de doenças e degradação ambiental. No entanto, Mesquita (1992 p. 139) atribuiu os melhoramentos da cidade no que tange aos aspectos arquitetônicos de embelezamento e também na questão de higiene e saúde pública

iniciava-se um das mais transformadoras fases da história do Amazonas. Era um período de opulência, que exigia do governador grande capacidade de articulação política com o Congresso para a liberação das verbas necessárias ao financiamento dos projetos elaborados.

Sobre o passado de Manaus, Loureiro (2004) atribui as obras realizadas a eficiente administração do governador Fileto Pires Ferreira, que assumiu o governo posteriormente a Ribeiro, no fim do século XIX.

No Brasil, em grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, iniciara no século XIX o processo de embelezamento da cidade, a busca de refinamento cultural com sentido de desvencilhamento de um certo “provicianismo” e atraso cultural. O mesmo desejo de modernização e a busca de uma certa sofisticação, acometeu Manaus, principalmente no período denominado “*boom da borracha*”, entre 1890 e 1910, quando a borracha pela expansão da demanda mundial teve a subida do preço, e ocasionou entre outras consequências, aumento da população, este propiciado tanto pela imigração (europeus em menor quantidade) como pela migração (cearenses, número expressivo).

A cidade se transformava em um centro urbano moderno nos moldes da capital francesa, modelo idealizado de cultura e refinamento. As classes média e alta ostentavam o alto padrão comprovado em viagens para o velho continente, ou de modo mais simples nem por isso menos dispendioso como o uso da moda européia no dia-a-dia, assimilação e uso de expressões francesas, admiração pelos intelectuais franceses; eram sinais da influência da preferência à França como referência em termos de civilidade e cultura. Em Manaus, como no Rio de Janeiro e São Paulo, as camadas das classes média e alta queriam se desvencilhar da imagem negativa da herança africana e indígena¹⁸.

¹⁸ Ver também, a esse respeito: SOUZA, Márcio. A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Omega. 1977.

O cemitério de São João Batista construído na época áurea da borracha vai receber traços desta influência cultural que evoca o modelo europeu, importando materiais nobres¹⁹ empregados na construção de capelas, túmulos monumentos, como o mármore de Carrara²⁰ e, em adornos escultóricos, nos portões, gradil, mostrando a pujança de uma época de efervescência econômica que deixou rastros no espaço dos vivos e no espaço dos mortos.

Neste contexto a construção de um novo cemitério - de São João Batista – coincide com o crescimento populacional da cidade, as obras de embelezamento e saneamento dos igarapés e a **consolidação**²¹ da chegada no Brasil das idéias higienistas que repercutiram na sociedade como um todo, chegando a interferir na transferência dos sepultamentos a cargo da igreja desde o início da colonização portuguesa, para o Poder Público, culminado na criação de cemitérios extra muros.[grifo nosso]

Espacialmente a localização do cemitério pode ser discutida como uma relevante referência, que serve para externalizar espacialmente, o processo de diferenciação social. De acordo com Costa (1996), uma nova ordem espacial foi imposta à cidade, ditada pelos princípios de higienismo, que resultou na instalação dos cemitérios longe dos centros urbanos.

Acompanhando esta mudança espacial e a distribuição de funções na cidade, percebe-se uma mudança na mentalidade em relação à morte. Costa (2003) enfatiza que o poder público ao transferir e normatizar os espaços reservados aos mortos não pode ser visto apenas como decisão administrativa, pois “representa, ainda um reflexo de uma nova mentalidade, segundo o qual era necessário pensar um lugar reservado para os mortos.[...] A cidade assim procede e já aceitava e incorporava essa nova mentalidade” (COSTA, 2003 p. 238).

Mais do que uma medida de higiene e de saneamento público, esse isolamento do espaço da morte caracteriza mudanças culturais da sociedade vigente. Baseados nas teorias de contaminação através dos miasmas, esses reformadores começaram a intervir no meio urbano, afastado do convívio dos vivos todos os possíveis focos de contágio, inclusive os matadouros, hospitais e **cemitérios**.

Em Manaus, as idéias disciplinadoras da cidade repercutiram no afastamento também dos leprosários, sendo um construído próximo ao bairro da Compensa – o Urimizal- na rua do Bombeamento e outro na Colônia Antônio Aleixo, - áreas ainda de baixa densidade

¹⁹ O autor cita uma transação comercial que envolve a compra de “2 púlpitos de pedra de Lioz”, utilizados construção da Igreja Matriz. MESQUITA, Otoni. Manaus História e Arquitetura (1852-1910). Manaus: Valer, p.47.

²⁰ Material vindo desta região italiana. Muito utilizado nas construções mais importantes do período denominado *belle époque* (encontrado em várias obras inclusive nos degraus do Instituto Benjamin Constant, e em muitas jazigos do C.S.J.B).

²¹ “cf”, p. 27-30.

populacional. Um matadouro foi construído, próximo ao rio Negro, onde hoje está localizada a balsa para Iranduba e adjacências. Comprova-se que as mudanças de mentalidade em Manaus²² tiveram sua correlação espacial.

Cymbalista (2002 p. 80) ao referir-se as idéias higienistas aponta que no Brasil a aceitação das mudanças ocorreram de forma acelerada, diferenciando-se da Europa, que levou séculos. “As famílias brasileiras, que em poucas décadas se descobriram nucleares, passaram a se escandalizar com a mistura de cadáveres nas mesmas covas, com a impossibilidade de seu reconhecimento e identificação.” Assim, às idéias higienistas que geraram cemitérios públicos, é acrescentado a elas os aspectos de “ordem afetiva, monumental e religioso” (CYMBALISTA, 2002 p. 81). Apontam-se aqui idéias norteadoras para o estudo do cemitério: em estudos da população a adoção no Brasil da família nuclear.

Espacialmente a localização do cemitério pode ser discutida como uma relevante referência, já que é concretamente materializada no espaço. Uma cidade precisa também definir a sua “cidade dos mortos” que é um espaço importante dentro do planejamento urbano de qualquer cidade. Então as mudanças que ocorrem não foram apenas administrativas ou espaciais, elas –as mudanças – implicam nova maneira de ser da sociedade. Sendo possível apreender nos cemitérios representação simbólica da sociedade, permitindo uma leitura acurada de fenômenos relacionados à **dinâmica cultural**, bem como todo um **processo de transformações sociais, concretizados** no espaço do cemitério.

As mudanças na mentalidade da sociedade repercutem na “cidade dos mortos”, que poderiam ser balizadas mediante estudos da arte funerária, porém, Borges afirma que diante da variedade de túmulos construídos em diversos estilos os mesmos “dificultam distinguir a sucessão da arte funerária brasileira”, a partir da segunda metade do século XIX. Atribuindo como um dos fatores agravantes para a identificação a “especulação dos terrenos dos cemitérios que fez com que sacrificassem as plantas de origem e as disposições iniciais dos túmulos”.

No período da *belle époque*, os cemitérios metropolitanos receberam túmulos da Europa vinculados aos estilos neoclássicos, ecléticos e *art-nouveau*, já defasados e alterados, de acordo com as contingências locais. Eles foram assentados aleatoriamente ao longo das quadras, sendo quase impossível detectar a ordem de suas instalações (BORGES, 2001).

²² Ver também, a esse respeito, DIAS, Edna. A ilusão do Fausto: Manaus. 1890/1920. Manaus; Valer, 1999.

Em Manaus, o cemitério de São José localizava-se no atual Clube Rio Negro, foi incorporado ao Cemitério de São João Batista construído em 1891. Os túmulos de maior valor do desmonte do Cemitério de São José, encontram-se enfileirados numa quadra próxima a área central do São João Baptista e, muitos restos mortais foram enterrados em um ossuário coletivo construído para este fim, conforme placa de indicação.

Quais teriam sido os motivos do translado do cemitério? Ele era um cemitério regular. Havia sido cercado, tinha a capela para os ofícios de missas em dias especiais. Porém, tudo leva a crer que o crescimento da cidade convergia para este local, ocasionando a mudança que com certeza, não agradou a população pois é complicado fazer mudanças em cemitérios por causa dos mitos que acompanham espaço como este.



Figura: 22 – Antigos túmulos. Presença de peças escultóricas. Uso do mármore de Carrara. A ala atrás bem mais recente e menos “interessante” possibilita a compreensão da mudança de mentalidade em relação a estes lugares e a representação simbólica da morte.

Imagen: Victória Cupper, 2005.

Mesquita, (1992) em Manaus História e Arquitetura (1852-1910) fez um estudo sobre os principais equipamentos e prédios²³ da cidade de Manaus, abordando os estilos utilizados nas construções, o embelezamento da cidade fruto da mudança de mentalidades, no mesmo, o autor faz referência a construção 1866 (1992:47) e a transferência do cemitério de São José, o motivo apresentado é que ali seria um jardim. No governo de Fileto Ferreira, em 1897, o

²³ Igrejas, Palácios e Palacetes, Mercado Adolpho Lisboa, Liceus, Pontes de ferro, Reservatório, Teatros, Hospitais, Capelas, Praças, Logradouros, Monumentos, Porto.

mesmo retomava um dos projetos do ex-governador Eduardo Ribeiro, e sugeria a construção de um parque, na atual praça da Saudade, incluindo área do antigo cemitério (Ibidem, 1992, p. 179).

Em relação a inserção do cemitério no estudo do meio através de paisagens de aprendizagem, Mesquita (1992) afirma a importância dos estudos no que se refere a estudos da arquitetura que corroboram com nosso estudo quando aponta que

[...] não deve se restringir somente ao estudo de grandes obras ou estilos reconhecidamente consagrados. Considerando que o estudo de uma obra singela pode revelar uma peça original e única de um determinado período, poderá também vir a constituir-se num concreto e importante documento histórico, testemunho de uma época. A investigação de sua história, das necessidades que levaram ao projeto, até as condições de sua execução são capazes de resgatar muitos elementos do contexto em que foi gerado revelando dados que podem valorizar a sua preservação para o futuro (MESQUITA, 1992, p. 55).

Nesse sentido, embora a arquitetura da época não seja o interesse principal, serve neste momento para ilustrar a importância de se estudar os equipamentos e as construções do passado, transmitindo valores às novas gerações e evidenciando a necessidade de políticas voltadas para a revitalização e preservação de bens públicos, como o Cemitério de São João Batista.

Mesquita (1992, p. 55) considera que ao ressaltar em sua obra a arquitetura da *belle époque*, ele o faz não como mero elemento cênico local, mas por todo um contexto histórico que envolveu decisões políticas, incrementou o comércio, modificou a paisagem e mais do que isto; modificou o modo de pensar das pessoas.

Caminhando pelas quadras centrais do Cemitério de São João Batista, encontram-se muitos túmulos ornamentados com estatuária, muitos são provenientes de oficinas marmóreas de Portugal, a exemplo de outras capitais brasileiras que posteriormente importaram da Itália e França, predominando a partir de 1905 o estilo *art-noveau*, que foi se diluindo ao findar a terceira década (VALLADARES, 1972 apud BORGES, 2002, p. 154). Considera-se importante que este conhecimento estético seja difundido na escola, como memória e como inspiração.

2.4 – Caracterização Histórico-Geográfica do Cemitério de São João Batista

2.4.1 – Síntese Histórica

O que se conhece hoje por Manaus foi de 1825 a 1850, anexada a antiga Capitania do Rio Negro da Província do Pará da qual foi desmembrada em 1850 quando surge como Província do Amazonas. Lugar ermo distante e de difícil acesso segundo relatos da época.

A nova província venceu o isolamento inicial devido a navegação a vapor que diminuiu a distância entre a Província do Pará em uma semana e pela possibilidade de ampliar o volume de carga, fatores fundamentais que corroboraram para incluir os seringais amazonense ao mercado internacional da borracha.

A aceitação do produto no mercado externo incentivou a migração principalmente para mão de obra nos seringais. Vieram levas de nordestinos, de paraenses, maranhenses e estrangeiros, em sua maioria para trabalhar nos seringais, nos navios e no comércio local. Manaus que contava em 1856 com contingente de mil e duzentos habitantes em 1882 teve o aumento para dez mil habitantes (LOUREIRO, 2001, p. 34).

A Província não teve o crescimento esperado, atribuiu-se ao fato de estar localizada longe das outras regiões brasileiras, em contrapartida, estava bem localizada em relação a Europa e Estados Unidos. Foram apontados como um dos fatores responsáveis pelo diminuto crescimento da região a falta e precariedade dos equipamentos públicos como hospitais, a precária condição sanitária e a baixa resistência da população indígena às doenças²⁴ introduzidas pelo europeu e o africano, que tornavam a Província refém quando se instalava alguma epidemia e as mesmas foram constantes no passado (LOUREIRO, 2001, p. 36).

Porém, as epidemias aconteciam no Brasil de modo geral. Institutos vacínicos foram instalados em todas as províncias do Império. A princípio a vacinação era tão temida quanto a própria doença. Em 1854, segundo relatório solicitado por Ferreira Pena ao médico Antônio José Moreira e ao professor de homeopatia Mários Portes, a situação da Província era caótica, e o único hospital – São Vicente²⁵ - estava em ruínas (Ibidem, 2001, p. 36).

²⁴ Como o sarampo, a catapora, a varíola, a coqueluche, a tuberculose e a malária entre outras que consumiram milhares de vidas ao longo dos tempos, e a agressividade do clima, do sol, das florestas, das terras, do meio ambiente, da alimentação, para as raças brancas e para o seu típico modo de sobreviver, incapazes de aqui produzirem os seus alimentos fundamentais: trigo, pão, uvas, vinho, azeite, azeitonas, queijos, leite, verduras, a serem substituídos pela mandioca, manteiga de tartaruga, peixes desconhecidos, jirimuns, moqueados, tapiocas, farofas, [...] (Loureiro, 2001, p. 35).

²⁵ Neste local onde funcionava o hospital Militar São Vicente, foi cogitado de construir um Cemitério regular.

Pelos idos de 1792 (Braga s/d) não havia cemitério público em Manaus. Os enterramentos eram feitos nos terrenos da igreja da Nossa Senhora da Conceição (Matriz) e nas proximidades de onde foi construída a igreja dos Remédios.

A Vila necessitava ser equipada com hospitais e (**cemitérios**), pois a população que crescia era constantemente acometida de doenças alguns com finais trágicos conforme exemplificado; [grifo nosso]

O obituário da Barra era altíssimo, chegando a 90, em 1853, o que representava quase 10% do total da população da cidade, e, para tornar o quadro mais sombrio, duas epidemias abateram-se sobre a população amazonense, pela primeira vez, nos anos seguintes: em 1855, a de cólera morbus e, em 1856, a de febre amarela (LOUREIRO, 2004, p. 37).

Esta epidemia fez com que o cemitério dos Remédios fosse fechado e fosse aberto o de São José, localizado na estrada da Cachoeira Grande. Até a data de 1859 não havia cemitério público surgiu a necessidade de construir.

É erguido o cemitério São José (1859), o mesmo não foi bem aceito pela população não se sabe os motivos quando de sua criação. A localização do cemitério de São José entre as atuais ruas Epaminondas e Simão Boulevard, então área bem localizada e que dava acesso a expansão para o lado de São Raimundo, que posteriormente foi constituído bairro na gestão de Eduardo Ribeiro, coincidia desse modo com a expansão da cidade.

Braga (s/d) afirma que até o ano de 1896, por imagens da época, era possível ver a capela erigida em 1859 e inaugurada em 06 de maio do mesmo ano quando a imagem de São José acompanhada por autoridades da época, sai do seminário do mesmo nome para o cemitério onde recebe em cerimônia benção seguida de missa oficializada pelo vigário-geral.

O Cemitério de São José ficou em funcionamento até a construção do cemitério de São João Batista, quando o cemitério São José foi desmontado e instalado no Cemitério de São João Batista, à capela transferida foram sendo incorporadas obras de arte. Os túmulos mais antigos do cemitério de São João Batista vieram do antigo cemitério de São José.

O Cemitério São João Batista foi projetado pelo engenheiro Hermano Bittencourt (BRAGA. s/d). Sua construção veio desafogar a pressão que era exercida pelo aumento da população e para acolher os mortos vitimados por uma epidemia que grassou Manaus, no final do século XIX.

Nenhum tipo de registro de manifestação de desagrado da população em relação a transferências do cemitério, com exceção, de comentário em Braga, o que não tira a

possibilidade de ter havido muita reprovação da sociedade que, senso comum, não costuma concordar mudanças neste tipo de equipamento²⁶.

2.4.2 – Localização do C.S.J.

Situado no alto do bairro Mocó, que se limita ao norte com o Pico das Águas, a leste com a Avenida Major Gabriel, ao sul com o Boulevard Amazonas e a oeste com terras particulares; ocupando uma área de 92.160 m², fechada por um muro de alvenaria de pedra e tijolo com gradil e portões de ferro.” [Relatório apresentado à Intendência Municipal de Manáos, em sessão de 1º de outubro de 1922, pelo Superintendente Dr. Basílio Torreão Franco de Sá.²⁷



Figura: 23 – Cemitério J.C.J.
Fonte: Prefeitura Municipal de Manaus, 2006.

A entrada principal fica na praça Chile, bairro Adrianópolis. A segunda e imponente entrada pela Avenida *Boulevard* Álvaro Maia, onde o acesso é permitido por um dos dois portões de entrada, em ferro. Os mesmos foram feitos pela fundição de Walter MacFarlane, Glasgow, Escócia (Ver figura 18).

²⁶ Os locais onde são instalados cemitérios possuem uma aura especial de campo santo. Recentemente com a reforma da praça da Saudade, local próximo aonde foi o cemitério São José, cogitou-se que foram encontrados ossadas humanas nas escavações da obra. Saindo nota na imprensa local de que cogitavam construir no local da praça da Saudade – 5 de novembro- um prédio residencial, porém, a idéia teria sido rejeitada pela população, resultado este aferido mediante pesquisa de opinião.

²⁷ Tipografia Cá e Lá, 1922 apud Garcia, 2005.



Figura: 24 - ImpONENTE ENTRADA PELA AVENIDA BOULEVARD ÁLVARO MAIA, QUE EM 2005 COMPLETOU UM CENTENÁRIO. CONTEM O SEGUINTE DÍSTICO: “LABORUM META” DE CUNHO POSITIVISTA. AO FUNDO APARECE A CAPELINHA.

Imagen: Victória Cupper, 2005.

O cemitério é a cidade dos mortos e tem caráter de ser um mundo fechado e controlado, como parte de outros equipamentos disciplinares²⁸, como escolas, prisões, hospitalais. A entrada é permitida durante o dia, acesso público pelos portões, que são fechados às 18:00, com exceção de segunda-feira quando fecham mais tarde, devido ao grande número de pessoas que para ele se dirigem com a finalidade de acender velas e rezar para as almas (costume adotado principalmente pelo catolicismo e kardecismo.)

O Cemitério de S.J.B. está repartido e distribuído em quadras (25) conforme figura 19. (quadras, aléias) conforme figura 19, contidas entre muros altos com grades. As quadras são geometricamente alinhadas, o caminho para circulação (ruas) definidas. As sepulturas perpétuas possuem números, nomes, datas, o que permite a localização. A disposição dentro das quadras é mais confusa, refletindo a desordenação da cidade que possui vielas tortuosas, becos sem saída e sobreposição de casas, nas áreas antigas perto do rio.

²⁸ A sociedade disciplinar foi apontada por Michel de Foucault,. Séculos XVII e XVIII, intensificando-se no século XIX (1983, p. 183). Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1983.



Figura: 25 - Mapa de Orientação.

Fonte: Prefeitura de Manaus, 2007.

O Cemitério foi tombado pelo Estado em 16 de junho de 1998. Através do Decreto Lei Nº 11.198 tombou o acervo mais antigo composto pelos artefatos oriundos do antigo Cemitério de São José.

Em 2005, na administração municipal - prefeito Serafim Corrêa foi realizada comemoração em homenagem aos cem anos de obras dos portões e capela e, pórtico com cobertura em abóboda de metal e vidro foi reformado e entregue a população em 2009, que resultou em uma cobertura transparente.

2.4.3 – A Capela

Em 1906 foi construída a capela, no lugar do antigo necrotério, autorizado pela Lei n.º 430, de 1905, sob ordem do Superintendente Municipal Adolpho Lisboa que mandou construir muros e o conjunto de portões em ferro, mas a capela de estilo, que foi construída no local aonde havia um necrotério (ver figuras 20 e 21).

Em 1916, segundo Garcia (2005) O Superintendente Municipal Dr. Dorval Pires Porto manda reconstruir a Capela e construir uma nova casa para a Secretaria desta necrópole.



Figura 26. Capela de estilo. Inaugurada em 1906, gestão de Adolpho Lisboa. Em 2005 grandes comemorações pelo centenário das obras dos portões e capela. A capela foi restaurada na gestão de Serafim Corrêa, entregue a população em 2009. Imagem: Victória Cupper, 2005.

Figura 27. Fundos da capela contrastando com o azul do céu. À frente quadra da entrada pelo Boulevard, à direita e esquerda administração e ao fundo parte do Cruzeiro das Almas.

Imagen: Randiza Santis, 2009.

Após várias reformas a capela passou por uma restauração que evidenciou características originais. A capela foi entregue à população em janeiro de 2009 após obras de restauração sob supervisão do IMPLURB.²⁹

2.5 – A Cidade e o Cemitério Hoje

Corrêa (2002), aponta a cidade como expressão concreta de processos sociais na forma de ambiente físico construído sobre o espaço geográfico. Nesta óptica, a cidade é a expressão de processos sociais e reflete as características da sociedade.

A cidade é apresentada enquanto local que aglutina todos os processos políticos, econômicos e culturais, divergindo da óptica em que a cidade é considerada resultante de atividades econômicas, não que este aspecto não seja importante, mas a cidade não se limita apenas a sua importância econômica. Uma cidade é feita de concretude e guarda em si o imaginário dos que estão nela.

²⁹ Programa Corredor Cultural.

A importância de uma cidade reside que é obra do homem e que tem como objetivo servir a este homem em seus aspectos objetivos e subjetivos “não pode ser avaliada apenas em função de sua infra-estrutura produtiva, sua vitalidade econômica ou do resultado de um conjunto bem elaborado de objetos artificiais” (CASÉ, 2000, p. 94).

A cidade pode ser vista e analisada por outra óptica. A urbanização não seria apenas resultante do papel de geradora de lucros para indústria, o que provoca a assertiva de que “espaço urbano” é um fenômeno resultante de processos econômicos. A cidade contém em seus espaços físicos as desigualdades produzidas pelo sistema capitalista muitos destes espaços são ou não aceitos ou ignorados pela maioria da população. Em sua análise o autor afirma que o capitalismo em suas dimensões econômica e ideológica – acaba produzindo a organização da cidade e também a consciência de seus habitantes (LEFEBVRE apud SMITH, 1986, p. 250).

Porém, há os que dizem ao contrário, que neste processo da construção da cidade, são as pessoas que moldam a cidade de acordo com sua subjetividade. Raban apud Smith (1986, p. 264). “As cidades estão saturadas de simbolismo, são reproduzidas e recriadas na mente do público e fortemente fixadas nas culturas políticas que determinam a política pública” (SMITH, 1986, p. 265).

A cidade tem sua importância na relação entre a sociedade, na preocupação com criação de espaços que de certa forma apresentam e representem a sociedade. A arquitetura da cidade representada também no cemitério reflete a relação afetiva entre o indivíduo e a sociedade. A cidade é formadora da cultura, do gosto estético, da arte, da troca, dos conflitos e das afinidades.

O Cemitério de São João Batista ainda ativo começa a dar mostras de não poder acompanhar o crescimento da cidade de Manaus, que a cada ano registra uma média de 7.000 sepultamentos, espalhados entre os cemitérios da área urbana, sendo cinco públicos e um privado.

Para solucionar o problema em 2007, a Lei 1.201 foi sancionada e permite a construção de cemitérios verticais e crematórios. O mesmo vai servir de opção às famílias que preferem um outro destino aos restos mortais dos familiares e, vai permitir que cemitério como o de São João Batista – o mais central e com estatuária exuberante - possa ser revitalizado e fazer parte do circuito cultural e turístico de Manaus.

Ao contrário da cidade que tem o espaço produzido por grupos³⁰, especialmente os excluídos Corrêa (2002, p. 30), no cemitério uma antiga sepultura pode desaparecer em algum espaço de tempo se a família não tiver o cuidado de mantê-la. São muitas as sepulturas encontradas em total estado de abandono, entre elas muitas possuem valor histórico. Ao questionar-se a administração a resposta é esta: - a família é que tem a responsabilidade de zelar, de manter em boas condições. E se a sepultura “desaparecer”? Outra sepultura será levantada no lugar, certamente, porém, aqui não será por apropriação e sim por compra e venda, os terrenos no Cemitério de São João Batista são valorizados pela localização e pelo *status* que o mesmo possui.

Ainda posto, diante da ótica de Corrêa, (2002) ao se pensar na espacialidade do cemitério de São João Batista, percebe-se que semelhante ao que ocorre na cidade, os processos de centralização, segregação, inércia e as áreas cristalizadas, podem ocorrer simultaneamente haja vista que não “são excludentes entre si” (LOBATO, 2002, p. 37).

Porém, os tempos embora simultâneos possuem uma temporalidade diferente. O adensamento da cidade pode ser percebido no cemitério, porém a pauperização não. Os túmulos mais抗igos estão sofrendo processo de deteriorização e os túmulos no chão nos parecem mais fáceis de desaparecerem. Porém, constata-se que mesmo com o adensamento, não se pode dizer que há dentro do cemitério o mesmo processo análogo que acontece na cidade: favelização.

O cemitério por ser um equipamento entre muros está de certa forma, mais protegido pelo Poder Público que normatiza e regula o uso do solo, ao contrário da cidade, que cresce desordenadamente mediante processo histórico da ocupação do solo urbano, que em sua dinâmica impele as classes populares para áreas aonde a infra-estrutura não chegou. Nesses locais ainda é possível a auto-construção, porém, são pontos distantes dos equipamentos que a cidade oferece as classes mais favorecidas.

No cemitério, o operário da construção sofre a alienação do produto do seu trabalho, porém, embora seja de uma forma mais contundente, esta alienação não é aparente. É lícito concluir que: diferentemente da cidade que usa os meios de comunicação para desmascarar as desigualdades, e os desvios do poder público que trabalha em favor da reprodução do capital, no cemitério, por estar sua construção associada a mitos e ao interdito, e, por ser segregado pela própria cidade e seus consortes, não é enfatizado a desigualdade nele expressa em forma de cal, cimento, mármore, ferros, vidros.

³⁰ Ver mais em O Espaço Urbano. Roberto Lobato Corrêa. Texto que aborda o estudo da cidade.

Ao contrário da cidade, aqui o desemprego não é ameaça para o trabalhador especializado porque ao contrário de outras atividades, a sazonalidade aqui não pode ser estabelecida, porém, percebeu-se que algumas das construções começaram a serem feitas com blocos prontos de modo a economizar material tempo e mão-de-obra.

A morte nos iguala em condições. Porém, as diferenças sociais estas se perpetuam na cidade e no cemitério. A reflexão não se esgotou, nem foi pretensão diante do que foi exposto. Evidenciou-se algumas semelhanças e diferenças entre a cidade dos vivos e a cidade dos mortos, destas, algumas poderiam ajudar a montar o quebra-cabeça da sociedade que se metamorfoseia, porém, não muda a essência – na maioria dos casos, apenas a superfície.

2.6 – O Cotidiano no Cemitério de São João Batista

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos opõe, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este “mundo memória”, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional” ou desta “não-história”, como o diz ainda A. Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível (CERTEAU, 1996, p. 31).

Vários autores estudam e desvelam o cotidiano. Nossa leitura se fundamenta no pensamento de Michel de Certeau para quem o cotidiano é visto de forma diferente de outros pensadores como Agnes Helle (1972), a quem citamos representando o pensamento marxista, para quem o cotidiano é categorizado como alienação por sua repetição mecanizada e que é possível o homem sair desta “ prisão ” mediante apreender com o próprio dominador a se livrar da opressão.

De modo diferente do cotidiano em Heller (1972) o pensamento de Michel de Certeau (2004) caracteriza o cotidiano como o espaço da criatividade, das belas práticas que por este motivo deveriam ser desveladas por conterem atos humanos carregados de simplicidade e ao mesmo tempo impregnado de uma beleza, pois ao serem vividos, estes atos se revestem de humanidade.

É neste processo vivido que o ser humano comum, descobre meios de burlar de certa forma o dominador, (consideramos o sistema com regras, normas) e, para o autor é importante desvelar as táticas (modo de burlar) do homem mergulhado no cotidiano.

Convergindo neste sentido de que há significado e significação no aparente cotidiano José Machado Dias (2003), em *A Vida Cotidiana Enigmas e Revelações* caracteriza-o como o que se passa todo dia sem quebrar a ordem do dia a dia rotineiro, banal, porém, repousa justamente na sua aparente normalidade a oportunidade de encontrar sentido e valor neste tempo desvalorizado que se nomeia de “rotina.” A repetição dos hábitos e práticas no dia a dia podem ser considerados como ritualísticos, embora num outro sentido a permanência de formas de conduta levam ao que o autor denomina de “segurança ontológica”, onde a realidade pode ser entendida como ela mesma.

Considerando-se o cotidiano como sinônimo de rotina nos deparamos com a indicação de rotas e rupturas advindas da palavra rotina que semanticamente aponta para “ruptura”. Neste sentido, considerou-se importante a observação empírica do Cemitério de São João numa tentativa de encontrar rastros de ruptura à cotidianidade ao mesmo tempo que procurou-se encontrar um “mapa da rotinização do local pelos que nele trabalham”.

Percebendo ser o cemitério um lugar que também educa, escolheu-se o cotidiano como categoria pela razão do mesmo proporcionar a dinâmica do agora em relação ao movimento, ao fluxo de pessoas, de acontecimentos no local, sem perder de vista o tempo sincrônico que se faz presente quando volta-se o olhar para o passado e do passado para o presente, como num jogo onde o tempo de agora permite conviver com alguns objetos materializados do passado.

Percebê-lo no cotidiano através da observação dos agentes sociais³¹ nele envolvidos; ou seja - os trabalhadores autônomos, os funcionários públicos, transeuntes, pessoas que ali vão para prestar homenagem à memória de algum familiar, amigo, os agentes sociais, que podem ser vistos como atores e alguns como sujeitos. O que suscita uma breve discussão no sentido de evidenciar a diferenciação entre o indivíduo, o sujeito e o ator social. Dentro dos estudos da sociedade uma corrente nomeia de ator, outras de sujeitos sociais.

³¹ Ver mais discussão sobre individuo, sujeito e ator em Torrance, Alain. *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*.

O sujeito não é o indivíduo concreto. O indivíduo pode ou não se comportar como sujeito. [...] o sujeito é o ser humano em face de si mesmo, [...] o ator e sistema são faces de uma mesma realidade. [...] O sujeito é o que há de mais fraco, de mais intermitente. Ele não é um conjunto de papéis sociais, mas antes, um esforço para se dessocializar sem se perder, recriando-se no não-social. Trata-se da passagem de uma definição social a uma definição não-social do ator, do indivíduo, do grupo. (TORRAINE, 2002, p. 76 -104).

Em relação aos trabalhadores do cemitério, escolheu-se nomeá-los de atores sociais porque fazem parte do sistema, embora alguns dos trabalhadores sejam autônomos, outros são contratados sem vínculos empregatícios, trabalhando dentro da informalidade como os vendedores ambulantes e, a minoria trabalha como funcionários da administração pública, os motoristas do ponto de táxi são autônomos assim como os donos das barracas de lanche do entorno.

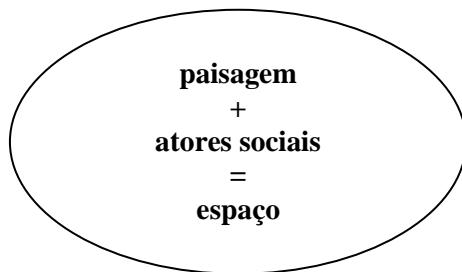


Figura: 28 - Trabalhadores autônomos – um dos grupos de atores sociais – em ação em mais um dia de trabalho.
Imagen: Victória Cupper, 2009.

A paisagem do cemitério muda em função do horário e das tarefas que nele são executadas. No final da tarde alguns vendedores ambulantes usam do espaço do cemitério para deixar material de trabalho, aos quais serão retirados no dia seguinte. A ação que procede do movimento das pessoas naquela determinada paisagem transforma-a em espaço. O espaço não existe sem os atores sociais. “No seu movimento permanente, em sua busca incessante de geografização, a sociedade está subordinada à lei do espaço preexistente” (SANTOS, 1988, p.73).

Neste sentido os trabalhadores, os transeuntes, os visitantes, os usuários podem ser considerados atores sociais que se utilizam deste espaço, desfrutando do mesmo,

modificando-o, transformando-o, consolidando-o, ou praticando outros usos. (desvios de uso normatizado).



(esquema adaptado de SANTOS, 1973).

A diferenciação da paisagem e do espaço no cemitério pode ser percebida pela movimentação (fixos e fluxos) que nos dias que antecedem ao dia dois (02) de novembro³², data dedicada aos mortos, aumenta consideravelmente o fluxo das pessoas culminando no dia 02 de novembro com milhares de pessoas que visitam este local na intenção de prestar homenagem a ente querido, amigos e até ilustres desconhecidos. Em outras datas festivas como dia das mães e dia dos pais, também aumentam o número das visitas, segundo os funcionários e notas divulgadas imprensa local.

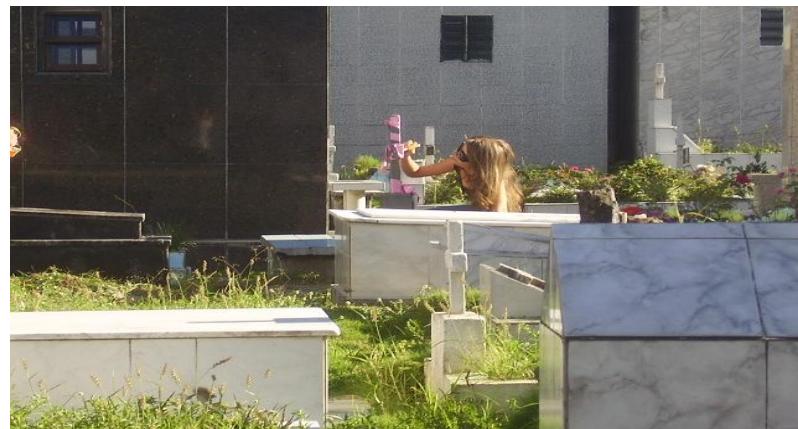


Figura: 29 - Cuidado e zelo demonstrando que a separação material não afetou os laços familiares. Apenas mudou, transformando-o em saudades.

Imagen: Randiza Santiz, 2009.

³² No século X, a Igreja Católica instituiu oficialmente o Dia de Finados. A partir do século XI, os papas Silvestre II (1009), João XVII (1009) e Leão IX (1015) passaram a obrigar a comunidade a dedicar um dia aos mortos. No século XIII, esse dia passou a ser comemorado em 2 de novembro, porque 1º de novembro é a Festa de Todos os Santos. Com o passar do tempo, a comemoração ultrapassou seu aspecto exclusivamente religioso, para revelar uma feição emotiva: a saudade de quem perdeu entes queridos. Hoje, o Dia de Finados é um dos feriados mais universais. São cerca de mil anos de celebração pela fé na ressurreição. UFGNET.

Mesmo em dias que não são festivos, pontuais - encontra-se cenas em que alguns túmulos estão sendo limpos, arrumados com flores e velas, conforme a figura 23. São pequenos gestos que demonstram que os laços afetivos ainda possuem importância e, que a própria finitude da vida não acabou com a ligação afetiva familiar. Mas ao mesmo tempo no mesmo lugar olhando em volta vê-se sepulturas abandonadas, profanadas, sofrendo a ação do tempo, das chuvas, e ação antrópica que resultam em objetos quebrados, riscados, entre outros. O cemitério mais uma vez se assemelha à cidade pois a mesma também sofre deterioração, vandalismo, abandono, conforme a imagem 23.



Figura: 30 – Serviço de Zeladoria do jazigo. Algumas famílias contratam pessoas para cuidar da manutenção do jazigo. A sepultura é Perpetua conforme a indicação S.P. na placa. Localiza-se na Q. 06. Número 355.

Para Santos (1997) “em cada lugar, os sistemas sucessivos do acontecer social distinguem períodos diferentes, permitindo falar de hoje e de ontem. Este é o eixo das sucessões. [...] No viver comum de cada instante, os eventos não são sucessivos, mas concomitantes” (SANTOS, 1997, p. 127).

[...] o tempo como sucessão é abstrato e ao mesmo tempo como simultaneidade é o tempo concreto, já que é o tempo da vida de todos. O espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades diferentes de uso do espaço (do território) relacionadas com possibilidades de uso do tempo (SANTOS, 1997, p. 127).

O adentrar no cemitério, fazendo a leitura do mesmo pelo cotidiano é permitir-se ficar a par de fatos e acontecimentos de toda ordem, alguns simples e comoventes, outros

engraçados, com dose de humor, outros tristes e que provocam a sensação de impotência diante dos fatos pelos quais pouco ou nada se pode fazer, além de registrar.



Figuras: 31, 32, 33.

Enterro sob chuva forte (32). Operário despreocupado em sua bicicleta (31). Uma pessoa acompanhada de um cão andando na tarde chuvosa acompanhando um enterro (33).

Imagens: Randiza Santis, 2009.

O cemitério torna-se singular e conhecido na possibilidade do cotidiano principalmente quando através deste se depara com o Cemitério de São João Batista pelo ângulo interno. Penetrar no recinto do C.S.J.B. é adentrar-se em um micro-universo em sua complexidade e ao mesmo tempo simplicidade.

É imenso em tamanho e em igual proporção em diversidade e a mesma poderá ser subdividida em gênero [masculino, feminino], em faixa etárias [adultos, adolescentes e crianças], em classes sociais, [não está expresso por escrito, mas subentendido], em devoção religiosa³³, identidade cultural.

Alguns jazigos trazem o sobrenome da família seguido do nome do homem, no caso, subentendido como “chefe da família”. Neste sentido nem todos os com esta característica são antigos. Ver o mausoléu da Família Salem.

³³ Predominância cristã.



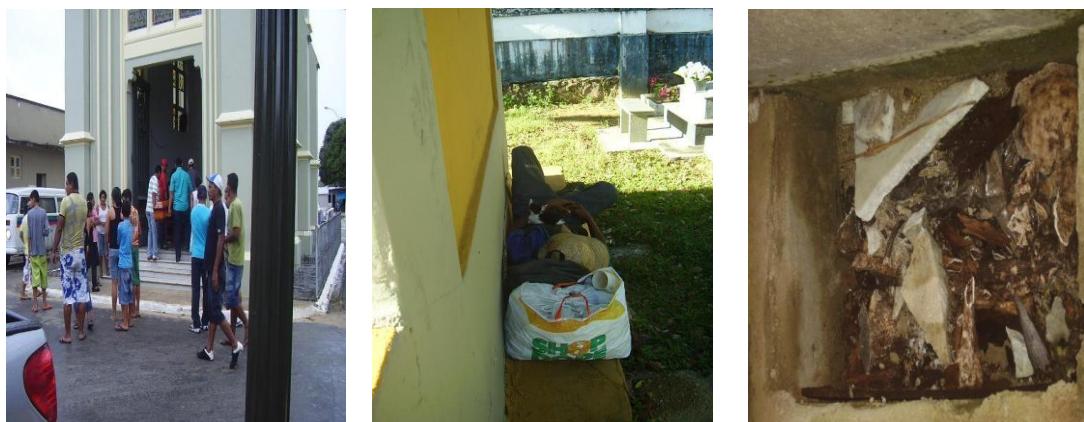
Figura: 34 - Túmulo deteriorado. Ao fundo pesquisadora, funcionário, acadêmicos quebrando a cotidianeidade do cemitério de São João Batista.

Imagem: Victória Cupper, 2009.

Adentrar-se o cemitério para observar aquilo que para o outro(s) é mero detalhe, misturar-se a grupo de pessoas que acompanham enterro, lançar olhares dentro de algumas capelinhas na tentativa de ver o que as famílias colocam no altar e com isso descobrir um ponto, um nó nesta tessitura de morte e vida e de trabalho e também lazer, de esperanças para os que ali trabalham e ganham o pão de todo dia.

É andar pelas quadras debaixo do sol, andar pelas quadras sob a chuva, pisar no terreno encharcado, sair com as roupas cheias de carrapichos³⁴. Ver em algumas pessoas o ar de desesperança porque perdeu o “esteio” da família.

É encontrar jazigos abandonados e que expressam deste modo a banalização da morte na sociedade contemporânea, conforme imagem 31.



Figuras: 35, 36, 37

Caixão carregado para capela por causa da chuva forte que caiu.(35) Morador d e rua descansando à sombra da capelinha da Irmandade, no colo dele um gato morador do local. (36) Restos mortais expostos a céu aberto. (37). Três instantâneos no cotidiano do C.S.J.B. Imagens: Randiza Santis, 2009.

³⁴ Espécie de espinho de cor verde que gruda na roupa.

Procurar vestígios de outros usos e práticas, como as reuniões esporádicas de grupo de jovens denominados de “homens de preto” pelos próprios funcionários e que os acusam de causar vandalismo. O local de encontro desse grupo de jovens é no local da Irmandade do Santíssimo Coração, cercado com muros e portão de acesso. Apresenta uma brecha no gradil do muro lado NE em relação a entrada principal Praça Chile, Q 20.

Embora não tenhamos encontrado com este grupo, pelas descrições atribuímos a eles a denominação de “tribos urbanas”³⁵ (MAFFESOLI, 2002 apud COSTA, 2007, p. 81) e a irmandade representa um rizoma³⁶ dentro do contexto total do cemitério de São João Batista.

Imaginar-se na possibilidade de se diluir para também ser parte momentânea da paisagem que é ao mesmo tempo colorida e descolorida, que é calma e agitada, que é alegre e triste, que comporta em si os elementos perceptíveis pelo olhar e, que em nenhum momento poderá significar a totalidade, porque a paisagem é sempre um fragmento do todo e o todo é o próprio cemitério de São João Batista em seus limites materiais, com suas quadras e construções e embaixo das construções os sepultados contidos no seio da terra que é viva e que se movimenta em sua dinâmica.

Nesta dialética e emaranhado de emoções gestada pelos pedaços fragmentados do cotidiano procurou-se categorizar as principais representações encontradas pelos atores sociais e pelos alunos que acompanharam este Estudo do Meio.

De um lado, análise mostra antes que a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais (CERTEAU, 1998, p. 38).

O cemitério torna-se singular e conhecido na possibilidade do cotidiano, principalmente quando através deste se depara com o Cemitério de São João pelo ângulo interno. Penetrar no recinto do Cemitério de São João é adentrar-se dentro de um micro universo em sua complexidade.

É imenso em tamanho e em igual proporção em diversidade e a mesma pode ser subdividida em gênero [masculino e feminino], em faixa etária [todas as possíveis], em classe

³⁵ “tipos culturais (agregados culturais ou tribos urbanas” que se atraem mutuamente sobretudo por um sentimento estético (expressões de desejo e necessidades relacionais específicas) e menos uma condição funcional inserida nas rotinas urbanas” (MAFFESOLI, 2002 apud COSTA, 2007 p. 81).

³⁶ Idéia norteadora para ampliação da pesquisa.

social [não está expresso por escrito, mas subentendido], em escolha religiosa³⁷, identidade cultural, hierarquia social.

Muito presente a multidiversidade na origem dos que aqui reposam. Percebe-se que quando morrem a família faz questão de afirmar a identidade cultural do individuo, como mostram os túmulos dos orientais onde a forma e os caracteres afirmam a origem nipônica, do mesmo modo, o mausoléu em forma de mesquita árabe, os túmulos de linhas retas e com a estrela de Davi dos judeus.

São pequenos detalhes com significados, por exemplo, a presença de algumas semelhanças em uma capela de ordem religiosa, onde o ossuário fica na parede contígua, lembrança de quando o sepultamento era responsabilidade da igreja.

Ou por exemplo os detalhes das capela-casa que procuram reproduzir o ambiente doméstico numa extensão da vida familiar. Os artefatos em mármore, os sepulcros de crianças. E tantos outros.

2.6.1 – Descrevendo o cotidiano propriamente dito

Muitos funcionários aqui trabalham durante a semana e há uma escala para plantões nos finais de semana e feriados. Os portões são abertos antes das oito horas da manhã. E são fechados às 18:00 de terça a domingo e às segundas-feiras são fechados às 20:00 horas. Neste dia as pessoas costumam vir aceder velas no cruzeiro para as almas, prática da fusão religiosa catolicismo e Kardecismo.

Durante o dia é possível constatar a presença de muitos vendedores ambulantes que adentram os portões vendendo lanche: carrinhos de pipoca, carrinhos de picolé e ainda lanche oferecido em caixas de isopor. Vendem salgado, água, suco feito em casa, refrigerante. Geralmente é um lanche de preço acessível aos trabalhadores. Eles cotidianamente perfazem o mesmo percurso: de casa para as ruas, e nestas eles estabelecem vínculos, laços entre os fregueses de todo dia. E, do mesmo modo, os trabalhadores se acostumaram a ter esta pausa para a “merenda”, seja um mingau, salgado, pipoca, suco, picolé.

A relação compra e venda informal dentro do cemitério pelo que foi observado depende mais do dinheiro que embora nunca sobre para muitas coisas até necessárias, paradoxalmente, também não falta para estas pequenas “delícias” que reforçam a disposição em continuar mais um dia de trabalho, do que propriamente do que é oferecido.

³⁷ Predominância cristã.

O lidar com a morte envolve um circuito grande de comércio e de relações. A vida também. Os construtores autônomos estão sempre sendo contratados e os mesmos contratam outros operários para a execução da obra, o que denota uma divisão do trabalho. Pedreiro, ajudante de pedreiro, um operário mais especializado para os acabamentos, como por exemplo, a lápide que pode ser feita em diversos materiais. Em algumas ruas, não tão próximo ao cemitério há propagandas de letras e de lápides. Demonstrando assim que existe uma “troca” entre o cemitério e a cidade.

2.6.2 – Cemitério de São João através dos atores sociais que o vivem

Um lugar é feito pelas pessoas que nele vivem, trabalham, circulam, etc. No cemitério de São João Batista trabalham algumas pessoas empregados diretos da administração pública. E, trabalham em outros profissionais autônomos do ramo de construção (mestres de obras, pedreiro, auxiliar de pedreiro, vendedores de letras, vendedores ambulantes).

Alguns deles fizeram parte do universo de nossa pesquisa em curso, com o intuito de captar nas palavras, nos gestos, nas pausas, na escolha estética dos mesmos, algo que no dia-a-dia possa passar desapercebidos, e, que assim feito, permite que se conheça um lado mais humano, verdadeiro do cemitério de São João Batista, demonstrado que ali é um lugar de significados para as pessoas que ali trabalham retirando o salário para o sustento da vida.

“Porque o cotidiano é essencialmente o espaço onde se encontram os modestos anseios diários, bem como as forças diárias onipresentes que frustram os anseios e impedem a realização de ânsias e necessidades” (JAMESON, 1995, p. 111). Neste sentido, são homens e mulheres de várias faixas etárias, com variado grau de escolaridade, casados, descasados, solteiros, amancebados.

Crianças que acompanham os pais no local de trabalho. Desocupados. Outros. Os encontros foram pontuais, mas o suficiente para fornecer dados qualitativos pois trata-se de seres humanos e como tais não se enquadram em mensurações.

Descrevemos a seguir partes de falas trocadas entre alguns atores mediante autorização dos mesmos a quem foi dito e mostrado o trabalho que estava em curso. A maioria foi favorável em colaborar. Em menor número, alguns alegaram não ter tempo, quiseram deixar para outro dia. Selecionei seu João Batista e a menina Vitória a quem pedimos licença aos pais para fotografá-la, uma pessoa que tem familiares enterrados e que os “visita” com frequência e nos domingos traz o animal de estimação junto.

2.6.2.1 – *O Cemitério de São João Batista por seu João Batista*

Como semelhança o nome próprio. Seu João Batista, trabalhador da administração pública, já foi coveiro, hoje trabalha como construtor. Uns quinze anos - mais ou menos- que ali trabalha e gosta muito do seu local de trabalho.

Perguntado se estava acostumado com a morte - fez uma pausa- percebe-se um suspiro breve e eis a resposta. “– Não gosto da morte. Mas já me acostumei. Lido com ela todo dia. Mas sei que quando é na nossa família... é diferente. Não tem como acostumar, costume. A morte chega e a gente sofre”.

Porém, mesmo tendo de lidar com a morte dos outros, com a família de quem morreu, trabalhar no cemitério para seu João Batista representa segurança, calma e tranquilidade.

Pode-se dizer que aqui é a sua segunda casa? “ – Sim, aqui é como se fosse minha casa e até melhor. As vezes durmo dentro de um túmulo e lá é melhor que na minha casa. Eu não tenho nada de meu, nem uma rede e ali onde descanso o piso é de cerâmica, isto não tem na minha casa”, diz ele conformado.

Ele concorda que o que mais tem no cemitério como símbolo é a cruz. “Tem cruz de tudo que é jeito e material”, diz apontando para o lado. A cor predominante do cemitério para seu João Batista é o azul. Para ele o Cemitério de São João Batista não tem cheiro. Perguntou-se de novo e ele arrisca: “Um pouco de cheiro de vela. Este cheiro aumenta quando chega o período dos Finados”.

No dia dois (02) de novembro é sem dúvida a data mais comemorada por todos, é quando o fluxo de pessoas aumenta consideravelmente, as outras datas comemorativas de maior importância são Dia das Mães e dia dos Pais. (dia dos “cornudos”, diz ele fazendo graça).

Percebe-se que para eles trabalhar ali é que nem trabalhar em qualquer outro lugar. Porém, para seu João Batista existe sim um preconceito em relação a eles, e isto ele mesmo comprovou em duas ocasiões das quais se lembra: uma foi com desconhecido e outro com familiares que ao saberem o local onde ele trabalhava disseram “*ixi*” fazendo tipo um gesto de “esconjuro”.³⁸

Fez questão de mostrar o jazigo preferido, entre todos. Porém, não quis conforme foi sugerido fotografar o túmulo, aceitando ser fotografado ao lado do mesmo, que é o mausoléu da família do qual ele possui a chave, pois tem a incumbência de zelar por este. Fica localizado na Q 08.

³⁸ Gesto usual feito para afastar coisas consideradas de mau agouro, entre outras situações.

O mausoléu apontado tem linhas modernas, uso de vidro que deixa entrever um pequeno altar com uma imagem sacra representando uma madona e o filho, um vaso com flores. O teto do mausoléu é uma abóboda de cor amarelo ouro, a representação remete a união do céu e a terra. O domo é um símbolo tridimensional do céu (Tuan, 2002). O artefato está ancorado em quatro colunas, cilíndricas.

E este mausoléu tem epigrafia em árabe e português. O domo teve grande importância simbólica para os cristãos, fez escola a tradição dômica na arquitetura bizantina e a interpretação da igreja como réplica do céu na terra refletiram a influência Síria e esta recebeu influências do Irã, Índia, Palestina e do mundo clássico pagão, diz Tuan (2002, p. 196).

Percebe-se nesta quadra uma concentração desta representação por parte de famílias de origem sírio-libaneses que aqui aportaram no último quartel do século XIX.



Figura: 38 – Seu João Batista posando ao lado do mausoléu escolhido como o mais representativo para ele. Ele mesmo zela por este do qual tem a posse das chaves. O túmulo está localizado na Q 08 e possui epigrafia em português e árabe.

Imagens - Randiza Santis, 2009.

Ele mora em um bairro distante do local de trabalho e para lá se dirige quando acaba o expediente. Relatou que estando muito cansado, não tem vontade de ir para casa, quando isso acontece, ele fica no local de trabalho, por ali dorme.

Quando seu João Batista diz que costuma tirar um descanso dentro do mausoléu, poder-se-ia lembrar “as táticas” que Certeau (2004) aponta em A Invenção do Cotidiano.

A tática só tem por lugar o do “outro”. Ela ai se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. [...] O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no vôo” possibilidade de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões” (CERTEAU, 2004, p. 46-47).

De certa forma desfrutar de um descanso dentro do mausoléu mostra a inventividade do ator que para fugir do calor e do cansaço “penetra” no ambiente ao qual está responsabilizado de “zelar”.

Perguntou-se se tinha visto algo, alguma coisa acontecendo por ali que não era próprio do local. Ele foi logo respondendo que – “nunca viu nada de visagem”. Nunca, nunca”. Mas o que o senhor viu de diferente? – Ele diz rindo “que já viu de tudo, de beberagem a brigas, baile, namoros”.

Perguntado sobre alguma anormalidade ele mencionou que o grupo de jovens apelidado por eles de “homens de preto” fazem de tudo lá dentro do cemitério, de vandalismo a rituais. Sendo confirmado pelos outros funcionários que por ali estavam.

Seu João Batista é um exemplo de ator social que já foi trabalhador avulso, trabalhou por conta própria e hoje é funcionário da administração pública. Ele como outros funcionários têm a real dimensão do valor que se encontra entre os muros, pelo próprio muro com o gradil agora restaurado e, por cada porção de terra deste “campo santo”.

Porque além da riqueza dos mausoléus em mármore, das esculturas de diversos estilos, dos túmulos mais despojados, das cruzes feitas com vários tipos de material, ali a vida pulsa dentro de cada um desses trabalhadores que ainda sonham com uma vida melhor. E mais tarde quem sabe com uma boa morte.

Pessoas como seu João Batista e outros tantos não vão poder comprar um terreno no cemitério de São João Batista porque é considerado um lugar destinado à elite amazonense, portanto os terrenos estão escassos e são caros. Ser enterrado no C.S.J.B. sonho de muitos amazonenses é para poucos.

[...] Feita a obra, o sujeito não se reconhece nela nem é reconhecido, pois trata de um esforço produzido em função de finalidades estranhas às suas necessidades, distante de seus sonhos e utopias. Há uma distância social entre o ato de produzir as obras e os produtos e de apropriar-se deles que faz com que a identificação do homem com aquilo que o cerca apareça como estranhamento (CARLOS, 2002, p. 81).

Percebe-se aqui a questão colocada por Marx (1974) - a alienação do trabalho³⁹ que se expressa na vida desses que aqui trabalham construindo artefatos cemiteriais em forma de um afastamento provocado pelas circunstâncias conjunturais e estruturais fazendo com que o produto final não lhes pertença. (e o pedaço de terra que lhes cabe daqui é a poeira que se mistura ao suor do rosto, sob o sol este sim democrático.).

2.6.2.2 – Vitória, pequena menina em meio ao grande cemitério

A presença de uma criança brincando entre os túmulos no meio da tarde parecia uma visão surreal. Seu nome é Vitória. Ela tem nove (09) anos. A menina brinca dentro do cemitério com naturalidade porque seus pais trabalham no cemitério e desde pequena ela os acompanha junto a outros irmãos menores.

Toda a família dela trabalha no cemitério. Acostumada a brincar por ali, a circular por entre os túmulos e a correr pelas quadras. Perguntou-se qual era o túmulo mais bonito de todos. O túmulo apontado por ela é a representação de um anjo em médio porte, de cor clara.



Figura: 39 - “Como se fora brincadeira de roda, memória Jogo do trabalho na dança das mãos...”⁴⁰

Imagen: Victória Cupper, 2009.

³⁹ Significando etimologicamente *alienare*.

⁴⁰ Trecho de uma canção de Gonzaguinha.

A família dela trabalha no cemitério. Cresceu acostumada a brincar por ali, a circular por entre os túmulos e a correr pelas quadras. Perguntou-se qual era o túmulo mais bonito de todos. O túmulo apontado por ela é a representação de um anjo em médio porte, de cor clara.



Figura: 40 - Anjo portando características do século XX. Estrela na testa, mãos que apontam para o alto. Asas abertas.

Imagen: Victória Cupper, 2009.

Este é o túmulo escolhido por Vitória. Ele tem um anjo que possui grande representação simbólica dentro e também fora do cemitério. Mas aqui o anjo é mais do que um anjo guardião, porque a função dele é traduzir que alguém já partiu, ele é como uma ponte de ligação entre o mundo terreno dos que ficaram e do mundo celestial onde quem partiu e fez parte da vida dos que ficaram e deve estar à espera de um dia quem sabe, se reunirem.

Em relação representação do anjo o artefato escolhido mostra um anjo com as asas levantadas, uma das mãos aponta para o alto. Os anjos muito encontrados na arte cemiterial também passaram por transformações. Os anjos do século XX ao contrário do período anterior possuem uma postura de júbilo e glória, exaltada nas asas que se abrem em um “quase vôo”. Mãos em lugar de tochas e quando e portam trombeta apontam para cima (LIMA, 1994, p. 149).

Um anjo também representa a pureza. E Vitória em seus nove anos é uma pureza de menina que escolheu um anjo para se espelhar.

2.6.2.3 – A família de Vitória por uma das contratantes para zelar mausoléu

A mãe de Vitória tem menos de 30 anos de idade. É mãe de seis (06) filhos. O maior com nove (09) anos e o menor com seis meses esta em fase de amamentação, segundo relato de uma senhora que nos concedeu licença para fotografá-la junto ao mausoléu da família. A mãe de Vitória retira dali o sustento, o aluguel, escola para os filhos. Tudo vem do trabalho de zeladoria de mausoléus para as pessoas que a contratam.



Figura: 41 - Senhora sentada no jazigo da família com o cão de estimação.
Ela representa ator social externo.

Imagen: M.T.Cupper, 2009.

Esta senhora para a qual trabalha, estava domingo de manhã visitando o jazigo da família, onde estão sepultados marido e o filho, mortos em um acidente de trânsito. A senhora estava sentada em um dos dois bancos que o jazigo possui na própria estrutura e no colo dela estava um *poodle* branco. Este fato vem a confirmar a questão dos laços afetivos, o rompimento desta afetividade com a morte e/ ou a manutenção de uma afetividade em memória de alguém. Neste caso ela mantém os laços afetivos e inclui nestas visitas o animal de estimação da família. O mesmo fato pode ser ilustrado pela escultura do cachorro no jazigo da família Salem, apresentada em uma das Paisagem de Aprendizagem⁴¹. Não perguntamos qual seria o jazigo mais representativo para ela, haja vista já ter nos contato da ligação dela com o lugar e com a perda da família. O jazigo onde ela se encontra tem a forma de casa, o uso de janela convencional apontam esta construção como capela-casa, denominado por Cymbalista (2002, p. 82).

⁴¹ P. 120.

2.6.3 – Animais habitam a “cidade dos mortos”

Animais habitam no Cemitério de São João Batista, dentre a constatação de que há muita vida no Cemitério de São João Batista a mesma é pela presença dos funcionários que ali trabalham, os usuários que se utilizam deste recinto para práticas de leitura, conversar, namorar e também comprovada pela presença de animais entre eles os domésticos como cães e gatos.



Figura: 42, 43, 44 - Gatos e Cachorros ditos animais domésticos moram no cemitério, de muitas maneiras devem ter sido soltos neste local, aqui estão e emprestam à paisagem cores, sons, gestos, contribuindo na transformação da paisagem em um lugar para os que nele trabalham.

Imagen: 42. Randiza, Santis, 2009. Imagens 43 e 44: Victória Cupper, 2007.

Dentre a constatação de que há muita vida no Cemitério de São João Batista a mesma é pela presença dos funcionários que ali trabalham, os usuários que se utilizam deste recinto para práticas de leitura, conversar, namorar e também comprovada pela presença de animais entre eles os domésticos como cães e gatos. Há presença de borboletas de cor clara. Insetos. Dizem que quando alunos de uma escola particular vieram aqui numa prática avistaram uma cobra⁴². Há presenças de morcegos que como os pássaros podem ser responsabilizados por muitas frutíferas que estão nascendo como as pitangueiras. As mesmas já foram usadas como cerca para separar as quadras, mas hoje quase são inexistentes, salvo uma ou outra que crescem aleatoriamente. Há uma variedade de pássaros que ao entardecer revoam o cemitério em busca de abrigo.

⁴² Segundo relato da mãe de uma das alunas que participou desta prática.

2.6.4 – Práticas religiosas no Cemitério de São João Batista e outros Usos

Rezende (2000, p. 16) em estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa, SP, apontou como usos espaciais, “as práticas religiosas; o lazer e a recreação; a atividade esportiva; os rituais dos adoradores da morte; o uso de drogas; o cemitério usado como local de reflexão; de comércio e de coleta de materiais reciclável”. No cemitério de São João Batista, ao longo do tempo observou-se algumas semelhanças com o uso do espaço do cemitério daqui comparado-o ao de Vila Formosa, SP.

Em Manaus através de eventuais observações empírica ao longo dos anos, intensificadas nos últimos dois anos, constatou-se que o ciclismo ocorre mais nos finais de semana, o uso do espaço para “namorar” não tem um horário certo, haja vista que foi observado o mesmo sendo praticado pelos próprios funcionários após o almoço, quando se retiram para descansar, próximo ao ossuário.

O uso de drogas acontece mais no fim do dia dentro do perímetro da quadra 11, que é distante e fica próximo ao muro do lado de casas residenciais. O uso de empinar pipas não foi presenciado em nenhum momento, acredita-se que por ser o cemitério considerado bairro central, o entorno possui algumas casas mais antigas com predominância de moradores de mais idade. Os jovens que moram nos arredores por serem possivelmente de classe média não devem praticar este tipo de diversão.

Em relação às outras práticas religiosas não conseguiu-se verificá-las apenas as “oferendas”, “despachos”, deixados em algum túmulo, constatando-se recorrência em alguns túmulos ao logo do tempo.

Inicialmente como os cemitérios eram responsabilidades da Igreja Católica, os mesmos possuíam capelas para cerimônias religiosas. Era comum missa de Corpo Presente celebrada na presença do morto no esquife, a família e amigos e até mesmo estranhos que por ali circulavam.

Inicia um processo de desvinculação em relação ao domínio da igreja Católica, a secularização, mesmo assim após o processo de laicização do Estado a igreja católica continua sendo a religião dominante nos cemitérios secularizados.

Na criação dos cemitérios parques – criados na década de 60 - a intenção foi de criar espaços ecumênicos onde cada família possa encomendar o ritual religioso ao qual a família e ou/ o falecido seguia.

No São João Batista tem a capelinha que foi fundada em 1906. Anterior a ela o povo e a classe dirigente tinha o entendimento de que no cemitério tinha que ter capela para os

ófícios. Assim foi na construção do extinto cemitério de São José e no São João Batista. A mesma consiste em um espaço aonde se adentra pela porta com vitrais nas janelas, pequeno púlpito, bancos de madeiras, um espaço solene e místico ao mesmo tempo. No lado externo uma imagem de São João Batista fica no alto, como se abençoando as pessoas que por ali passam. Representa a religião oficial do cemitério secularizado.

Nos fundos da capela e na parte central existe o Cruzeiro das Almas. Um grande madeiro onde as pessoas acendem velas para as almas. Até a presente data não se verificou *in loco* nenhum outro tipo de cerimônia religiosa no recinto do cemitério, somente alguns dos que foram realizados na capelinha, porém, se sabe que outros tipos de cerimônias acontecem com bastante frequência e são atribuídas aos seguidores de Umbanda, Quimbanda e Candomblé (as pessoas não fazem distinção entre uma e outra apesar de que existe diferença entre uma e outra).

Apenas alguns vestígios foram encontrados, destes, alguns são encontrados com certa frequência; bebidas como cachaça e vinho e frisante. Restos de velas em sua grande maioria da cor vermelha. Em menor quantidade pratos de argila chamado *alguidá* que serve para colocar a oferenda do “santo”.⁴³



Figura: 45 - Vestígio de “prática religiosa”.

Imagen: Victória Cupper, 2009.

⁴³ A religião afro se territorializa e desta maneira “aprofundam suas raízes no espaço”. Ver mais sobre o assunto em Aureanice de Mello Corrêa. “Não Acredito em Deuses que Não Dançam”: A Festa do Candomblé, Território Encarnador da Cultura. In Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2005, p. 141.

Os funcionários acusam o aparecimento de animais e que até galos tem aparecido por lá, quer dizer - deixam lá estes animais, inclusive vivos, eles atribuem a prática de “macumba”⁴⁴ (assim que se referem).

Na formação do povo brasileiro tem a matriz afro dos que aqui aportaram como escravos trazendo uma bagagem cultural forte e que mesmo com o passar do tempo não diminuiu, sofreu sim processo de amalgamento, principalmente no tocante a religiosidade.

Percebeu-se que os seguidores de religiões afro-descendentes sofrem discriminação. Ao se trabalhar a pluralidade cultural entende-se que os diversos tipos de religiões são exemplos concretos da influência cultural de alguns povos. Embora não seja a intenção analisar este tema, o mesmo é apontado para ilustrar apontando que o preconceito existe e, é forte e está presente dentro da escola quando se entende uma religião como a predominante e oficial.

Se os PCNs (2000) contemplam na Pluralidade Cultural a necessidade de descobrir o outro e suas diferenças afim de diminuir os preconceitos advindo das diferenças, é justo que a questão religiosa seja também trabalhada na escola como um dos temas necessários a serem “democratizados”.

Quantos foram “silenciados” por pertencerem a religiões afro-descendentes? E, quantos professores, eles os responsáveis por desmascarar a discriminação na escola, foram os algozes por não terem preparo e conhecimento (e/ou) para lidar com este tipo de questão aparentemente simples, mas, de grande complexidade? Com esta reflexão evidenciamos a complexidade do locus cemitério enquanto espaço de religiosidade.

Em relação ao uso do cemitério para práticas não usuais para o qual o espaço foi construído são constantes em outras capitais brasileiras como bem aponta Rezende, em estudo efetuado no cemitério da Vila Formosa, em São Paulo.

Dentre as atividades não usuais ao cemitério, constatamos que a utilização do espaço cemiterial se dá em virtude da dificuldade encontrada em busca de um lazer gratuito, da ausência de áreas verdes [...] e a falta de lugares livres do consumo dirigido impetrado pelos capitalismo na nossa sociedade (REZENDE, 2000, p. 48).

Em relação às áreas verdes urbanas, não pode dizer que elas inexistam, não seria verdadeira a afirmativa e muito menos dizer que não se tem na capital opções de lazer gratuito. A cidade de Manaus conta com o complexo da Ponta Negra, o Parque do Mindú, e

⁴⁴ Ver mais sobre o assunto em Wagner Gonçalves da Silva, Candomblé e Umbanda, Caminhos da Devocão Brasileira. São Paulo, 1994, p. 123 apud Rezende, 2000 p. 50, o mesmo relata que estes acontecimentos foram presenciados no cemitério paulista.

recentemente o Parque dos Bilhares, área de fácil acesso e com muitas alternativas. Portanto, se em Manaus não faltam áreas verdes de fácil acesso porque os jovens procuram o cemitério para prática de lazer e outras práticas como atos de vandalismo?

Alguns se utilizam deste espaço para lazer. Conforme mostra a figura 46.



Figura: 46 - Visão de dentro em direção entrada pela Praça Chile.

Adolescentes usam as quadras do cemitério para lazer.

Imagen: Victória Cupper, 2007.

Em relação a outros usos no cemitério no final de semana é comum ver as pessoas bebendo cerveja de latinha, debaixo das sombras das árvores, nas quadras principais. E, nas sextas-feiras é comum o uso de bebidas por alguns trabalhadores avulsos da construção no final do dia quando então trocam de roupa para irem embora.

Esta troca de roupa é feita sem nenhuma preocupação se tem alguém passando por perto ou não. É tudo num clima de muito à vontade. Aqui cabe um espaço para uma discussão; O uso do cemitério esta banalizado agora ou sempre foi assim?

O pensamento que se cria é de que a morte mesmo esta mais banalizada com ajuda dos meios de comunicação que mostra a realidade como se fosse simulacro, fazendo com que a grande parte dos indivíduos não reflita sobre o que estão vendo, apenas ingerem.

2.6.5 – Fragmentos do/no cotidiano

O cotidiano aparentemente nos remete ao “todo dia ele faz tudo sempre igual” (Buarque, s/d). Exercitando os sentidos, a percepção aguçada pode revelar um dia a dia

diferenciado. Um dia faz sol, um dia faz chuva, ou embaixo do Equador, faz sol e chuva no mesmo dia. Há que se inventar como executar os mesmos atos em circunstâncias desiguais. Ai entra a inventividade do ator social. E a quebra da cotidianeidade pode ser imperceptível.

Quando seu João Batista estava respondendo as indagações, havia um pequeno grupo próximo a ele, e de certa forma eles participaram da conversa, uma outra funcionária da limpeza disse que “no início quando comecei a trabalhar aqui tinha medo.” Agora ela tinha medo também. Perguntou-se do quê tinha medo. Ela fez suspense e disse rindo: “medo de barata”.

Existe um consenso entre eles de que é melhor ter um emprego fixo não importando o lugar do que não ter nada e ter que “fazer bico.” Porém, os funcionários contratados temem quando muda a administração pública de perderem seus cargos e ter de voltar a informalidade, aos “bicos” ou ao terrível desemprego.

Observou-se que um dos homens que ficaram ali por perto chegou numa bicicleta e estava oferecendo inseticida em lata, tinha três latas de inseticida. Uma seu João Batista comprou.

A funcionária de serviços gerais disse que ali tem muita barata. A ligação que se quer fazer aqui é que o fato deste homem estar ali vendendo inseticida foi entendido por nós como uma maneira tática de burlar as normas preestabelecidas, é inventivo o fato de vender inseticidas no cemitério (CERTEAU, 2004, p. 46-47).

Não que seja proibido vender dentro do cemitério, mas este ator social descobriu uma necessidade entre os funcionários que permanecem mais tempo ali e que se preocupam com a saúde e têm medo de contrair doenças provenientes de picadas de mosquito. Então ele só vende este tipo de produto, mas ele não é vendedor o tempo inteiro. Apenas complementa a renda. Uma esperteza em perceber o que era possível vender ali para os colegas, já que a venda de “merenda” tem outros atores envolvidos.

E chega o fim de um dia no Cemitério de São João Batista. As luzes se acendem e os portões se fecham. Lá fora a vida da grande cidade continua seu ritmo normal. Aqui dentro também o ritmo é mantido, porém não existe a pressa, a correria, o estresse.

Não há competitividade. O espaço é democrático. Aceita a todos do mesmo modo, porém, cada um que aqui se instala tem duas condições: como vivo e/ou como morto. Os mortos dependem da família para continuarem “vivos” na memória da mesma e, os vivos que aqui trabalham depende mais de si mesmos e em menor grau do círculo de pessoas que como eles aqui convivem entre os vivos e os mortos.

Da menor idade, meses, a maior idade, estão todos dentro deste espaço onde refazem o seu cotidiano entre os muros que separam a cidade dos mortos da cidade dos vivos. Alguns têm sonhos a realizar, outros com idade mais avançada não querem sonhar por estarem desesperançados, outros mais resignados.

Não se encontrou em nenhum algum gesto que esboçasse inconformismo pela vida, pelo trabalho que executam, pelas condições em que vivem, nenhuma palavra de reprovação se a mesma existe está em segredo na intimidade e não foi compartilhada até este momento.

As crianças como Vitória e Sabrina (irmãs) são apenas crianças e como tais querem brincar. A vida ainda é uma grande brincadeira e o cemitério é um bom lugar também para brincadeiras; correr entre os sepulcros, se esconder atrás de um mausoléu, ficar na sombra dos jambeiros – quem sabe abstraindo a vida-, observando quem passa, e “espiando” quem chegou para ficar. Para Vitória e Sabrina a professora não precisa fazer estudos no cemitério. O cemitério para Vitória e Sabrina é um lugar vivido. Porém, elas não consideram importante que a escola ensine sobre ele.

Ao finalizar este capítulo aonde se caracterizou o Cemitério de São João Batista do/no cotidiano, a sensação é quase esmagadora porque há muito a ser refletido. O cotidiano mostra um cemitério humanizado e ao mesmo tempo desumanizado.

No primeiro caso devido aos atores que ali ganham o pão de cada dia, com alegria e resignação. No segundo caso, a constatação de que os restos mortais expostos não chocam a quem ali trabalha. Mas chocou aos estudantes, chocou a mim. Não havia imaginado ver *in situ* restos mortais, no espaço destinado a sua “guarda”.

O cemitério que se apresentou sob o cotidiano emergiu da percepção de quem o observou, sentiu, cheirou o ar, pisou na terra e na grama e em túmulos rentes ao chão. De quem mergulhou neste universo numa profusão de cor, de cheiro, de lama, de terra, de sons, de silêncios. Nesta “pulsão” o cemitério permite um “retrato” de um dos ângulos da cidade.

CAPÍTULO 3

3 – LEITURA DO CEMITÉRIO DE SÃO JOÃO BATISTA

3.1 – Cemitério enquanto Espaço Educativo

[...] Não obstante o termo “mosaico”, encaro-o como experiência da mescla, tantos em seus aspectos físicos como simbólicos: no físico, porque se mesclam as cores, as formas, os signos, as letras, como uma espécie de permanentes colagens móveis cubistas ou surrealistas que, embora entreguem a cidade a um caos dependendo de múltiplas iniciativas, fazem com que cada cidadão, ao “percorrer a cidade”, dê a ela uma ordem particular. É essa mescla simbólica que, enquanto lhe imprime cruzamentos de ideologias, de possíveis construções de relatos individuais que juntos falam da cidade, representam, contam e rememoram essa mesma cidade (A. SILVA, 2001).

O cemitério de São João Batista a cidade dos mortos se parece com a cidade dos vivos. Tem muita semelhança que ultrapassam o traçado linear de algumas quadras se assemelhando a ruas, aqui na cidade dos mortos percebe-se os túmulos quase uns dentro do outro, semelhante às vielas tortuosas, os becos sem saída; as construções mais “nobres” representam o *status quo* de muitas famílias principalmente dos descendentes de judeus, sírio-libaneses, palestinos, árabes, orientais e os das famílias locais que fizeram fortuna com a exploração de seringais, comércio e casas bancárias.

Embora o Cemitério de São João Batista seja tido como cemitério da elite, muitos pobres estão enterrados ali – a constatação é pelo tipo de construção e pelo tipo de representação encontrada que traduz a mentalidade da sociedade em relação à cidade dos mortos.

Ao mesmo tempo o Cemitério de São João Batista é além do que apenas a “cidade dos mortos”, ele é um mosaico feito com a herança cultural deste povo que acolheu em seu meio

ambiente natural inóspido tantos estrangeiros que aqui vieram em busca de fazer “a vida” e, do mesmo modo recebeu outros brasileiros que tinham em comum o sonho de fazer fortuna nestas terras longínquas.

Muitos militares inclusive estrangeiros, aqui pereceram diante do “fogo” abrasador das febres intermitentes, do cólera e de outras mazelas.

Muitos outros criaram laços e aqui ficaram e se estabeleceram e escolheram estas terras para viver e morrer. Alguns foram transformados em heróis por seus atos e atitudes, outros foram mesmo de maneira anônima também os verdadeiros heróis, porque ajudaram a construir o que hoje se chama passado.

Muitas pessoas em Manaus têm se utilizado deste espaço com outra finalidade, seja de recreação, práticas religiosas ou para outros usos. Constatou-se que no Cemitério de São João Batista há um fluxo de pessoas, além dos trabalhadores da administração, limpeza pública e zeladores de túmulos.

Nos finais de semana, as quadras do cemitério recebem um fluxo maior de pessoas que aparentemente não estão ali para fazer visitas a algum ente querido, nem para acompanhar féretro. Segundo relatos dos funcionários – atores sociais - eventualmente algumas tribos urbanas estão entre os freqüentadores, jovens de uma igreja próxima, adolescentes, casais e alguns funcionários do Hospital Getúlio Vargas. Muitos fazem dos bancos do cemitério local de descanso.

Dever-se-ia dizer que o cemitério extrapola a idéia comum de “lugar dos mortos”, ele é também um lugar que traduz a vida, que representa sua história e que hoje faz parte de novas histórias. Histórias de vivos que nele circulam e fazem uso deste espaço. Neste sentido, entende-se que o cemitério enquanto lugar que educa pode fazer parte de estratégias educativas multidisciplinares, interdisciplinar e temas transversais, daí ser importante seu estudo.

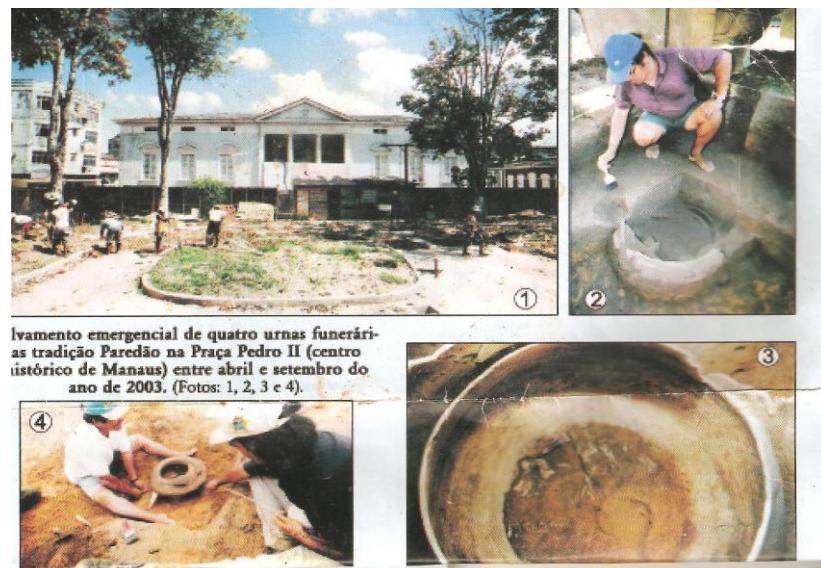
3.2 – Educação e Cultura no Cemitério

A bem dizer, a palavra “ensino” não me basta, mas a palavra “educação” comporta um excesso e uma carência. [...] A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre (MORIN, 2004 p. 11).

Segundo Zeny Rosendahl (1996) há uma lacuna na Geografia no que tange as palavras religião, sagrado, peregrino e ceremonial entre outras [...]. Embora as mesmas representem uma experiência íntima e profunda de caráter individual possuem repercussões na vida familiar, no grupo, na sociedade. A morte, com seus ritos e símbolos possui uma nítida dimensão espacial sendo por tanto, objeto de estudo e interesse da Geografia.

Esta lacuna apontada por Rosendhal (1996, p. 119) também está presente na educação. De um modo geral, quando se refere ao cemitério, em específico, como um lugar de aprendizagem, esta lacuna se torna maior. Salvo exceção, quando a partir de um cemitério tenha se originado um povoamento, dando mais tarde origem à cidade. (não é comum encontrar este tema).

No entanto, mediante fatos comprovados (escavações e urnas funerárias) Manaus está assentada em cima de um grande cemitério indígena, segundo Bernadete Andrade⁴⁵ (2004). A imagem 39 demonstra uma escavação de salvamento a algumas urnas encontradas na Praça Pedro II quando estava em obras.



lvamento emergencial de quatro urnas funerárias tradição Paredão na Praça Pedro II (centro histórico de Manaus) entre abril e setembro do ano de 2003. (Fotos: 1, 2, 3 e 4).

Figura: 47 - Registro de trabalho de escavação na Praça Dom Pedro II.
Fonte: Revista de História, 2003 (s/f).

Nesta palestra foi relatado outro achado desta natureza, em um outro local da cidade onde estava sendo implantadas obras de infra estrutura. As obras públicas continuaram e os artefatos foram perdidos.

Percebe-se que por fatores históricos que comprovam a origem da cidade de Manaus como reduto indígena, a educação formal deveria abrir espaço para temas desta natureza. A

⁴⁵ Palestra proferida no Curso de Mestrado Sociedade e Cultura.

própria academia em seus cursos de Ciências Sociais deveria produzir textos com esta abordagem.

Porém ainda é incipiente a produção de textos didáticos sobre cemitérios, voltados a educação fundamental e Médio. E os materiais encontrados enfatizam relações antropológicas, de modo que fica restrito à comunidade acadêmica de determinados cursos de ciências sociais.

Conclui-se daí, que falta um elo de ligação entre o saber produzido na academia e a sua divulgação de um modo geral e sistemático na própria academia sem seus cursos de licenciatura, em caso assertivo, poderá mudar a situação no que se refere ao tema cemitério.

A importância dos cemitérios não está atrelado apenas a sua condição abstrata metafísica e histórica. Como os prédios administrativos, praças e ruas, o cemitério é um equipamento de função técnica - sendo imprescindível em toda e qualquer sociedade.

“Ao se organizar em núcleos habitacionais, os homens precisaram refletir a cerca do espaço que deveria ser destinado aos mortos” (ALMEIDA, 1998, p. 1). A separação dos mortos dos vivos contribui para que na trajetória da humanidade a cidade dos mortos tenha sido delimitada e construída antes da cidade dos vivos (MUMFORD, 1963; CASCUDO, 2002).

Compartilhamos do pensamento de que é importante que a trajetória de como foram implantados os cemitérios nas sociedades chegue até a escola via educação formal, para que dentro da mesma encontrem-se (crie-se) mecanismos facilitadores do entendimento de que o cemitério, para além do lugar da morte demonstra uma espacialidade construída que contém o comportamento religioso e ético da sociedade, a cultura e a arte materializadas em suas formas, demonstrando modos diferentes de cultuar os que já partiram, e que, no pretérito fizeram parte da sociedade.

Neste sentido, o cemitério não é apenas mais uma construção – obra na cidade - é um local sagrado - cheio de significados e que possui duas funções distintas: a função técnica (razão) guardar os restos mortais, a função simbólica impregnada de valor mitificado e simbólico (emoção).

Deste modo, o cemitério está inserido na paisagem cultural na/da cidade de Manaus, como parte integrante do espaço urbano que é “simultaneamente fragmentado e articulado [...] reflexo da sociedade” (CORRÊA, 2002, p. 9).

Justifica-se o objetivo da proposta de trazê-lo para a sala de aula sob a óptica da Geografia Humanista Cultural, para num Estudo do Meio⁴⁶ trabalhar pelo viés interdisciplinar este objeto, rompendo com a carga enorme de preconceitos que fizeram com que o cemitério ao longo do tempo não fosse percebido como espaço educativo pelo fato dele estar diretamente ligado à representação da morte. Identificá-lo na educação como paisagem de aprendizagens foi um dos objetivos proposto.

Compreendemos que há uma pluralidade de conceitos sobre educação. Aqui a educação foi pensada na óptica de ser em linhas gerais um processo que tem por objetivo oportunizar ao indivíduo o conhecimento de si mesmo, o crescimento, conhecimentos gerais e a mediação da inserção do mesmo na sociedade, mediante o despertar deste individuo como ser pensante. Fala-se em educação para o individuo e não meramente para capacitação de mão-de-obra, neste sentido o conhecimento em si é o objetivo a ser alcançado.

Para Paulo Freire (2002, p. 37) “Educar é substantivamente formar”. Neste sentido, a educação escolarizada resume-se em linhas gerais a dois processos: crescimento individual e aquisição de valores sociais. Pela educação transmite-se a cultura de um povo, de um grupo, transita-se pela cultura universal (antes sentido monocultura) e hoje feita da diversidade (multiculturalismo).

Pela educação se mantém a coesão cultural de um povo. Freire também é favorável às práticas educativas fora da sala de aula, extramuros, privilegiando as experiências informais.

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, na sala de aula das escolas, nos pátios dos recreios em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 2002, p. 49).

A educação também pode ser definida como processo de transmissão de cultura especificamente praticado pela escola, que de maneira sistemática repassa o conhecimento histórico da sociedade afim de formar os indivíduos para agir como agentes desta mesma sociedade (RIOS, 2006).

Neste sentido, a educação ao abordar estudos elaborados com temas e informações apartir do cemitério estará formando nova maneira de pensar este espaço público e, corroborando em mudar a atual mentalidade a respeito da morte, vista como negação da vida, como problema técnico a ser resolvido (ARIÉS, 1977).

⁴⁶ “cf” p. 7.

Sendo este um dos aspectos que poderá ser abarcado pela escola: pensar o cemitério como paisagem de aprendizagem, em segundo lugar, pensar na inserção da morte como um tema transversal e em terceiro lugar, ações de educação patrimonial.

Para a Organização das Nações Unidas (ONU) a educação significa o indicador central do desenvolvimento humano, através dela o indivíduo amplia o seu horizonte de oportunidades possíveis de serem realizadas (PNUD, apud DEMO, 1996, p. 16). A educação é sem sombra de dúvida, o alicerce mediante o qual indivíduos e sociedade depositam esperança a fim de avançarem em suas conquistas. Através da educação adquire-se conhecimento, ao mesmo tempo, a própria educação necessita de conhecimentos para inovar e para difundir valores éticos numa sociedade em constantes mudanças. Muito se tem falado em competência humana. É imperioso que não se reduza a competência a competitividade e, a mesma, deve incorporar a capacidade de manejar conhecimento inovador, a humanização, que se expressa no pensamento de Demo, como um sujeito histórico ético e criativo (DEMO, 1996, p. 17).

Baseado no que foi exposto a educação que se almeja não poderá estar alijada da sociedade, como um todo e, nem deixar de fora questões de relevante importância como a inserção do cemitério como uma paisagem cultural de aprendizagem, de onde será possível pontuar discussões como cuidar do patrimônio histórico que sofre ação de vandalismo sendo a causa primordial a ausência de educação neste sentido, entre outros temas relevantes.

A educação não se resume apenas a transmissão de conteúdos formatados em categorias conceituais. A educação deve proporcionar a oportunidade de ensinar a ler outros indícios e signos presentes no cotidiano urbano, simplificando conceitos tradicionais de forma a motivar o aluno na construção do próprio saber em consonância com a realidade. Deste modo, entende-se que a educação formal deve se preocupar em ensinar a olhar a paisagem urbana e identificar os diversos signos presentes no dia-a-dia. Saberes que ontem não eram competência da escola hoje podem integrar o currículo tendo por meta melhorar a adaptabilidade do educando ao mundo competitivo, restritivo de oportunidades e que ainda predomina a vigência do ter em detrimento do ser.

Conhecer o outro e conhecer a si mesmo. Conhecer a cidade que moramos como possibilidade de ensinar conteúdos significativos tendo em vista que precisamos aprender a sentir mais as coisas, os objetos, os lugares, as pessoas, as suas histórias locais. Valorando os outros e o lugar, estamos aprendendo na dimensão local a agir de modo global, com ética e cidadania. A escola ao agir deste modo, busca praticar a pedagogia dialógica de Paulo Freire que rompe com o monólogo do professor e ou/do aluno e insere outros elementos que irão

contribuir sobremaneira, inovando e motivando os envolvidos neste processo de ensino e aprendizagem.

Freire (1996) em *A Pedagogia da Autonomia* afirma que professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo [...] Ensinar, aprender e pesquisar lidam com dois momentos: o em que se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente (FREIRE, 1996, p. 31).

Freire, grande incentivador da educação inovadora, alerta que ensinar é aceitar os riscos do desafio do novo, e rejeitar quaisquer forma de discriminação entre as pessoas seja de raça, de classe, de ideologia. Embora o ser humano seja condicionado, a educação é um processo inconcluso, estar atento às oportunidades que possibilitem a interferência na realidade afim de modificá-la.

A inserção do cemitério como paisagem de aprendizagem na escola pode servir para valorar a cultura local.

Ao se falar em educação fala-se também em cultura. Os dois conceitos se entrelaçam estabelecendo relação direta com a sociedade. Há também uma diversidade de conceitos em relação ao significado de cultura.

Inicia-se com a conceituação mais usual em que cultura está associada ao acúmulo de conhecimentos e erudição. José Vesentini (2002, p. 14), considera que cultura “É um conceito que abrange não apenas conhecimentos, idéias, valores, mas igualmente práticas e construções do ser humano” (VESENTINI, 2002, p. 14). Portanto, cultura pode então ser percebida como o resultado da ação dos homens no mundo. A definição de cultura aqui utilizada é a de mundo transformado pelo homem, e apresenta o espaço geográfico como sustentáculo da sociedade, permitindo a compreensão de que as relações sociais acontecem em um determinado espaço geográfico.

Paul Claval (1999, p. 63) afirma que do “ponto de vista cultural é constitutivo da geografia humana transformada pela crítica pós-moderna”, e parte do princípio de que “para muitos geógrafos de gerações precedentes a cultura era, tal como o homem e a sociedade, uma entidade abstrata que se impunha do exterior sobre cada um.” Este conceito de cultura sofreu mudanças após os anos 60, quando então é ampliado passando a designar de maneira mais ampla: práticas, conhecimentos, atitudes, idéias, que são internalizadas pelo indivíduo ao longo da vida. Os conhecimentos não são fixos e nem padronizados. A cultura então “não é

uma realidade global: é o conjunto diversificado ao infinito e em constante evolução” (Idem, 1999, p. 64).

É nesta concepção que difere da concepção de cultura como “visão supra-orgânica “e do culturalismo, na qual a cultura é vista segundo o senso comum e dotada de poder explicativo” [...] e também “contra a visão estruturalista, na qual a cultura faria parte da “superestrutura”, sendo determinada pela “base” (CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p. 13), que encontrou-se apoio para lançar olhar sobre o cemitério como um lugar que também educa.

Cultura é uma construção histórica, na construção de ser um povo, ao longo do tempo, vêm surgindo transformações (SANTOS, 1986, p. 44-45). A cultura não é só arte, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social. É inadmissível do ponto de vista antropológico dizer que alguém não tem cultura, a mesma não se perde, ela se transforma como processo de viver por ser também uma construção simbólica, campo de significados e construção histórica. A cultura vai sendo processada e, pode ser entendida como um produto estético da vida humana. Aplica-se a cada produto da cultura.

Cultura é luta social por um destino melhor. Cultura em Canclini (1983, p. 20) é a produção de fenômenos que contribuem mediante reprodução e reelaboração simbólica das estruturas materiais para a compreensão e reprodução ou transformações do sistema sociais, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas a administração, renovação, administração e reestruturação dos sentidos.

Muitos teóricos concordam na dificuldade de definir conceitualmente cultura. “A cultura, enquanto criação social é parte integrante da trajetória humana”, aponta Corrêa (2003, p. 172), para quem a cultura por ser manifesta espacialmente valoriza o uso de mapas no campo cultural.

Independente do conceito escolhido, cultura sempre significa aquisição positiva de saber(es), conhecimento(s), de uma nova(s) maneira(s) de fazer, de pensar. E, esta cultura se manifesta concretamente no espaço geográfico, deixando marcas, abrindo novos caminhos, desvios, atalhos, mostrando ruínas, recuperando funções ou apenas incorporando funções. No caso deste estudo, identificar-se-á uma função subjacente ao cemitério desde seus primórdios, que é a função educativa.

A cultura em Jackson (1992, p. 3) “não é apenas socialmente construída e geograficamente expressa, mas também espacialmente constituída”, sendo assim, concorda-se quando o autor expressa que as várias definições de cultura não são empecilho ao entendimento do que seja cultura, ao contrário, a diversidade conceitual do que seja cultura é “fundamental para a verdadeira constituição da cultura” (JACKSON, 1992, p. 13).

Conclui-se que a cultura neste contexto do cemitério como lugar que educa, pode ser assim resumida:

Cultura é um conjunto de idéias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Idéias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de idéias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e espaço (McDOWELL, 1996, p. 161).

3.3 – Cemitério: Um Espaço Educativo

é, um dever da Educação o desenvolvimento da capacidade de transformar conhecimento em sabedoria, informação em experiência de vida. Para tanto, caberia pensar a cultura das humanidades como escolas de preparação para a vida no sentido de formação da expressão plena no trato com o outro, da emoção estética, da descoberta de si, do conhecimento da complexidade humana, da compreensão daquilo que pela lente do senso comum se faz invisível (MORIN, 2004, p. 59).

Partiu-se do pressuposto de que a educação acontece em todos os lugares e não somente no recinto formal da escola, e que o cemitério pode a exemplo de Teixeira (2006, p. 19), que ao se referir ao surgimento dos cemitérios no Rio Grande do Norte, aponta este fato como indicativo de uma transformação onde prevaleceriam os valores da cidade dos homens, tomando como oponente a Igreja que enterrava em seus adros os mortos. O mesmo atribui ao cemitério a responsabilidade de ter

[...] uma função educativa, tornando-se verdadeiras aulas de comportamento cívico: ali as pessoas encontrariam túmulos monumentais a celebrar cidadãos exemplares que haviam bem servido o país e a humanidade. No cemitério-modelo dos reformadores funerários, a virtude cívica substituiria a devocão religiosa. Era um programa burguês que se recomendava a uma sociedade semi-estamental baseada na escravidão (REIS, 1997 apud TEIXEIRA, 2006, p. 19).

O cemitério de São João Batista a cidade dos mortos se parece com a cidade dos vivos. Tem muita semelhança que ultrapassam o traçado linear de algumas quadras se assemelhando a ruas, aqui na cidade dos mortos percebe-se os túmulos quase uns dentro do outro, semelhante às vielas tortuosas, os becos sem saída; as construções mais “nobres” representam o *status quo* de muitas famílias principalmente dos descendentes de judeus, sírio-libaneses, árabes, orientais e os das famílias locais que fizeram fortuna com a exploração de seringais, comércio e casas bancárias.

Embora o Cemitério de São João Batista seja considerado como cemitério da elite, tem muitos pobres enterrados ali – a constatação pode ser feita pelo tipo de construção e de representação encontrados que traduzem a mentalidade da sociedade em relação à cidade dos mortos.

Ao mesmo tempo, o Cemitério de São João Batista possui significado além do que apenas os atribuídos como “cidade dos mortos”, ele é um mosaico feito com a herança cultural deste povo que acolheu em seu meio ambiente natural inóspido tantos estrangeiros que aqui vieram em busca de fazer “a vida” e, do mesmo modo, recebeu outros brasileiros que tinham em comum o sonho de fazer fortuna nestas terras longínquas. Muitos militares inclusive estrangeiros, aqui pereceram diante do “fogo” abrasador das febres intermitentes, do cólera e de outras mazelas.

Muitos outros criaram laços e aqui ficaram e se estabeleceram e escolheram estas terras para viver e morrer. Alguns foram transformados em heróis por seus atos e atitudes, outros foram mesmo de maneira anônima também os verdadeiros heróis, porque ajudaram a construir o que hoje se chama passado. A figura 40 mostra a lápide de um militar, soldado republicano, que aqui morreu. Ele representa inúmeros outros militares enterrados no C.S.J.B. Alguns eram estrangeiros.



Figuras: 48 e 49 – Sentimento patriótico. Muitos militares estão enterrados no C.S.J.B. Alguns eram de outros estados sendo possível encontrar alguns militares estrangeiros. Imagem 40: Maria Elizia Borges, s/d.

Imagen 41: Randiza Santis, 2009.

A epigrafia diz:

Aqui descansa em eterno sonno um voluntario luctador da Patria Bravo do Paraguay. Jose Paez de Azevedo nascido a 25 de dezembro de 1848. Fallecido 13 de fevereiro de 1905.
 Reunidos choramos sua falta e depomos sobre sua campa.
 Eternas Saudades Sua Esposa e Filhos.

O primeiro jazigo faz referência a um militar republicano que esteve em ação de pacificação dos índios parintintins em 1921. Percebe-se um certo orgulho de pertencer ao exército republicano. Através da epigrafia tumular pode-se empreender uma pesquisa sobre esta ação pacificadora dos índios parintintins em idos de 1921. Com certeza deve ter registros sobre este fato. A base do segundo jazigo apresenta duas espadas cruzadas, que faz alusão ao serviço militar. Nestas duas lápides a influências do positivismo.

3.4 – Cemitério de São João Batista e as Paisagens de Aprendizagem

O cemitério pode ser descrito como um microcosmos cercado por muros. É um dos equipamentos públicos necessários a funcionalidade da cidade. Geralmente possuem um traçado que lhes é peculiar desde o início do processo civilizatório. Tuan (1997) considera a cidade “como um símbolo do cosmo adota uma forma geométrica”. Percebeu-se que assim como a cidade o cemitério também adota uma forma geométrica, uma das representações que permite considerações à cerca do simbolismo encontrado nele.

A construção de um santuário, casa e cidade, pedem que o espaço em volta do mesmo ritualisticamente se transforme em um espaço sagrado. [...] Dentro deste pensamento os orientais costumavam deixar grandes áreas naturais ao lado dos túmulos dos imperadores, espaço este compartilhado pelos seres vivos “partilhavam do caráter sagrado do espírito do morto” (TUAN, 1980, p. 168).

Ao contrário de algumas sociedades, onde o cemitério é considerado espaço sagrado e “museu” a céu aberto, uma grande parcela da sociedade amazonense permite que o cemitério permaneça relegado ao esquecimento, pela dificuldade em encarar a evocação simbólica da morte, tema controverso e que sofre interdito. Nesse sentido, o cemitério se transforma em local de visitas apenas circunstanciais, quando não um local a ser evitado, mesmo mediante políticas públicas de reformas e revitalização.

À inserção do tema cemitério na educação formal pretendeu evidenciar outros aspectos neles contidos tais como: histórico, artístico, religioso, espacial, de maneira que, ao serem identificados e percebidos, permitam uma nova interpretação, como um lugar que também educa, comprovada pela presença de artefatos e a porção de história dos homens ali contida, entre outros.

O desconhecimento deste “museu a céu aberto” está atrelado ao interdito da morte, pensamento elaborado por Philippe Ariès (1977), que em *O Homem Diante da Morte* faz a abordagem das mentalidades em relação à morte, constatação percebida através de mudanças que tiveram espacialmente seus correlatos em forma de afastamentos, separando os mortos do convívio na vizinhança dos vivos. O autor sistematiza como tem sido o tratamento dispensado à morte no Ocidente ao longo do tempo. A historiografia da morte é apresentada em dois volumes onde o morto recebe diferentes tipos de tratamentos – evocação, ocultamento. A morte se apresenta romântica, suja, a boa morte. O luto tem suas fases. Ao contrário do que acontece com a morte, “o cemitério permanece como local de lembrança e de visita.” A incineração surge no ocidente como “recusa ao culto dos túmulos e cemitérios” (ARIÈS, 1982, p. 630).

Não se pretende neste trabalho falar sobre tema tão complexo como a morte, embora a mesma seja a responsável pela existência de locais como os cemitérios e por extensão pelo temor que este tema provoca na humanidade, que os têm mantido afastados dos cemitérios. A sociedade ocidental, paradoxalmente, ao mesmo tempo que, não aceita a morte como parte da vida, como complementaridade do ciclo biológico, não encontrou na técnica advinda da ciência, mecanismo para interromper este estágio que expõe a fragilidade da humanidade.

Foi posto anteriormente que há um afastamento das pessoas em relação ao cemitério e, na educação no Amazonas, ainda é incipiente a produção de materiais com este tema.

As experiências de estudos do meio no cemitério do mesmo modo são incomuns, salvo exceções pontuais de alguns poucos professores que perceberam a utilização do mesmo estratégia. Em relação ao uso do cemitério para práticas educativas, sabe-se de seis casos específicos; o primeiro trata de uma professora de Geografia em estudo da população, outro envolve professor da UFAM e alunos de Artes Plásticas com aulas de desenho dentro no Cemitério de São João Batista; outro caso envolve escola particular em que professora de Geografia e outros professores fizeram um estudo do meio - caráter interdisciplinar -. A referida professora oportunizou-nos que uma turma respondesse a um questionário sobre a experiência. Baseada nas respostas e pela representação apontada pelo grupo de (24) alunos da 6^a série do Ensino Fundamental, apresenta-se uma “Paisagem de Aprendizagem”.

O outro caso refere-se a uma professora de Língua Portuguesa de escola Pública das proximidades que experienciou estudos dos conteúdos das lápides como estratégia de aprendizagem.

E, um professor de fotografia num curso de Arquitetura de uma instituição particular que utilizou-se de fotografias das esculturas e dos mausoléus, em suas aulas.

O último caso refere-se à experiência que se teve com 35 alunos do curso Serviço Social de instituição particular. Foi apresentado em sala de aula um filmeto e fotografias sobre o Cemitério de São João Batista, logo após, discutiu-se a proposta e os alunos apontaram suas impressões. Consideraram importante a proposta, concordando que estudos no cemitério deveriam ser incentivados nas escolas, principalmente as públicas. Em outra escola particular, houve interesse da coordenação pedagógica para a aplicação de estudos do meio no cemitério com alunos do ensino fundamental e médio sob orientação da disciplina Geografia, que embora não tenha sido realizado, acena para a possibilidade de desenvolver projetos com este tema, no ensino formal médio e superior.

Nesta perspectiva, espera-se colaborar para incentivar este tipo de estudos extramuros afim de diminuir os entraves que redundam no desconhecimento deste “museu” a céu aberto, embora atrelado ao interdito da morte, é povoado de vida, graça, beleza, conhecimentos, acúmulos de tempo, basta “saber olhar” como disse Cecília Meirelles.

3.4.1 – Paisagens de Aprendizagem

A história é sem-fim, está sempre se refazendo. O que hoje aparece como resultado é também um processo; um resultado hoje é também um processo que amanhã vai tornar-se uma outra situação. O processo é o permanente devir (SANTOS, 1988, p. 95).

Na fundamentação teórica discutiu-se as categorias paisagem e lugar e cotidiano importantes nos enfoques geográficos culturais por evidenciar aspectos significantes do objeto de estudo. Agora vamos apresentar as “Paisagens de Aprendizagem” escolhidas neste Estudo do Meio afim de possibilitar o entendimento do Cemitério de S. J.B. como um local de aprendizagem.

No estudo do meio, realizado no cemitério de São João Batista identificou-se “paisagens de aprendizagem”, estratégias que possibilitam a inserção do tema cemitério na educação. A maneira encontrada para instrumentalizar a proposta de estudo apontou para a

utilização do ensino da Geografia (com as categorias próprias) e com a utilização dos Temas Transversais em específico a Pluralidade Cultural que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, todos os Temas Transversais apontam para a interdisciplinaridade e transversalidade.

Neste sentido, as “paisagens de aprendizagem” são estratégias à inserção do tema cemitério em estudos humanísticos. Percebemos que simultaneamente é possível neste Estudo do Meio trabalhar à aplicabilidade do Tema Transversal Pluralidade Cultural que fundamenta alguns aspectos encontrados no C.S.J.B. e que são plausíveis de serem discutidos.

Segundo os Parâmetros Curriculares a idéia central como meta dos Temas Transversais:

Ao lado do conhecimento de fato e situações marcantes da realidade brasileira, de informações e práticas que lhe possibilitem participar ativa e construtivamente dessa sociedade, os objetivos do ensino fundamental apontam a necessidade de que os alunos se tornem capazes de eleger critérios de ação pautados na justiça, detectando e rejeitando a injustiça quando ela se fizer presente, assim como criar formas não-violentas de atuação nas diferentes situações da vida (PCNS, 2000, p. 55).

A interdisciplinaridade difere da transversalidade no que tange à didática (PCNs, 2001, p. 40) as mesmas se assemelham no que tange a busca de conhecimento de acordo com a realidade multifacetada e dialética, abandonando a visão de uma sociedade irreal, estática e meramente quantitativa.

A busca por uma prática educativa criativa com vínculos entre a teoria e a prática, valorizando conteúdos significativos, permeia o universo acadêmico responsável pela reconstrução dos saberes ou da reprodução de conteúdos – com afastamentos e desvinculados da realidade que se metamorfoseia, porém, não tem como mascarar os efeitos das desigualdades sociais no País.

Através da interdisciplinaridade e da transversalidade pode-se reduzir a dicotomia entre o sujeito do conhecimento e os objetos de conhecimentos – produção intelectual, social. Pela transversalidade podem-se inserir na educação formal os saberes da realidade provenientes do mundo vivido do sujeito (local) e da realidade maior onde ele está inserido de forma desvinculada (global).

O mundo vivido do educando envolve o trabalho, o cotidiano, a cidade, a igreja, o lazer, a cultura.

Neste sentido, “Várias disciplinas poderão trabalhar com o mesmo tema, transformando a aprendizagem em algo não compartmentado, possibilitando desta forma que

os alunos migrem de uma área à outra, navegando pela mesma temática” (NOGUEIRA, 2001, p. 132).

Buscando afinidade nas especificidades de áreas afins, procurando dialogar com todas as disciplinas do currículo os temas transversais podem vir a ser partes integrantes das áreas; de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 27), as disciplinas convencionais deveriam organizar e selecionar conteúdos fundamentando-se nos Temas Transversais, que desta forma integrariam as áreas convencionais, permeando-as com conteúdo atualizados e socializadores.

No entanto, a busca de critérios de conteúdos acontece na própria área que prioriza os conteúdos formais da disciplina, sem que tenha buscado a estruturação nos Temas Transversais, que ficam a cargo do professor para serem “encaixados”. Entende-se que a relevância dos Temas Transversais numa sociedade multifacetada e desigual requer alternativas para que os mesmos sejam de fato trabalhados e sirvam de instrumentos para mudanças. Com vista à aplicabilidade de um dos Temas Transversais, pensou-se neste estudo de Meio agora apresentado.

O Estudo do Meio no cemitério, através das Paisagens de Aprendizagem, projeto interdisciplinar poderá ficar a cargo da Geografia que através do princípio da analogia, observação, descrição, explicação e da interação, executará o fio condutor do tema “paisagens de aprendizagem” no cemitério, enfatizando as singularidades do mesmo, que deverá ser explorado em maior profundidade mediante as necessidades da disciplina e dos conteúdos curriculares para o período. “Por analogia, pode-se chegar a definir a natureza dessas diferenças. Pode-se dizer que o que caracteriza o espaço mundial são as significativas diferenças entre os lugares” (PCNs, 1997, p. 155).

No Estudo do Meio no cemitério, a História poderá trabalhar com a historicidade ou com a memória da cidade (O cemitério é parte integrante da cidade).

O estudo do meio envolve uma metodologia de pesquisa de organização de novos saberes, que requer atividades anteriores à visita, levantamento de questões a serem investigadas, seleção de informações, observação em campo, comparações entre os dados levantados e os conhecimentos já organizados por outros pesquisadores, interpretação, enfim, organização de dados e conclusão (PCNs, 1997, p. 90).

Nestes moldes, sugere-se aos professores-educadores a idéia de um Estudo do Meio no cemitério através das “paisagens de aprendizagem” numa abordagem interdisciplinar, associando temas transversais e os conteúdos curriculares bases.

Parte-se do pressuposto de que, para o educando (criança/ jovem/ adulto) ampliar sua percepção e sensibilidade no olhar sobre a realidade, situações significativas devem ser proporcionadas, permeando os conteúdos obrigatórios e abrindo espaço para vivências significativas.

No interior de São Paulo, uma escola voltada para eco-educação recebe alunos de escola pública. Lá em meio a uma granja eles aprendem na prática alguns dos conceitos desenvolvidos pela escola. Eles aprendem a contar sementes.

Sugere-se que Estudo do Meio através das Paisagens deverem iniciar estimulando o aluno em sala de aula, preparando-o para o uso de entrevistas com familiares, moradores dos locais próximos, valorizando a oralidade, trabalhando com outros tipos de linguagem não-verbal evidenciando os dados encontrados, permitindo permuta entre os saberes significantes, analisando e sintetizando, e, valorizando a realidade da cidade, vista por um outro ângulo, - cemitério que está localizado dentro de seus limites.

Sobre a escolha das Paisagens algumas destas foram elencadas pelos atores envolvidos, que as escolheram através da observação (empírica no cotidiano do cemitério. Os atores sociais (alunos e funcionários), forneceram suas impressões mediante questionário aplicado, conversas informais, onde se procurou valorizar as falas.(oralidade). Como já foi posto anteriormente, o cemitério é um local de trabalho para muitos funcionários formais e informais - atores sociais - que fazem parte de uma camada social, moram em bairros distantes e têm em comum o local de trabalho, O grau de escolaridade deles varia – do fundamental incompleto até curso superior (funcionários administrativos).

Para ambos o procedimento foi o mesmo e assim se consistiu: apresentação do tema e objetivo principal do trabalho, seguido das visitas e, após a aplicação de questionários. Os dados obtidos através dos questionários forneceram suas impressões centradas na percepção individual, nas conversas informais e nas sessões de fotografia –concomitante as visitas - dados estes que resultaram em algumas das paisagens de aprendizagem.

As paisagens de aprendizagem apresentadas, foram escolhidas entre as selecionadas pelos funcionários e os estudantes - entre as escolhidas, optou-se pelas que permitiram de forma categórica, visibilidade de alguns dos atributos singulares detectados na paisagem do cemitério e, deste modo, facilitassem o entendimento da proposta do Estudo do Meio apresentado. Os atributos foram:

- a) marcas de tempo acumulado - contrastes entre os túmulos antigos e novos e vestígios,
- b) representações simbólicas- lápides e esculturas,

- c) jazigos com estatuária considerados com beleza estética
- d) túmulos de personalidades:(político,religioso, intelectual, peculiaridade).

As paisagens de Aprendizagem permitem que em todas elas sejam explorados as seguintes relações: Relações topológicas, Relações Sociais Relações Simbólicas.

Seria pertinente reforçar que as paisagens apresentadas são temas geradores, cabe, portanto, ao professor da disciplina envolvida estabelecer as comparações existentes, as inter-relações entre as paisagens e o conteúdo curricular, de maneira que o tema gerador seja um aglutinador das disciplinas envolvidas e dos procedimentos metodológicos e da avaliação, decididos a priori por todos os professores envolvidos: Geografia, História, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Biológicas, Educação Artística, Religião, Educação Física.

Em todas as disciplinas envolvidas os procedimentos metodológicos devem se equiparar no que tange a avaliação, para aferir se houve aprendizagem significativa. Apresentamos o modelo desenvolvido por Eustáquio de Sene (2001, p. 9).

Avaliação conceituais - identificar o desempenho quanto ao domínio e utilização dos conceitos, categorias, informações, dados, etc., o que pode ser operacionalizado com a realização da pesquisa, debates, elaboração e interpretação de texto.

Importante que o professor ao avaliar valorize o desenvolvimento cognitivo do aluno e não a memorização.

Avaliação Procedimentais - verificar se o aluno está compreendendo e utilizando de forma adequada os instrumentos da disciplina – no caso do Estudo do Meio- os que forem selecionados pelo grupo de professores.

Avaliação dos conteúdos atitudinais – Está relacionado ao comportamento do aluno no sentido de verificar se esta havendo uma maior compreensão da realidade que o cerca, e , o aluno deverá desenvolver uma postura solidária, participativa e crítica.”

Os itens acima citados devem ser discutidos anteriormente com alunos que devem concordar mediante acordo entre professor e alunos.

Apresenta-se as paisagens escolhidas que totalizam seis (06) paisagens distintas “Paisagens de Aprendizagem”, algumas das quais se desdobram em mais de um exemplo, como a dos Santos Milagreiros, das Personalidades e da Pluralidade Cultural.

3.4.1.1 – 1^a Paisagem: Cemitério em Si

A Primeira Paisagem apresentada é o cemitério em si, a apresentação dele como tema gerador foi denominada: Movimento. Este tema permite ser explorado em relação aos seguintes conteúdos: Localização. Relacional - (dentro da cidade. Em relação aos bairros. Em relação ao sistema de transporte (circulação). Localização dos objetos nele contido (Quadras, Capela, Escritório, Portões). Atores sociais envolvidos no cotidiano. Atores sociais eventuais de cotidianidades pontuais e imateriais: datas comemorativas: Dia dos Finados. Dia das Mães e dia dos Pais.

Estrutura 1^a Paisagem: Movimento para esta paisagem denominada de Movimento utilizou-se do pensamento de Santos (1988), que analisa o espaço com seus diversos componentes (interno e externo, novo e o velho, o Estado e o Mercado).

Quando se observa uma situação do ponto de vista estático, o que a visão se depara é um processo, se o mesmo for feito observando o movimento, mostrará que os ritmos são diferentes. A observação deste movimento põe em evidência a dialética encontrada. E, assim o cemitério está impregnado de objetos novos e velhos, de velhos que foram restaurados, de novos que foram construídos, de entradas e saídas, existe um movimento, uma circulação. “Só podemos compreender a situação através do movimento. E movimento é outro nome para o tempo (SANTOS, 1988, p. 99).

Decidiu-se trabalhar apenas com o interno e o mesmo é delimitado até o entorno próximo. O interno é composto pelos atores sociais que ali trabalham, participam do movimento de entrada e saída diária, o serviço de translado do corpo municipal, que embora se localize externamente, faz parte do equipamento interno como função. O serviço religioso embora venha do externo, faz parte do calendário do cemitério (imaterialidade).

Apenas apontamos os elementos externos que são compostos por família, sujeitos anônimos que acompanham sepultamentos, empresa(s) de sepultamento particular, alguns grupos urbanos denominados de “tribos urbanas”⁴⁷ ((MAFFESOLI, 2002 apud COSTA, 2007 p. 81) que de maneira pontual foram identificados como frequentadores e os turistas que pontualmente circulam pelo cemitério.

A circulação o movimento em si acontece em torno da função do cemitério: os enterramentos. Quando os mesmos acontecem o fluxo vindo do externo torna-se superior ao interno.

⁴⁷ “tipos culturais (agregados culturais ou tribos urbanas” que se atraem mutuamente, sobretudo, por um sentimento estético (expressões de desejo e necessidades relacionais específicas) e menos uma condição funcional inserida nas rotinas urbanas” (MAFFESOLI, 2002 apud COSTA, 2007 p. 81).



Figura: 50 - Movimento. Um esquife está sendo carregado para a capela. Em volta os acompanhantes se movimentam na tarde chuvosa.

Imagen: Randiza Santis, 2009.

O Novo e o Velho - A própria materialidade do cemitério constitui esta dialética entre o novo e o velho. Velhos e novos túmulos, de diversos modelos, técnicas e materiais utilizados, provenientes de diferentes contextos históricos.



Figuras: 51 e 52 - Velhos túmulos. Novos túmulos. Tempo acumulado.
Imagen: Victória Cupper, 2005, 2009.

O Estado e o Mercado - O mercado é o próprio cemitério sob a administração municipal (ESTADO) que regulariza as funções do cemitério, administra e normatiza. A criação da Lei 1.201 abre espaço para abertura e exploração de novos cemitérios (verticais e crematórios) pelo setor privado. Significando que os serviços atualmente gratuitos no cemitério de São João Batista deverão ser pagos semelhante ao que acontece no Cemitério

Parque Tarumã, que é privado. A nova Lei abre espaço para discussão de cobrança de taxas aos autônomos que ali trabalham. Neste entendimento esta “paisagem de aprendizagem” representou-se o movimento, como aponta Santos, a paisagem é formada por objetos materiais e não-materiais e “o espaço contém o movimento” que constituem uma espacialidade (um momento) no cemitério (configuração espacial + paisagem + os atores sociais) (SANTOS, 1988, p.73)

3.4.1.2 – 2^a Paisagem: Museu ao Ar Livre

Alguns dos cemitérios construídos no século XIX podem ser considerados como “museus ao ar livre” não só pela materialidade (formas, esculturas, as placas, lápides) porém, pela soma da mesma mais a imaterialidade – simbolismo- as representações de uma época-neles contidos.

No Rio de Janeiro, cemitérios da Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula, 1849, São João Batista, em 1851, São Francisco Xavier, em 1857. Em São Paulo, Cemitério da Consolação, em 1858. Em Belém do Pará, Cemitério de Nossa Senhora da Soledade, em 1853. Todas esas necrópolis podem ser consideradas “museo al aire libre” em donde sepulturas-capillas, túmulos monumentales y esculturas transcendieron sus cualidades meramente utilitarias y artísticas para transformarse em monumentos históricos de gran valor cultural, *convirtiéndose en definidores del estatus social de los difuntos y de sus descendientes* (BORGES, s/d, p. 24).

O cemitério de São João Batista Manaus, secularizado, foi construído no final do século XIX. Nele encontram-se artefatos pertencentes ao extinto Cemitério de São José⁴⁸, construído em 1858. O que lhe confere singularidade provém dos artefatos - peças escultóricas, lapides, a capela, algumas sepulturas com formato de capelas, construídas com materiais importados⁴⁹ da Europa entre outros materiais, tendo como expoente o conjunto de obra dos portões.

O conjunto de obras dos portões consiste: dois portões, um na entrada pela praça Chile (lado NE) e o mais imponente na Av. Boulevar Álvaro Maia composto por uma estrutura de ferro fundido, a cobertura lembra escamas de peixe, feita com material mais leve, conforme demonstram as figuras 45 e 46.

⁴⁸ “c.f”.

⁴⁹ Mármore de Carrara. Região de onde provinha este material. Ver mais em BORGES, M.E.

O cemitério passou por uma reforma e, este portão embora tenha mantido as características originais, teve a cobertura trocada por uma mais leve e transparente, conforme já mencionado. Os portões são outra paisagem de aprendizagem. Poderá ser explorado o histórico sobre eles, a origem, o material utilizado, a técnica, a mão-de-obra, a reforma.



Figuras: 53 e 54 - Obras da administração do Intendente Adolpho Miranda Lisboa, 1895.
Imagens: Victória Cupper, 2005, 2009.

Nesta paisagem a técnica, a materialidade construída feita por objetos fornece a concretude funcional do cemitério. E, representa além das “possibilidades técnicas de uma época, [...] as condições econômicas, políticas, culturais, etc” (SANTOS, 1988, p. 69).

Os lugares despertam no ser humano sensações, denominadas de topofilia Tuan (1980, p. 197), significando os laços que o ser humano desenvolve com o meio ambiente. Dentro desta percepção, pela função técnica que desempenha, a idéia de cemitério esta vinculada a idéia de morte.

A sociedade ocidental tem dificuldade em lidar com a morte, e o cemitério no senso comum, é somente o local onde enterram os mortos, não fazendo muito sentido ir ao cemitério em outras ocasiões. É percebido como “estranha” a idéia de ir ao cemitério considerado local topofóbico, conforme já mencionado (TUAN, 1980, p. 107).

Entretanto, turistas de passagem por Manaus incluem no itinerário, visita ao cemitério de São João Batista. Dentro de uma cultura universal, alguns povos consideram os cemitérios como verdadeiros “museus” a céu aberto.

Para o europeu e outros povos latinos – e, em outras regiões brasileiras-, os cemitérios saíram da categoria topofóbica deixando de serem considerados meros equipamentos funcionais urbanos (disciplinar), agregando às suas funções a atribuição representativa de

“museus ao ar livre” porque dão mostras do passado, das técnicas e materiais utilizados, dos estilos que dominavam o mundo das artes e influenciaram servindo de inspiração para a produção de artefatos para estes locais.

Percebe-se no uso dos artefatos, as peças escultóricas e lápides, que as mesmas podem assumir três funções específicas e simultâneas ;

- a função utilitária para quem dela se utiliza e para quem a confecciona: artesãos⁵⁰.
 - a função evocativa - para os familiares que através do artefato sublima a dor e preserva a memória do morto,
- e
- a função contemplativa para os atores sociais que por ali circulam.

Pelo que foi exposto, acredita-se na viabilidade do cemitério servir de estratégias educativas, de modo interdisciplinar e transversalmente.

Para esta Paisagem de Aprendizagem denominada de “Museu ao Ar Livre” os túmulos selecionados se constituem em artefatos onde a estética é a característica que se sobressai. Entendeu-se que a família na tentativa de sublimar a dor da separação e preservar a memória sublima a dor pelo emprego do simbolismo, através da utilização de artefatos como esculturas, placas, lápides com epigrafia e outros.

Em muitos casos, o jazigo: a forma e a estatuária formam um conjunto harmonioso. A informação estética não exige lógica, é opcional ter a lógica da ciência ou do senso comum. Não precisa ter ampla circulação. A informação estética não se esgota numa primeira leitura.

A conceituação de arte embora subjetiva passou por vários estágios relacionados a sua função. Em alguns a arte tinha a função de ser utilitária em outra a função contemplativa. Não pretendemos esgotar o assunto sobre a arte, apenas pontuamos alguns pontos importantes para o Estudo do Meio no que se refere a evidenciar no C.S.J.B. “museu a céu aberto”.

A arte na segunda metade do século XX adquiriu outra função diferenciando-se da anterior onde tinha como função a recriação da Beleza Ideal, servir a Igreja e exaltar a natureza. Perguntou-se qual era a função da arte na contemporaneidade, já que houve uma ruptura com os padrões estéticos que a precederam. (técnica e estética). As técnicas se caracterizaram por uso de materiais alternativos, o uso da fotografia como expressão artística, etc, e a estética por sua vez, em vez da rigidez de padrões clássicos, foi sendo incorporada a diversas correntes que traduziram diversidades de estilos e influenciando o gosto estético.

⁵⁰ Algumas eram feitas em série devido à demanda. Ver mais em BORGES, M.E. Arte Funerária: As Utopias de um fazer artístico. Est. História, Franca. 1: 207-230, 1994.

Porém, os artefatos encontrados e evidenciados como “paisagens de aprendizagem”, pertencem a um período onde o gosto estético predominava como o classicismo europeu.

Cada sujeito constrói um sistema de referências estéticas com interdições e regras que são adquiridas através do seu grupo de pertencimento. Estas referências estéticas não são puras, mas fazem parte das cadeias de significantes que não têm nada a ver com uma categoria estética universal (PAIN, JAREAU, 1996, p. 12).

O cemitério no sentido de “museu ao ar livre” pode servir de exemplo a aulas de Educação Artística, aulas de arte de modo geral com a educação do olhar. O uso do cemitério como recurso para aulas de arte insere o aluno dentro de um mundo sensível, valorizando a beleza das formas, as cores esmaecidas, os contrastes das cores do cemitério com a luz natural.

O estudo das esculturas serve como modelo para desenho e representação, conforme já é utilizado por professor do Curso de Artes da UFAM.

Ressalta-se a importância da arte para sensibilização, vive-se num mundo de pressas, tarefas mecânicas e repetitivas, inseridos dentro de uma sociedade de consumo que nos embrutece os sentidos e provoca afastamentos da individualidade.

Os artefatos selecionados ilustram a riqueza encontrada no Cemitério de São João Batista, conforme figuras.



Figuras: 55 e 56 - Conjunto de Jazigos tombados pelo Patrimônio Histórico Estadual. Acervo de artefatos mais antigos, oriundos do extinto Cemitério de São José. As peças escultóricas feitas em mármore traduzem o gosto estético de uma época. Na figura ao lado um anjo com epigrafia.

Imagens: Victória Cupper Orlandini, 2005.



Figura: 57 - Dois anjos. Mesmo material utilizado. Dois fragmentos em uma mesma realidade que combina ação antrópica e natural. Mesmo no cemitério considerado local sagrado, a ação do homem tem se mostrado mais danosa que a da própria passagem do tempo.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2005.

O C.S.J.B. foi tombado pelo Estado em 16 de junho de 1988 através do Decreto Lei nº. 11.198, embora o tombamento se restrinja a alguns artefatos, considerou-se um avanço para a transformação do C.S.J.B. em um museu a céu aberto, semelhante ao que acontece em outros estados brasileiros e países como França, Argentina.(Cupper, Cupper (2005, p. 58). Ações de revitalização no local, cuidado e restauro, farão com que o cemitério seja parte integrante da cidade e não segregado. Ao dimensionar as atividades educativas no cemitério, o mesmo ganhará visibilidade e cuidados por parte do poder público.

3.4.1.3 – 3^a Paisagem de Aprendizagem: Santos Milagreiros

Esta Paisagem de Aprendizagem contempla um dos roteiros elaborado informalmente por um funcionário do Cemitério de S.J.B, que apresenta a “percepção” de outros funcionários, tanto da administração como os que trabalham nas atividades de sepultamento e fiscalização.

Os roteiros consistem em visitar os “santos”, as personalidades de destaque no cenário político da região indicando o busto de Eduardo Ribeiro e alguns dos túmulos com esculturas. Optou-se pelo roteiro ao qual denominou-se de “Santos Milagreiros”.

É comum que nos cemitérios tenha os seus “milagreiros”. Herança da Igreja Católica e está atrelado a idéia dos mártires do cristianismo. Em cemitérios de outras cidades casos semelhantes são relatados (CYMBALISTA, 2002, CABANAS, RICCI, s/d). No C.S.J.B. encontrou-se três jazigos denominados de “milagreiros”.

O primeiro a ser relatado é o de Santa Etelvina que através de doações de terra pelo poder público foi erguido o jazido da Etelvina, jovem que foi assassinada. A população atribui a Etelvina resoluções de problemas de toda ordem: problemas de saúde, desemprego e principalmente conseguir aprovação nas provas escolares.

Jazigo simples comparando-se com outros. É um dos mais visitados destes que se denominam milagreiros. Nos jazigos de “milagreiros” é comum a presença de uma variedade de objetos, que são depositados no túmulo, alguns como pagamento de promessa, reconhecimento, outros, como um reforço adicional ao pedido.



Figuras: 58 - Na imagem detalhe da capelinha mandada construir pela Prefeitura Municipal. Na imagem ao lado, detalhe dos objetos que são deixados com pedidos e com agradecimentos a “Santa Etelvina”, assim considerada como santa pela população que transformou seu jazigo num dos mais visitados, em busca de graças e pela curiosidade que desperta.

Fonte: Victória Cupper Orlandini, 2009.



Figura: 59 - Etelvina D Alencar * 1884 + 17/03/1901.

Na epigrafia tumular diz: “Filha de Cosmo José D’Alencar e de Antônia Rosalinda D’Alencar. Nasceu em Bôa Vista do Icô. Ceará, em 1884. Encontrada morta na Colônia Campos Sales a 17-3-1901. Mão perversa arrancou-lhe a vida a piedade do povo do Amazonas ergueu-lhe o monumento agora ampliado pela Prefeitura de Manaus”.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2009.

O segundo jazigo de Santo Milagreiro é o do Rabino chamado de “Rabino Milagreiro”. Neste caso, em específico, a população ávida por ajuda busca seus propósitos no Cemitério, encontrando no túmulo de um rabino judeu a ajuda espiritual para seus males.



Figura: 60 - *Keburah* (sepultura) localizada no Cemitério secular e cristão de São João Batista. Ao lado direito um apoio onde ficam as pedrinhas depositadas para serem lançadas à sepultura. Costume judaico. Nesta paisagem denominada de “Santos Milagreiros”, por serem assim conhecidos pela população, contempla-se a pluralidade cultural, o hibridismo cultural.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 13/03/2009.

Rebb H. Moyal, aportou em Manaus em março do ano de 1910. Teria vindo com o propósito de angariar fundos para ajuda solidária. Acometido da gripe espanhola faleceu e foi sepultado no cemitério cristão. Segundo Samuel Bechimol (1999, p. 319) não havia ainda na época uma comunidade judaica organizada⁵¹. As cerimônias fúnebres judaicas necessitam de um grupo de dez (10) judeus para dizer o Kadish (espécie de prece) dita à beira da sepultura (*keburah*).

Pertencendo a uma influente família na Terra Santa, resolveram anos mais tarde fazer o translado dos restos mortais, porém, foram solicitados a declinar da remoção devido ao apreço que os manauaras criaram em torno do rabino, considerado pela população como milagreiro. A família teria então sugerido a transferência dos restos mortais para o Cemitério Comunal Judaico, (*Mearah*) construído em 1928, contíguo ao C.S.J.B.. Os restos permaneceram no local e a Administração mandou construir uma grade de proteção ao jazigo.



Figura: 61 - Epigrafia diz: Aqui jaz Rabbi Salom Moyal. Falecido em 12 de março de 1910.

Presença de lápide com caracteres em hebraico, em mármore branco. No chão, pedras-costume judaico de lançar uma pedra a sepultura e ao lado, placas de agradecimentos por graças alcançadas. Percebe-se aqui o ecletismo religioso da população que não vê diferenças na santidade e dispensa ao rabino judeu o mesmo tratamento dos santos católicos, ou seja, flores e velas e pedidos e agradecimentos.

Imagen: Victória Cupper, 2009

⁵¹ A mesma quando se instala num local procura construir: matadouro, sinagoga e o cemitério.

O mesmo ficou sepultado com a lápide em mármore e os caracteres em hebraico, em destaque a estrela de Davi, signos que representam sua identidade judaica. Aos poucos os “gentios” foram aprendendo a jogar pedrinhas costume judaico no túmulo do Rabino. Anos mais tarde o jazigo foi reformado e gradeado por um suplicante que em agradecimento fez as obras. A lápide de mármore é denominada de *matzeiva*.

O interessante é dar destaque às diferenças culturais encontradas no cemitério em relação ao modo e cuidados dispensados aos mortos. O povo judaico se diferencia do povo cristão no tocante a religiosidade e outras práticas culturais, no entanto, pouco se fala sobre assuntos desta natureza, que certamente nos tornam mais permeáveis às diferenças culturais e religiosas. O conhecimento é a maior arma contra a ignorância e o preconceito.

O túmulo do “Rabino Milagreiro” mostra a fusão híbrida entre duas culturas singulares e, evidenciam a importância de estudos desta natureza com a finalidade de resgatar a memória coletiva do lugar, enfatizar laços de amizade e de solidariedade entre os povos e, principalmente contribuir para estudos sobre as mudanças de mentalidade em relação a morte.

3º Jazigo dos Milagreiros: A menina Tereza Cristina



Figura: 62 - Mais um jazigo que recebe visitas motivadas pela denominação de “santa” a menina enterrada. As pessoas costumam depositar pedidos, objetos de devoção em agradecimento a graças alcançadas.

Imagen: Victória Cupper, 2009.

Pouco se sabe sobre ela. Contam que ela morreu num acidente de carro. Natural de Itacoatiara. A família fez o jazigo aqui em Manaus. As pessoas começaram a visitá-la, a fazer

pedidos e ao serem atendidos tornaram a menina em mais uma representante dos “Santos Milagreiros”.

No jazigo encontram-se restos de flores naturais, flores plástica, velas, chupetas, terços, pedidos e agradecimentos, ver as imagens. O jazigo está um tanto abandonado. Segundo o fiscal, são as pessoas que frequentam o cemitério que cuidam do jazigo. A família pouco comparece.

O jazigo é de pequena dimensão em uma forma modernista, os vidros da porta formam através do uso de triângulos uma entrada de capelinha, pastilhas de cerâmica revestem o jazigo, que utiliza como cor o azul claro e o branco. Os vidros da entrada são transparentes deixando entrever os objetos que adornam o jazigo. Cercado por correntes, porém, não impedem uma maior aproximação do jazigo. As pessoas escrevem no próprio vidro nomes, pedidos e agradecimentos.

3.4.1.4 – 4^a Paisagem: Personalidades Históricas (Intelectuais, Políticos, Representantes da esfera pública)

Dr.Aprígio Menezes



Figura: 63 - Túmulo 01. Recebeu o primeiro sepultamento no C.S.J.B. em 19 de abril de 1891. O túmulo é uma urna em mármore de Carrara.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2009.

Este jazigo foi selecionado por sua importância em relação à memória do local. Foi o primeiro túmulo e o primeiro sepultamento, inaugurando de fato o C.S.J.B. dias antes da inauguração como obra.

Aprígio Martins de Menezes foi deputado provincial, poeta e historiador. Merece também destaque por ter sistematizado dados históricos sobre o Amazonas na obra intitulada *Almanaque da Província do Amazonas*, ano de 1884.

O túmulo feito em mármore de Carrara mostra em alto relevo uma ampulheta mediada por asas e embaixo ramos. A urna monumento possui no alto uma cruz. Na parte que serve de suporte à urna, uma lápide com nomes de familiares, ladeada por colunas estilizadas, conforme detalhe na figura 63 que também registra a pichação na urna.

A ampulheta ladeada de asas pode ser compreendida como representação do tempo que se extinguiu e ao mesmo tempo as asas se reportam a um outro tempo e espaço no *In illo tempore* (ELIADE, 1949 *apud* CORRÊA, 1999, p. 77). A família expressou desta forma homenagem à memória do ente querido, que como intelectual, tinha seus valores e crenças pessoais porém, a perspectiva adotada pela família não se desvincula das relações com o ambiente, com os outros, numa demonstração de que a compreensão do mundo interior do indivíduo está articulado com o social, conforme afirma Corrêa (1999).

Político:
Eduardo Ribeiro
* 18/08/1862 + 14/10/1890



Figura: 64 - Busto de Eduardo Ribeiro.

Epigrafia registra: “Plantou a semente com a mesma dedicação procuramos fazê-la brotar. Homenagem da Prefeitura de Manaus, 1978.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2009.

Eduardo Gonçalves Ribeiro nascido na capital do Maranhão em 18 de setembro de 1862. Formou-se militar no Rio de Janeiro de lá veio designado a servir em Manaus. No ano de 1887, fazia parte do quadro dos funcionários da Secretaria de Obras da Província. Com a proclamação da republica, em 21 de novembro de 1889, após a Junta Governativa, assumiu o

primeiro governador nomeado Augusto Ximenes de Villeroy, que indicou Eduardo Ribeiro para a Secretaria de Obras. Por motivo de doença da esposa, Villeroy retira-se de Manaus e entrega o comando do Estado irregularmente a Eduardo Ribeiro em detrimento de Guilherme José Moreira, o vice-governador nomeado.

Para regularizar a situação Eduardo Ribeiro foi nomeado vice-governador em 06 novembro de 1890 e governador em 03 de janeiro de 1891. Seu governo destacou-se por obras públicas, porém, sofreu várias contestações de grupos oposicionistas. No terceiro período enfrentou a rebelião dos Sargentos da Polícia Militar, teve o palácio bombardeado em 26 de fevereiro de 1893, esse movimento oposicionista recebia apoio do general Bento José Fernandes. Dissolveu o congresso e elegeu novos deputados. O que lhe rendeu a oposição dos jornais da época: Amazonas e do Diário de Manaus (LOUREIRO, 2004, p. 77).

Ao término de seu mandado candidatou-se a Senador, embora tenha sido eleito em detrimento de Costa Azevedo, este é que foi reconhecido no Rio de Janeiro. Em 1900, Eduardo Ribeiro apresentava-se doente. Foi internado e culminou em sua morte envolvida em mistérios. Dizem ter sido suicídio - alguns dizem isso ser boato porque na verdade o ex-governador teria sido assassinado.

A data da morte foi 14 de outubro de 1900. Loureiro (2004, p. 82) relata que o enterro do ex-governador foi “apoteótico”.

Dez bondes superlotados saíram da estação para a chácara, onde já havia grande número de pessoas. O ataúde ocupava o centro da sala, sendo feito de pelúcia preta, garnecido de rendas e galões de prata fina e, aos pés, o monograma EGR, sendo o corpo encomendado pelo monsenhor Francisco Benedito da Fonseca Coutinho, vice-governador, ajudado por quatro padres. Daí o féretro seguiu para o cemitério São João Batista, às dezessete horas e quinze minutos, em um bonde fúnebre, preparado de veludo preto, decorado em prata. Seguiam-no os dez bondes cheios de povo, alcançando o cemitério às dezoito horas.

Diversas autoridades falaram à beira do túmulo: Porfírio Nogueira, em nome do Governo Estadual, o major Domingos Andrade, como delegado do Grande Oriente do Brasil, Alberto Leal, pela Colônia Portuguesa, Barbosa Lima, pelo jornal Amazonas, Afonso de Carvalho, pela Assembléia Legislativa, J. dos Anjos, pelo operariado, e Leonel Mota, pela Loja Maçônica Esperança e Porvir. As flores foram lançadas sobre o caixão (Idem, p. 82).

A cerimônia de sétimo dia foi realizada na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Várias partituras foram tocadas pelo maestro Franco. Um batalhão de homens da Polícia Militar fez honras militares. O povo compareceu em grande número, rendendo homenagens ao político Eduardo Ribeiro (LOUREIRO, 2004).

Considera-se importante relatar a cerimônia dedicada ao Eduardo Ribeiro-possivelmente maçom - realizada pela Loja Maçônica⁵², porque expressa a diversidade de cultos, de crenças, de convivência pacífica na sociedade amazonense além de apontar caminhos para estudos históricos evidenciando as atividades da Maçonaria neste sentido em que ainda há pouco material no AM. A Pompa Fúnebre Maçônica foi realizada na Benfeitora Loja Capitular Amazonas. A sessão foi presidida pelo venerável Joaquim Francelino de Araújo, ladeado por Domingos de Andrade e por Nicolau Tolentino, presidente do Conselho de *Kadosh*.

O panegírico ao doutor Eduardo Ribeiro foi feito pelo orador Thaumaturgo Vaz. Também tiveram voz os obreiros Manoel Cândido representando a Loja Esperança e Porvir⁵³; Monteiro de Souza, pela Loja Conciliação Amazonense e Rio Negro e Nina Parga, pela Loja Aurora Lusitana (LOUREIRO, 2004, p. 83).

Micro-história de um homem importante no passado do Amazonas e que até a data de hoje ainda está envolto em mistérios os acontecimentos que culminaram em sua morte. A respeito do seu nome há um silêncio. Percebe-se a importância de ser trabalhar as questões de identidade, de localismo, de preconceito em relação às diferenças. Eduardo Ribeiro era negro, maranhense e foi um dos governadores do Amazonas que só veio a conhecer eleição para governador em 1900.

Apesar desta aparente “nebulosa” que envolve o nome de Eduardo Ribeiro, a obra realizada por ele tem sido considerada por seus aspectos de embelezamento e pela preocupação com a saúde coletiva.

[...] foi o típico representante dos governantes da era da borracha no Amazonas e teve, provavelmente, a mais bem-sucedida administração. Em poucos anos, conseguiu realizar grande parte dos planos traçados, transformando radicalmente a visualidade da pequena vila, tornando-a uma moderna e graciosa cidade e exerceu forte influência sobre os seus sucessores, principalmente no que tange à política de embelezamento e higiene pública (MESQUITA, 1999, p. 139).

O busto em memória a Eduardo Ribeiro representa uma homenagem da Administração Pública a um homem público. Este tipo de artefato foi muito utilizado neste sentido de homenagear políticos e heróis nacionais.

O busto representa Eduardo Ribeiro vestindo um uniforme militar. No meio da de sustentação do busto, uma coroa de folhas com laço, em alto relevo, no mármore branco. As

⁵² Sobre Maçonaria. Luzes e Sombras. A Ação da Maçonaria Brasileira (1870-1910). BARATA, Alexandre Mansur. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999.

⁵³ Primeira Loja Maçônica no AM data do ano 1872.

folhas representam coroamento de vitórias, evocando os “louros da glória”. Registra-se ausência de representação que indiquem que Eduardo Ribeiro pertencia a Maçonaria.

Representante da esfera pública J. Pérez



Figura: 65 - J.Jefferson C. Peres *19/03/1932 + 23/05/2008.

Jefferson lindo irmão
O teu vôo luminoso
Rasgando nuvens de pedra
E afastando ventos ásperos
Do céu sombrio da pátria
Era como de bravos pássaros
Desta floresta querida
Ameaçada de extinção.
Teu coração não parou:
Segue cantando sereno
E poderoso no peito
Fatigada do teu povo.
Deixas a força estrelada
Da esperança: a redenção
Da ética desvanecida
E o triunfo das virtudes
Dos verdes da nossa infância. (Thiago de Mello)

Imagen: Randiza Santis, 2009.

Atualmente esta placa com imagem homenageia a memória do homem público Jefferson Péres. O Senador J. Péres se destacou no cenário nacional por sua integridade moral e valores éticos num País onde o dever cumprido de maneira exemplar é considerado exceção.

Esta paisagem denominada de Personalidades pode usar da comparação entre os políticos enterrados no local, comparando a época (temporal) e as representações utilizadas como homenagem à memória.

Na Q. 02 encontram-se Eduardo Ribeiro e Leonardo Malcher.

Na Q. 08 localizam-se os jazigos de Plínio Coelho, Álvaro Maia (PREFEITURA MUNICIPAL, 2005).

Na Q. 14 localiza-se o jazigo do Senador Lucena.

3.4.1.5 – Paisagem Singularidade

Jazigo com Escultura de Cachorro



Figuras: 66 - Singularidade: Jazigo com escultura do cachorro.

Onde a memória do ente querido foi homenageada levando em consideração os laços afetivos do falecido com um animal de estimação da família, esta lembrança nos traz à tona o Egito Antigo em que os animais eram considerados sagrados.

Fonte: Victória Cupper Orlandini, 2005.

Este jazigo conforme figuras, localizado numa das quadras principais do C.S.J.B. (Q. 08) foi o mais apontado pelos alunos do Ensino Fundamental de uma escola particular de Manaus, em que a professora de Geografia realizou junto com outros colegas um Estudo do Meio no Cemitério. Os alunos em sua maioria consideraram este jazigo como o mais interessante, o mais bonito, por este motivo ele foi escolhido para compor a paisagem de aprendizagem denominada de Singularidade.

Conta a lenda urbana no cemitério que “no mausoléu da família Salem onde tem a escultura de um cão, que ao morrer o dono, o cão que era muito apegado ao mesmo, começou

a vir para o cemitério e da beira do túmulo não quis mais sair, recusando comer e beber. Foi definhado e morreu. E foi enterrado ao lado do dono.”

Vamos relatar o que aconteceu segundo um membro da família;

Nossa família, meus avôs eram sírio-libaneses e vieram na primeira leva de imigrantes para a Amazônia. Aqui chegando abriram comércio, a loja Borboleta. Moravam perto da igreja dos Remédios, numa subida. Vavá era o filho mais moço, mimado e foi um dos primeiros rapazes a ter automóvel na cidade. Ele namorava com uma moça chamada Verônica, porém este namoro não era do gosto da mãe dele.

Um domingo saiu a passear com Verônica - que estava grávida de três meses - ao passarem na rua Recife, aonde é o passeio do Mindú, havia uma ponte em reforma, por ser de noite, a escuridão atrapalhou e o carro caiu no igarapé. A moça morreu logo em seguida, Vavá sofreu fratura da cervical que lhe deixou sem movimentos. Como a família tinha posses ele foi para o Rio de Janeiro para ser tratado, porém não resistiu e veio a falecer. Foi enterrado no Rio de Janeiro. Quando o pai dele morreu a família fez o translado do corpo e trouxe os restos do filho. Estão enterrados no mausoléu da família Salem. Minha mãe e irmã do Vavá querendo homenageá-lo mandou construir uma escultura em bronze do “Douglas”, que era o cão de estimação do rapaz. O cão era adestrado, costumava buscar o jornal na boca e trazê-lo para a família, entre outras coisas. Este cão morreu de morte natural. Deixou um filhote que ficou na família por um bom tempo (RELATO ORAL).

Esta é a história do mausoléu , do rapaz e do cão de estimação. A história a seguir é da pessoa que nos cedeu às informações. Conversando com a entrevistada ela quis falar sobre o assunto cemitério e disse:

Minha mãe era viúva e meu pai também. Meu pai tinha dois filhos. Eles se conheceram no cemitério de São João Batista quando visitavam seus cônjuges falecidos. Caiu uma chuva forte e eles se encontraram na capela, onde travaram amizade. Naquele dia meu pai levou minha mãe em casa de bonde. Um ano depois se casaram e a família aumentou pois meu pai já tinha dois filhos e tiveram mais dois.”

O cemitério sempre fez parte da vida desta família, onde as crianças iam ao cemitério com a naturalidade de quem ia em outro local, onde brincavam sem medo e ainda aprendiam informações sobre os mausoléus mais conhecidos. Procuravam pelo túmulo mais antigo o que está localizado na quadra 01, na rua principal da entrada pela Praça Chile, túmulo do dr. Aprígio, que foi o primeiro sepultamento.

Esta pessoa representa uma parcela considerável que cresceu indo a missa, ao cemitério em datas pontuais e que entendeu o objetivo da leitura do cemitério como fim educacional. Pois é pedagoga. E disse nos disse que tudo fazia sentido. Que a morte deveria ser tema de estudo nas escolas. Segundo ela referindo-se a um filósofo disse-nos: “falar da morte é falar da vida. Ensinar a morrer é ensinar a viver”.

O túmulo mais representativo para ela é o que tem as mãos postas em oração. Alegou o motivo por ter acompanhado a construção dele.

Percebe-se pela presença das fotos em porcelana que diversos membros desta família estão enterrados no mausoléu que leva o nome do patriarca da família.

3.4.1.6 – 6^a paisagem: Pluralidade Cultural

Capela em formato de Mesquita



Figura: 67 - Capela em formato de Mesquita. Construção que evidencia o C.S.J.B. como paisagem cultural da/na cidade de Manaus. Presença do Multiculturalismo.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2005.

Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar e valorizar a diversidade étnica e cultural que a constitui. Por sua formação histórica a sociedade brasileira é marcada pela presença de diferentes etnias, grupos culturais, descendentes e imigrantes de diversas nacionalidades, religiões e línguas, grupos diferenciados (PCNs, 1997).

No que se refere a composição populacional, as regiões brasileiras apresentam diferenças entre si; cada região é marcada por características culturais próprias, assim como pela convivência interna de grupos diferenciados.

O jazigo acima está localizado na Q.09, uma das quadras mais centrais do C.S.J.B. e pertence a uma família influente da região. A construção possui dois minaretes e um pórtico em arco evocando semelhanças com as mesquitas. Procede-se à mesma óptica adota na figura 32, que também traz em suas linhas similitude com a arquitetura otomana.

O professor poderá através de imagens ou visitação ao cemitério mostrar que “o “outro” é, simultaneamente, o “antepassado”, aquele que legou uma história e um mundo específico para ser vivido e transformado” (PCNs, 1997, p. 33).

Dando prosseguimento a Paisagem Pluralidade Cultural o exemplo a seguir é muito auspicioso para Estudos do Meio no C.S.J.B. por possuir componente histórico-cultural diferenciado. Em Manaus, o Cemitério Judeu se constitui uma singularidade devido sua localização contígua ao C.S.J.B.

O mesmo integra mediante a leitura do Cemitério de C.S.J.B. “Paisagens de Aprendizagem” exemplificando a Pluralidade Cultural, presente no cemitério e, que por si demonstra a existência desta pluralidade na sociedade amazonense, sendo portanto de importância singular a referência ao Cemitério Comunal Judaico.



Figuras: 68 e 69 - Portão de entrada Cemitério Comunal Judaico, esta voltado para o leste.

Placa situada à entrada do Cemitério Comunal Judaico.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2005, 2007.

Em relação à imagem 69, destaca-se a Epigrafia em hebraico e português, onde se lê em português a seguinte prece:

Ó Eterno Deus Nosso.
Tem Misericórdia com
as almas de todos os
Israelitas Falecidos,
Homens e Mulheres e Crianças
E Principalmente com as Almas dos Nossos Santos Mestres.
Da-lhes o Repouso TU-REI
Na tua misericórdia compadece-te
E põe as suas almas na mansão
Da vida eterna.

Es o seu único legado.
 Da-lhe a paz fruto de sua misericórdia
 E do teu perdão.
 Assim seja a tua
 Vontade E digamos Amen.(Epigrafia escrita em português e hebraico, C.C.J. ,2007).

O Cemitério Comunal Judaico fica contíguo ao C.S.B., porém, não faz parte do mesmo. Existe uma entrada separada e, tem uma época do ano que não é permitido a entrada de visitantes. A entrada é feita por um portão em ferro e sua localização coincide com o ponto Cardeal Leste (Ver a figura 68).

O Cemitério Judeu foi criado em Manaus em 1928. De acordo com Samuel Benchimol, (1999), Isaac José Perez, prefeito de Itacoatiara, conseguiu junto ao governador Efigêncio Sales, a troca de um terreno aos fundos do cemitério de São João Batista, por um terreno melhor situado ao lado do Cemitério de São João Batista. Foi comprado e gradeado. Leon Perez filho de Isaac Perez faleceu vitimado de febre amarela e foi enterrado inaugurando o Cemitério Judeu em 12 de setembro de 1928. (Idem, 1999, p. 275).



Figura 70 - Cemitério Comunal Judaico. Visão geral. No primeiro plano as pedras deixadas nas visitas dos judeus aos túmulos judaicos. Faz parte da tradição. Os judeus utilizam o mármore branco onde ficam poucos caracteres. A morte os iguala. Não há ostentação, ausência de monumentalidade. A epigrafia é encontrada somente em hebraico ou em hebraico e português. Alguns jazigos apresentam a estrela de Davi.
 Imagem: Victória Cupper Orlandini, 2007.

Pela primeira vez em Manaus a comunidade Judaica executou *Kadish* (Oração pelos mortos) dito por um judeu para um filho seu na *Mearah* (cemitério em haquitia) de Manaus, pois anteriormente os judeus eram enterrados no cemitério católico, ao lado, sem nenhuma

cerimônia, pois praticamente não existia comunidade organizada e nem talvez *minyan* (quoron de 10 judeus) para dizer o *Kadish* à beira da sepultura (*keburah*). (Benchimol, 1999, p. 319).

O Cemitério Judaico é perceptivelmente diferente do cemitério de São João Batista, seja pela ausência de construções tumulares e adornos; seja pela prática do não uso de velas e nem flores. Os túmulos são simples, de linhas retas e com lápide em mármore com inscrições em hebraico e em português. Os familiares costumam colocar pedras de seixo no túmulo quando em visita. Perto do muro existe um recipiente com as pedras. Faz parte da tradição judaica. Dentro da cultura judaica, os lugares rentes ao muro são destinados aos suicidas e prostitutas⁵⁴.

Os judeus reverenciam os mortos no período do Yopo, entre o Rosh Hashaná e o Yom Kipur, coincide com a data 16 de setembro, do calendário gregoriano. Conforme citado anteriormente, objetiva-se apontar diferenças na paisagem cultural do cemitério de São João Batista que demonstrem diferenças na maneira de pensar e agir sob influência de diferentes culturas, e a partir desses indícios e de comparação, apontar evidências, no tempo e no espaço, de culturas e elementos das culturas (WAGNER e MIKESELL, 2003, p. 31).

Ao nos depararmos com a riqueza de informações a cerca da pluralidade cultural encontrada no cemitério e, que é espelho da sociedade amazonense, refletimos sobre a importância da escola que deve ser local da aprendizagem de que as regras do espaço público democrático garantem a igualdade, do ponto de vista da cidadania, e ao mesmo tempo a diversidade como direito.

A escola deve ser local de diálogo da vivência dos princípios democráticos no interior de cada escola. Esse aprendizado exige no trabalho cotidiano de buscar a superação de todo e qualquer tipo de discriminação e exclusão social, valorizando cada indivíduo e todos os grupos que compõem a sociedade brasileira (PCNs, 1997).

A transversalidade segundo os PCNs (2000, p. 40) além de enfatizar a importância da relação entre as disciplinas, permite uma relação entre: aprender na realidade e da realidade de conhecimentos sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade), “permitindo uma maior compreensão dos diferentes objetos do conhecimento, ao mesmo tempo que favorece a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos” (PCNs, 2000, p. 40).

⁵⁴ Semelhante ato discriminatório ocorria em São Paulo com os escravos, fugitivos e assassinos que eram jogados no mato. “c.f” p. 52 (CYMBABLISTA, R. 2002).

Vê-se na transversalidade a oportunidade de trabalhar o cemitério na visão da Pluralidade Cultural exercitando a interdisciplinaridade.



Figura: 71 - É comum encontrar no Cemitério de São João Batista, adolescentes andando de bicicleta, nos finais de semana. Perguntados, responderam que ali dentro é mais tranquilo que nas ruas adjacentes. Ao fundo o portão principal da entrada pela praça Chile.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2007.

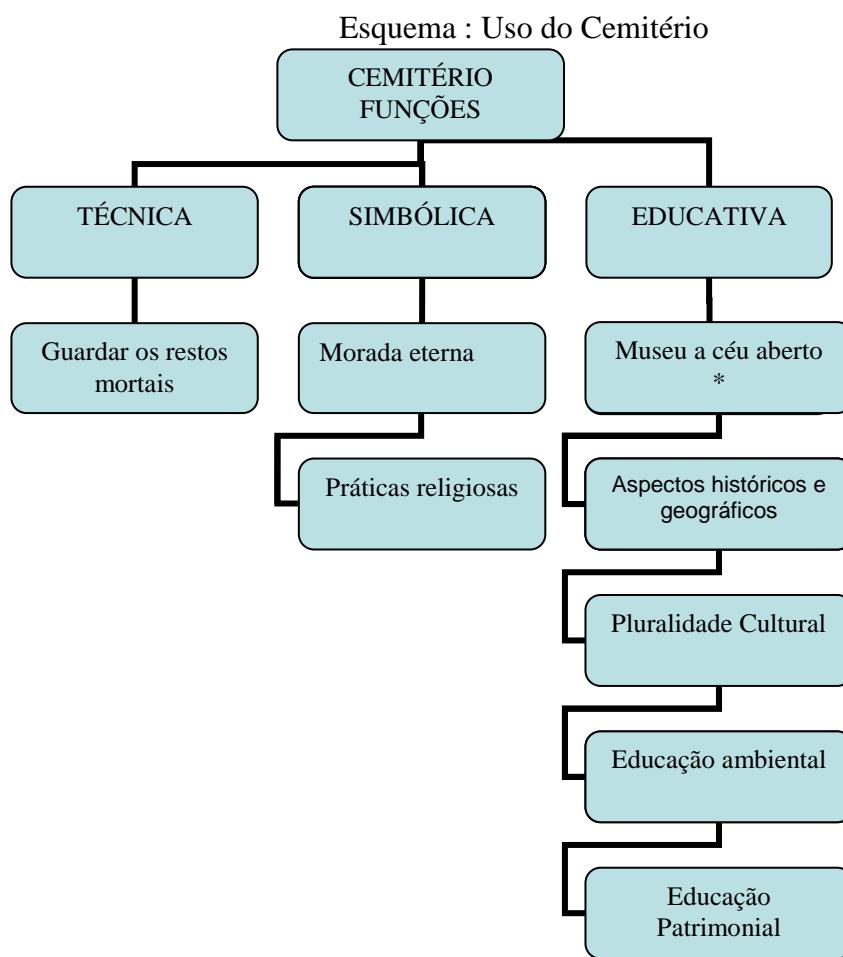
3.5 – Idéias Norteadoras para Estudo no Cemitério

Através desta possibilidade de ver o cemitério como lugar que também educa coloca-se à disposição dos professores um novo objeto de estudo – cemitério - a ser olhado, analisado, interpretado, sentido, compreendido em alguns aspectos como a valorização da identidade cultural, arquitetura como testemunho de um dado período, simbolismo e a representação contida no espaço através dos adornos - obras escultóricas - que carregam em si informações através de signos verbais e não-verbais (BORGES, 1991, p. 224-226), a temporalidade (tempos acumulados), mudanças culturais e espaciais, entre outras possibilidades.

Nesta óptica, o Estudo do Meio no cemitério contempla trabalhar a Pluralidade Cultural, um dos Temas Transversais. A proposta do cemitério enquanto espaço educativo atende a inserção de um dos temas transversais a Pluralidade Cultural especialmente na área de Geografia, ciência social que estuda as inter-relações do meio, que pode no projeto pedagógico da escola servir de “base” para a implementar a interdisciplinaridade, que leva em conta a realidade multifacetada e as implicações que daí decorrem, condenando a

segmentação dos saberes, enfatizando a inter-relação “epistemológica dos objetos de conhecimento”, enquanto a transversalidade diz respeito principalmente à dimensão da didática (PCN, 2000, p. 40).

Elaboramos um esquema para didaticamente identificar as funções encontradas no Cemitério de São João Batista que se coadunam com a educação visivelmente apontada, porque o cemitério guarda em si informação, elementos a serem utilizados pela educação, valorando os seus aspectos, históricos, espacial, ético e estéticos.



Quadro: CUPPER, M.T.R. 2008.

[* Esta função de considerar o cemitério como museu a céu aberto poderá se desvincular do aspecto educativo formal. Porém, está função contém educação no sentido de que o museu guarda a memória social e cultural de um povo].

O esquema acima representa algumas das possibilidades de uso do cemitério. Percebe-se que a função educativa é que mais apresenta opções de uso. Corroborando desta forma com

o pensamento inicial de que o cemitério pode ser visto, entendido e utilizado como espaço educativo.

O cemitério visto como um museu a céu aberto poderá ser visitado por alunos de artes, como já acontece nas aulas do professor Otoni Mesquita do curso de Artes Plástica, da Universidade do Amazonas, que utiliza-se das esculturas lá expostas para modelo e exemplificação.

- Educação Artística. [...] expressa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nº. 9.394/96, em seu Art. 26 “– 2º O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Considerou-se a como uma das disciplinas importante neste estudo do meio que poderá utilizar-se de outros recursos estimuladores como fotografia e filmetos dentro de uma proposta educacional que usa de várias linguagens para atingir o objetivo principal: formar no aluno uma base sólida de conhecimentos práticos, que permitam a inserção do mesmo na sociedade em constantes mudanças, bem como proporcionar que o educando se aproprie pela educação formal de um legado histórico cultural e artístico, guardado no Cemitério de São João Batista, e que são expressões inegáveis das sociedades, representam a cultura e a mentalidade das épocas em que foram criados.

E nos aspectos arquitetônico como no exemplo do professor Baze da Ulbra que se utiliza das formas e dos artefatos do local para ilustrar aulas no curso de Arquitetura. Neste sentido em que o Cemitério é visto como memória, apontamos a Idéia Norteadora: **A Extinção do Cemitério São José e o translado dos artefatos.**

Ao lado da História, principalmente na sua óptica social, que entende a História Cultural como conjunto de significados partilhados que exprimem o mundo social.(UFAM, 2007). Um dos conceitos norteadores do Ensino do Meio é o tempo histórico como resultante das transformações do processo de interação natureza/sociedade. O tempo histórico se caracteriza pela sucessão, duração e simultaneidade envolvendo nesta aprendizagem a aquisição de noções de anterioridade e posterioridade, bem com as alternâncias – continuidade e descontinuidade. Consideramos que a História sofreu mudanças em suas vertentes afastando-se das práticas que lhes apontavam como redutora da importância do aluno como agente de sua própria história. A História Crítica desmente a ideologias mascaradas dentro do processo histórico.

Neste sentido, no campo constatou-se que o translado de um cemitério para outro procurou preservar as peças escultóricas de maior valor, em muitas delas o material utilizado foi o mármore de Carrara. Possivelmente os túmulos de pessoas oriundas de famílias

tradicionais da sociedade amazonense tiveram o translado do túmulo e dos adornos para o novo cemitério de São João Batista. Porém, muitos outros foram enterrados no túmulo monumento coletivo. Uma placa indica os nomes dos enterrados ali.

Pode-se trabalhar este aspecto acima mencionado enfatizando a história da cidade e dos homens que a construíram, fazendo menção à imigração européia, o apogeu da borracha que culminou em Manaus com grandes obras de embelezamento da cidade como a construção do Teatro Amazonas, o aqueduto da Castelhana e o próprio cemitério de São João Batista, entre outros.

No cemitério de São João Batista, espaço delimitado por muros e gradis, encontra-se túmulos com características orientais, outros com características mulçumanas, e ainda, outros com características judaicas. Segundo Borges (2007) a presença do cemitério comunal judaico, em anexo, é uma característica importante do Cemitério de São João Batista, em outros cemitérios brasileiros, não existe cemitério judaico desta dimensão, disse-nos ela pessoalmente. Importante frisar que dentro do cemitério cristão é possível encontrar túmulos de judeus, que foram enterrados antes da construção do Cemitério Comunal Judaico, em 1928, como o túmulo do “Rabino milagreiro” como ficou conhecido. Aponta-se os temas Transversais **Pluralidade Cultural e Ética** para contemplar estudos nesta óptica.

-Língua Portuguesa. Este estudo do meio oportunizará ao aluno refletir sobre o caráter transitório das mudanças e que as mesmas podem ocorrer tanto nas paisagens naturais, nas culturais, no uso da língua, costumes, etc. Porém, algumas mudanças são mais difíceis de se estabelecerem de serem aceitas, principalmente quando tangem a assuntos considerado “tabu”. Nos diversos tipos de sepulturas encontrados no Cemitério de São João, é possível fazer um levantamento das **reformas ortográficas** ocorridas desde o século XIX, a começar pelo próprio nome do Cemitério que era assim grafado: São João Baptista.

- Matemática. Dentro dos cemitérios há “micro universo” formado de números, medidas, formas, relações métricas que expressam a utilização da quantificação. Do raciocínio lógico ao abstrato.

- Ciências Biológicas. Muitas possibilidades de aproveitar o espaço do cemitério como exemplo dos conteúdos programáticos desta disciplina que para sua aplicabilidade e assimilação trabalha com os conceitos de tempo, espaço e movimento (dinâmica) envolvendo fenômenos que ocorrem no meio natural e social. O objeto cemitério poderá ilustrar os conteúdos sobre problemas ambientais, micro-clima urbano, levantamento da flora e fauna, entre outros tantos temas de relevância.

- Temas transversais. Precisam ser interpretados como eixos temáticos que traduzem a urgência dos temas a serem trabalhados na educação com afinco a fim de minimizar os problemas sociais. Através dos Temas Transversais, novas oportunidades de trabalho são apresentadas aos professores para que de forma “transdisciplinar” possam contribuir no processo educativo formando indivíduos mais preparados e com visão de mundo ampliada onde o respeito as semelhanças e as diferenças tenham a mesma proporcionalidade.

O tema Pluralidade Cultural é um forte “norte” desta proposta de estudo do meio no cemitério através da “Leitura do Cemitério de São João Batista” pois evidencia as construções tumulares e as representações onde as características culturais expressam a pluralidade da sociedade amazonense.

- Educação Ambiental. A questão ambiental não se refere apenas a problemas ambientais físicos, naturais. A óptica social deve ser contemplada nestes estudos. Porém, comumente em estudos cemiteriais a grande preocupação é com o aspecto de possível contaminação do lençol freático. Apontam-se como Idéias Norteadoras as questões de poluição das águas subterrâneas, poluição sonora, poluição visual, **falta de arborização nas cidades**, resíduos, etc.

- Ética. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), Ética poderá ser empregado na expressão clássica de “Educação Moral”. Neste sentido entendeu-se que o Cemitério de São João Batista poderá ilustrar exemplos concretos. Sendo a Ética o ensino da conduta humana em sociedade onde valores como justiça deverão ser entendidos como igualdade e equidade para todos e, que deverão pontuar a educação de modo geral, permitindo que o educando desenvolva sua autonomia moral, condição para a reflexão ética. O contato com o cemitério permite que desde cedo o educando tenha experiência com a morte no sentido filosófico. Visitar cemitérios proporciona o despertar da consciência e a racionalização para o fato de que a vida faz parte de um ciclo biológico.

- Educação Patrimonial. O estudo do Cemitério tem muito a dizer a Educação Patrimonial. Refere-se ao Patrimônio Cultural proveniente de bens de natureza material e imaterial oriundos do passado. Através da disseminação dos fundamentos da Educação Patrimonial, locais como o C.S.J.B poderão **integrar os catálogos** dos pontos de maior relevância no turismo cultural e histórico de Manaus. A arquitetura junto ao folclore, a música, a arte, a tradição, as manifestações do modo de viver, representam a cultura.

Idéia Norteadora: Apontar na paisagem encontrada resquício da paisagem natural. Comparação entre Paisagem natural/Paisagem transformada ou construída.



Figura: 72. Visão Aérea do C.S.J.B.

Fonte: Prefeitura Municipal de Manaus, 2007.

Observando a imagem acima percebeu-se que a arborização no Cemitério de São João Batista é rala, apresentando muitas falhas, entretanto, apesar dos funcionários dizerem que não é possível plantar nada lá dentro porque estragaria as sepulturas, espécies arbóreas e arbustos continuam nascendo à revelia, conforme a composição de imagens 72.



Figuras: 73 – Arborização.

Imagen: Victória Cupper Orlandini, 2009. Randiza Santis, 2009, Lorena Duarte, 2009.

Ao desenvolver o Estudo do Meio os professores poderão identificar a viabilidade de um projeto para arborização do cemitério, utilizando-se de espécie com raiz axial, para evitar danos às construções. **Adornar** as árvores existentes com bromélias e orquídeas regionais pode ser uma idéia excelente para enriquecer a **paisagem estética** local. Um projeto que poderá ser desenvolvido com parcerias entre escola e Secretaria do Meio Ambiente, envolvendo os Cursos de Engenharia Florestal e Agronomia, podendo também pedir colaboração ao INPA.

Poder-se-á incentivar estudos de comparação por meio de imagens com objetivo de comparar e analisar se ao longo do tempo a arborização do Cemitério S.J.B. diminuiu, em vez de positivamente aumentar.

Idéia Norteadora: Tempos Longos e tempos curtos. Cemitério como “palco de transformações”. Sepulturas Perpétuas.

O aspecto acima evidenciado serve para estudos históricos de micro-história e tempo de longa duração. O universo do cemitério possui muitos aspectos que podem ser contemplados no ensino Superior nos cursos de História e Geografia, Teologia, Psicologia.

Em “A História da Morte no Ocidente”, Philippe Ariès (1975) apresenta a história das mentalidades relacionadas com a morte. É possível em estudos mais aprofundados no cemitério trazer à tona aspectos importantes da história da cidade, ressaltando a espacialização dos cemitérios e as práticas e normas de condutas, com caráter universalizante.

O estudo do cemitério como um lugar que também educa ultrapassa a dimensão espacial, se aproxima da paisagem urbana e pode ser vista como “marca e matriz social” cultural atribuída à geografia e expresso deste modo por Santos (1986, p.119), “O espaço geográfico é a natureza modificada pelo homem através do seu trabalho”; agregando outros aspectos: históricos, econômicos, éticos, estéticos, etc.

Cabe a Geografia, como ciência social de síntese o papel de mediação entre as outras disciplinas para um estudo interdisciplinar através de estudo do meio. É importante que o cemitério como uma paisagem cultural da/na cidade, chegue até a escola via educação formal e, que os professores de Geografia lancem o “olhar geográfico” sobre/sob a paisagem do cemitério, principalmente como um lugar que educa, incitando outros professores a reflexão, ao debate e a práxis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Leitura da Paisagem através do Estudo do Meio no Cemitério de São João Batista, o educando vai se deparar com uma paisagem histórica, cultural, formada ao longo do tempo (sucessão de tempos), fragmentos de tempos. Este estudo permite que o educando apreenda desta paisagem a micro-história de uma parcela significativa da sociedade, os ilustres amazonenses, homens e mulheres que colaboraram com o crescimento do Amazonas. E, com ilustres homens e mulheres de outras origens, (nacionalidade) de igual valor que por aqui aportaram no passado viveram e trabalharam em prol de construir um Amazonas do tamanho de sua gente fazendo parte da história do Amazonas.

No Cemitério, o presente e o passado convivem lado a lado. Ilustres e anônimos, importantes atores sociais da política, da história, da literatura, da música, da educação e personalidades da sociedade. Do mesmo modo, os anônimos, aqueles a quem não sabemos a história de vida, a família a quem pertenceu, mas isso não os invalida. Têm o valor intrínseco de ser humano e de pertencimento a um lugar.

Considera-se, então, que esta proposta de Estudo do Meio a ser realizado no Cemitério de São João Batista poderá ser realizado na escola envolvendo às diversas disciplinas do currículo básico (pedagógico) na tarefa de evidenciar neste local aspectos históricos, éticos, estéticos, espaciais e ainda apontar congruências entre as disciplinas inserindo temas transversais em consonância com os objetivos a priori delimitados. No Ensino Fundamental e Médio a interdisciplinaridade poderá oportunizar maior envolvimento entre alunos e professores escola e comunidade. No Ensino Superior os objetivos a serem atingidos dependem do professor e da disciplina a ser trabalhada, com possibilidade de se organizar estudos multidisciplinares.

O cemitério de São João Batista se constitui uma paisagem cultural da/na cidade de Manaus. Sua importância está assentada em três pilares por nós classificado:

1º Pilar - Valor das representações simbólicas como tradução da religiosidade, cultura e identidade. O ser humano é em sua totalidade a soma de suas experiências presentes e passadas, sua identidade pátria, as crenças, mitos e sonhos. E, todos devem buscar espaço para expressão de suas manifestações culturais, sob o risco de que a generalização de práticas alheias desconstruam a identidade pessoal e social, tornando-o um ser despersonalizado com afrouxamento dos laços de pertencimento ao grupo maior que é a nação, ao grupo menor que é a família, e a outros grupos como igreja e clube e agremiações.

2º Pilar - Valor Técnico - Com a liberação da criação de fornos crematórios e de Cemitérios Verticais na cidade de Manaus, uma grande maioria ainda prefere o sepultamento horizontal em espaços como o CSJB e Cemitério Parque Tarumã. Esta preferência fruto cultural de várias gerações deve ser respeitada a despeito da valorização do solo, da busca do lucro, da tentativa de tudo e todos serem abarcados pelo sistema capitalista. No cemitério, embora haja diferenças nas construções, nos artefatos, nas formas de cultuar a memória dos mortos, a morte - este inexorável destino do ser humano, ainda impera e os iguala, fazendo com que a solidariedade na dor seja expressão humanitária a ser mantida através da educação, através do(s) tempo(s) e espaço(s).

3º Pilar - Valor Educativo - O Cemitério de São João Batista (Baptista) mostrou-se desde o nome, que é um espaço onde podem ser realizados “diferentes aprendizagens”, através da micro história que valorizará seus heróis e anônimos, dentro da cultura local onde a convivência entre a diferença expressa a pluralidade cultural- que os torna ao mesmo tempo diferentes e iguais, através do cotidiano que mostra que ali não é somente lugar de dor, de separação, ao contrário, culturalmente a família zela pela memória dos mortos para mantê-los “vivos” no pensamento dos que ficaram, almejando com esta crença que eles também sejam desta forma lembrados. As manifestações culturais e religiosas de uma sociedade estão expressas espacialmente no cemitério. Sendo ele um local público onde não se cobra ingressos fica fácil a sua inserção como um museu a céu aberto a ser desfrutado pela educação formal que certamente vai influenciar na mudança de mentalidades, que, poderá através do tempo, ver o cemitério de outra maneira, valorizando o que nele está contido como valores universais.

Ao transmitir valores culturais que abarcam a religiosidade, a ética, a estética, a história e a geografia de uma dada época estamos trabalhando e construindo um futuro sólido para a memória dos que aqui vivem e morrem.

O Estudo do Meio no C.S.J.B. evidenciou aspectos relacionados a religião que em nosso País é uma temática de grande relevância como atestam Corrêa (2002) e Rosenthal

(2002). Através do Estudo, poder-se-á trabalhar em sala de aula tema tão controverso como a Religião lançando mão do recorte cultural através da dimensão espacial do profano e do sagrado, percebido nesta leitura feita no C.S.J.B.

Ao nos deparamos com tantas informações, algumas singulares, quase “encobertas pelas brumas do tempo” como a cerimônia em homenagem ao ex-governador executada pela Loja Maçônica, outras desconhecidas porque adquirem importância e visibilidade apenas no grupo cultural a qual pertencem como a criação do cemitério judaico, nos faz refletir sobre o tempo que se mostra com absoluto domínio neste sítio e faz com que ao nos deparamos com obras escultóricas de grande beleza estética e de valor histórico-cultural para o Amazonas, se reflita que a valorização da “valorização da cultura” depende da educação formal mas que a mesma pode ser feita de forma informal, em ambientes extramuros.

Sentimos uma profusão de sentimentos em meio a tanta beleza estética, riqueza de detalhes, simbolismos expressando dor, sentimento de perda, paz e tranquilidade, porém ao nos deparamos com os anônimos aqueles a quem somente uma pequena cruz de madeira sinaliza a extinção da vida, paramos, silenciamos, olhamos em volta e murmuramos que o Cemitério de São João Batista é um lugar que também educa.

Concluiu-se.

(Inverno no hemisfério sul. Chuvas na Amazônia. Outono emocional).

Junho de 2009.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelina Regina. Memória, lembrança, imagem: o cemitério. **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre. V. 30. N. 1. P. 105. Jun. 2004.

ARIES, Philippe. **A História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. **O Homem Diante da Morte**. Vol.II. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: **Formação Social e Cultural**. Manaus: Editora Valer, Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

BORGES, Maria Elizia. **Critica de Arte**: especificidade da arte funerária no Brasil e a interdisciplinaridade das suas formas de exposição. Artigo apresentado em forma de comunicação no Congresso Internacional da ABCA, São Paulo, 2002.

_____. **Arte Funerária**: Apropriação da Pietá pelos marmoristas e escultores contemporâneos. In Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXIII, n. 2, p. 15-28, dezembro de 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. 5^a ed. São Paulo: Ed. Global, 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARLOS, Ana Fani A. Apresentando a Metrópole na Sala de Aula. In (Org). **A Geografia na Sala de Aula**. 4^a ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CASÉ, Paulo. **A Cidade Desvendada:** Reflexões e polêmicas sobre o espaço urbano seus mistérios e fascínios. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de Ensino.** Goiânia: Ed.Alternativa, 2002.

CLAVAL, Paul. As Abordagens da Geografia Cultural. Tradução de Paulo César da Costa Gomes. In CORRÊA, Roberto Lobato. CASTRO, I.E., GOMES, P.C.C., (Org) **Trajetórias Geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1986.

CYMBALISTA, Renato. **Cidades dos vivos:** arquitetura e atitudes perante a morte os cemitérios do Estado de São Paulo. São Paulo: Anna Blume, 2002.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga.** Tradução Jean Melville. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** 4^a ed. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. A Dimensão Cultural do Espaço Alguns Temas. In **Espaço e Cultura.** Rio de Janeiro: NEPEC, UERJ, 1995.(1-21)

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

COSGROVE, Denis. Geografia Cultural do Milênio. In CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.) **Manifestações Culturais no Espaço.** Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. **Os Cemitérios e a Espacialização da Morte.** Revista de Geografia. Recife: UFPe, 1996.

COSTA, B. P. As Relações Entre os Conceitos de Território, Identidade e Cultura no Espaço Urbano: Por Uma Abordagem Microgeográfica. In **Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço.** (Orgs.) ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro: ed. Uerj, 2005. [79-113]

COSTA, B. P., Álvaro Luiz Heidrich. A Condição Dialética de Produção do Espaço Social: Microterritorializações. In **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista.** Kozel, Salete, Silva, Josué da Costa, GIL FILHO, Sylvio Fausto. (Orgs.) São Paulo: editora Terceira Margem, Curitiba, NEER, 2007.

CUPPER, M.T.R., CUPPER, V. Olhar Geográfico: “Leitura da Paisagem Cotidiana Sobre o Cemitério São João Batista”. In **Meu Ambiente Amazônico Educação Para Ciência, Tecnologia e Inovação.** Manaus: Anais da SBPC, 2005, p. 58.

CUPPER, M.T.R., NOGUEIRA, A.R.B. “Olhares” Sobre a Morte. In CAVALHEIRO, Juciane, JESUS, C.R. R., BRAGA, Débora (Orgs.). **Anais I Colóquio Nacional Poéticas do Imaginário.** Manaus, UEA Edições, 2009. p.81.

DEBRAY, Régis. **Vida e Morte da Imagem:** Uma história do Olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1993. (21-43)

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano.** 1.Artes de Fazer. 10^a ed.Trad. Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____ **A Cultura no Plural.** Campinas: Papirus, 1995,

_____ **A Invenção do Cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1996.

DUNCAN, James S. O Supra-Orgânico na Geografia Cultural Americana. In CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** 6^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** 2^a ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

HOLZER, Werther. **A Influência de Eric Dardel na construção da Geografia Humanista norte-Americana.** <http://geografiahumanista.files.wordpress.com/2010/11/werther-holzer.pdf>

JAMESON, Fredric. Espaço e Imagem. **Teoria do Pós-Moderno e Outros Ensaios.** 2^a ed. Tradução e Notas: GAZOLA, Ana Lúcia. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1994.

GARCIA, Etelvina. **Manaus: Referências Históricas.** Manaus. Norma Editora, 2005.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A Mobilidade das Fronteiras. Inserções da Geografia na Crise da Modernidade.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

JAMESON, Fredric. **Espaço e Imagem.** Teoria do Pós-Moderno e Outros Ensaios. 2^a ed. Tradução e Notas: GAZOLA, Ana Lúcia. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1994.

KOVACS, Maria Júlia. Educação para a Morte. In **Revista de Psicologia Ciência e Profissão.** Nº 3. Ano 25, 2005. (pág. 485/497)

LIMA, Tania Andrade. De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidades sociais) In **Anais do Museu Paulista**, São Paulo. N. Ser. v. 2 p. 87-150 jan/dez. 1994.

LIMA, Mayumi Souza: **A Cidade e a Criança.** S. Paulo. Ed. Nobel, 1989.

LOUREIRO, Antônio José Souto. **História da Medicina e das Doenças no Amazonas.** Manaus: Gráfica Lorena, 2004.

MCDOWELL, Linda. A Transformação da Geografia Cultural. In DEREK, Gregory, MARTIN, Ron, SMITH, Graham (Org.) **Geografia Humana Sociedade, Espaço e Ciência Social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MESQUITA, Otoni. **Manaus: História e Arquitetura - 1852-1910.** Manaus: Ed. Valer, 1999.

MININNI-MEDINA, Naná. **Anotações sala de aula,** 1997.

MOREIRA, Ruy. O Racional e o Simbólico na Geografia. In SANTOS, Milton et all. **Natureza e Sociedade de Hoje:** Uma Leitura Geográfica. 4^a ed. São Paulo: Hucitec-Anpur. Annablume, 2002.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita.** 10^a ed. Tradução. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

- _____. **O homem e a Morte.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. **A Religação dos Saberes.** O Desafio do Século XXI. Tradução e notas, Flávia Nascimento. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MUMFORT, Lewis. **A Cidade na História.** Trad. Neil. R.. da Silva. Ed. Martins Fonte, 1961.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia. In SILVA, Aldo A. Dantas e GALEANO, Alex (Org.). **Geografia: Ciência do Complexus.** Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.** História e Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- _____. **Artes.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- _____. **Temas Transversais.** 2^aed. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 2000.
- PAIN, S; JAREAU, G. **Teoria e técnicas da arte-terapia:** a compreensão do sujeito. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996
- PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana Enigmas e Revelações.** São Paulo: Ed. Cortez, 2003.
- PASSINI, Elza Yassuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. **Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007.
- PENTEADO, Heloísa Dupas. **Metodologia do Ensino de História e Geografia.** São Paulo: Ed. Cortez, 1994.
- TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Igreja e Cemitério na Província do Rio Grande do Norte: interações entre o sagrado e o profano. In **Mercator.** Fortaleza: Ano 5- Número 09, 2006.
- TUAN, Yu-Fu. Topofilia. **Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente.** Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo /Rio de Janeiro: Ed. Difel, 1980.

- _____. **Paisagens do Medo.** Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo, Ed. UNESP, 2005.
- _____. Geografia Humanística In CRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, 1987.
- RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e Competência.** 16^a ed. São Paulo: Cortez, 2006. Coleção Questões da Nossa Época; v. 16.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. **A Natureza do Espaço.** Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2^a ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SENE, Eustáquio de. MOREIRA, João Carlos. **Trilhas de Geografia.** Espaço Geográfico Brasileiro. São Paulo: Ed. Scipione.
- SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. Metrópole da Morte: **Necrópole da Vida:** Um Estudo Geográfico do Cemitério de Vila Formosa. 2^a edição. São Paulo: Carthago Editorial, 2000.
- ROSENDALH, Zeny. **Espaço e Religião.** Uma Abordagem Geográfica. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- VALLLE, Arthemisia de Souza, OLIVEIRA, José Aldemir de. A Cidade de Manaus: Análise da Produção do Espaço Urbano a Partir dos Igarapés. In _____. ALECRIM, José Duarte; GASNIER, Thierry Ray Jehlen. (Orgs.) Cidade de Manaus: **Visões Interdisciplinares.** Manaus: Edua, 2003.
- VESENTINI, José William. Educação e Ensino da Geografia: **Instrumentos de Dominação e/ou de Libertação.** In CARLOS, Ana Fani A. (Org). A Geografia na Sala de Aula. 4^a ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- VOVELLE, Michel. **Imagens e Imaginário na História.** Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

WAGNER, Philip L. MIKESELL, Marvin W. **Os Temas da Geografia Cultural.** In CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Sites Consultados: (em datas diversas)

[www.prefeituramunicipalmanaus](http://www.prefeituramunicipalmanaus.gov.br/)

<http://www.artefunerariabrasil.com.br/cemiteriosBrasileiros.php>

CABANAS, Ana.

http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/RE_0018_0081_01.pdf